UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

MARCEL VILLEMOR JOFILY DE LIMA

“Paulo amigo”: novas perspectivas e documentos para o estudo da obra de Paulo Prado

Versão Corrigida

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

“Paulo amigo”: novas perspectivas e documentos para o estudo da obra de Paulo Prado

MARCEL VILLEMOR JOFILY DE LIMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos
Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Estudos Brasileiros

Orientador: Profº. Drº Paulo Teixeira Iumatti

Versão Corrigida

São Paulo

2018

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo
© reprodução total

L732

Lima, Marcel Villemor Jofily de

"Paulo amigo" : novas perspectivas e documentos para o estudo da obra de Paulo Prado / Marcel Villemor Jofily de Lima ; Paulo Teixeira Iumatti, orientador -- São Paulo, 2018.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras. Área de concentração: Estudos Brasileiros. Linha de pesquisa: Brasil : a realidade da criação, a criação da realidade.

Título em inglês: "Paulo friend" : new perspectives and documents for the study of the work of Paulo Prado.

Descritores: 1. Prado, Paulo da Silva, 1869-1943 2. Abreu, João Capistrano Honório de, 1853-1927 3. História do Brasil 4. Historiografia 5. Epistolografia I. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação II. Iumatti, Paulo Teixeira, orient. III. Título.

IEB/SBD61/2018

CDD 22.ed. 869.965

Nome: LIMA, Marcel Villemor Jofily de

Título: “Paulo amigo”: novas perspectivas e documentos para o estudo da obra de Paulo Prado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

A todos que contribuíram para meu caminho até aqui.

AGRADECIMENTOS

O famoso psicanalista alemão Wilhelm Reich no início de todas as suas obras colocava como epígrafe a seguinte frase: “Amor, trabalho e sabedoria são as fontes de nossa vida. Deviam também governá-la.”. Dessa forma, todos que agradecerei aqui são pessoas que durante toda essa jornada me trouxeram: amor, trabalho e sabedoria.

Ao meu orientador Paulo Teixeira Iumatti agradeço a oportunidade de ter realizado um trabalho que diz muito sobre mim mesmo. Com a confiança e apoio dele pude traçar um caminho natural no desenvolvimento de um raciocínio crítico e rigoroso.

Agradeço ao Instituto de Estudos Brasileiros e a seus professores, em especial ao professor Jaime Tadeu Oliva e Alexandre de Freitas Barbosa, pela oportunidade de ter pertencido a um espaço plural em todos os sentidos. Trabalhos distintos, conhecimentos distintos, pessoas distintas, um único amor: a pesquisa. Em tempos em que o plural tem muita dificuldade em conviver, o instituto parece um verdadeiro oásis, mesmo com todas as suas dificuldades. A interdisciplinaridade hoje é mais do que uma opção, é a solução para um futuro de mais compreensão e compaixão.

A representação discente que exerci durante um ano junto ao Conselho Deliberativo do IEB, me fez compreender melhor as dificuldades do que é a gestão dentro da universidade, com todas as suas variáveis e especificidades. Dessa forma, agradeço àqueles que trabalham nas funções administrativas, sem a atuação deles, o conhecimento não conseguiria ser disseminado. Em especial, agradeço às funcionárias Cristina e Daniela pelo cuidado e presteza para com os alunos.

Ainda dentro dos agradecimentos aos órgãos públicos, agradeço à Biblioteca Mário de Andrade por todos os esforços e apoio dado para a pesquisa dos cadernos de cópias. Com muito carinho, agradeço a atenção que tive por três semanas da bibliotecária Joana Moreno de Andrade e sua assistente Marilza.

Agradeço também ao Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará pelas informações e digitalização de documentos que se mostraram essenciais para essa pesquisa. Um agradecimento especial à bibliotecária Bárbara Costa que me atendeu com muita prontidão.

Talvez o ponto alto de quando se pesquisa sobre a vida de uma pessoa é o contato com a família. Nessa pesquisa não foi diferente. Dessa forma, agradeço imensamente a disposição

e a atenção da bisneta de Paulo Prado, Renata da Silva Prado Cook que me recebeu em sua casa e me apresentou um pouco do universo da família Silva Prado. Não poderia deixar de expressar um especial agradecimento à sua mãe, Zanith Suplicy da Silva Prado que se prontificou a responder todos os meus questionamentos e interesses com um sorriso muito acolhedor.

Agradeço a toda minha família, em especial aos meus avós, pessoas que me fizeram e fazem me encantar por conhecer o passado. Agradeço ao meu pai por ser meu lembrete de que a vida também é feita de pragmatismo. Agradeço a minha mãe por mostrar que nada se faz sem carinho e cuidado. Agradeço a ambos por terem me proporcionado todos os acessos possíveis ao conhecimento.

À amizade verdadeira de muitos amigos devo muito do que sou. Agradeço a todos que me apoiaram nessa empreitada. Destaco alguns. Murilo Paiva D'Agosta, uma grande parceria da vida, que me acolheu por um tempo em sua casa. Yasser Saleh, sempre com uma palavra de profunda sabedoria ainda que às vezes sobre o Palmeiras. Marco de Rosis, pela resiliência de me mostrar sempre o copo meio cheio...de gin. Iberê Moreno Rosário e Barros, que tanto me instigou a seguir por esse caminho, esse que tem a arte de ensinar como uma missão de vida. Marianna Parro, por todo trabalho que sempre dei, inclusive esse.

Agradeço a dois amigos-irmãos com quem tive o prazer de morar junto durante grande parte do mestrado. Era uma casa de muita brasilidade, como um portal que nos transportava para um Brasil de que hoje sentimos muita saudade ao ler sobre. Guilherme Rocha Freitas, um verdadeiro confidente, confidente de vida, de conhecimento, de elucubrações de alta madrugada. Rafael Melhem, que me ensinou o quanto posso ser feliz observando as coisas simples ao nosso redor. A sabedoria verdadeira está nisso.

Por fim, por ser o mais especial agradecimento, agradeço a Nataly Barros, que tomou a mais corajosa decisão que alguém pode tomar, casar com um mestrando. A confiança e a admiração única pelo meu trabalho, o companheirismo e o amor que parece vir de outras vidas... Eu poderia escrever linhas e mais linhas sobre a importância dessa mulher e ainda assim não conseguiria explicar como ela me mostra todos os dias o amor, o trabalho e a sabedoria.

Nessa versão corrigida, deixo meus agradecimentos à banca examinadora, Professor Marcos Antonio de Moraes, Professor Pedro Afonso Cristóvão dos Santos e Professora Thais Chang Waldman, pelas sugestões e apontamentos apresentados.

“Fays ce que voudras”

François Rabelais, no degrau da
casa de número 31 da Avenida
Higienópolis.

RESUMO

LIMA, Marcel Villemor. **“Paulo amigo”: novas perspectivas e documentos para o estudo da obra de Paulo Prado**. 2018. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

A pesquisa apresentada nessa dissertação pretende trazer novos elementos para o estudo da obra do intelectual e cafeicultor Paulo da Silva Prado (1869-1943). O caminho escolhido para a busca de novos elementos foi o da ampliação da gama documental disponível. Dessa forma, um longo trabalho de pesquisa foi empreendido em lugares como a Biblioteca Mário de Andrade, o Instituto do Ceará e, até, junto à família Prado. Ao lado de cadernos de cópias, anotações e artigos de jornais, uma série de 31 cartas trocadas entre Paulo Prado e Capistrano de Abreu foram encontradas. Em posse de tal material o trabalho propõe uma dupla análise. Em um primeiro momento, a correspondência inédita é analisada juntamente com as cartas já conhecidas. O intuito é a observação da relação de Capistrano de Abreu e Paulo Prado. Posteriormente, empregou-se uma análise das informações coletadas para observar as recepções apresentadas por Paulo Prado em seu livro *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* (1928) de ideias e conceitos desenvolvidos por Capistrano de Abreu em sua obra. Por fim, a dissertação apresenta alguns apontamentos acerca das novas possibilidades no estudo da obra de Paulo Prado.

Palavras-chave: Silva Prado, Paulo da (1869-1943). Abreu, João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927). História do Brasil. Historiografia. Epistolografia.

ABSTRACT

LIMA, Marcel Villemor. **“Paulo friend”: new perspectives and documents for the study of the work of Paulo Prado. 2018.** Dissertation (Master’s Degree in Brazilian Cultures and Identities) – Institute of Brazilian Studies. University of São Paulo. São Paulo.

The research developed in this dissertation intends to bring new elements for the study of the work of the intellectual and coffee farmer Paulo da Silva Prado (1869-1943). The path chosen for the search of new elements was the enlargement of the available documentary range. Thus, a long research work was undertaken in places such as the Mário de Andrade Library, the Ceará Institute and even into the Prado family. Beside notebooks with copies of books, notes and newspaper articles, a series of 31 letters exchanged between Paulo Prado and Capistrano de Abreu were found. In possession of such material, the work proposes a double analysis. In a first moment, the unpublished correspondence is analyzed together with the letters already known. The purpose is to observe the relationship between Capistrano de Abreu and Paulo Prado. Later, an analysis of the information collected was used to observe the receptions, presented by Paulo Prado in his book *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* (1928), of ideas and concepts developed by Capistrano de Abreu in his work. Finally, the dissertation presents some notes about new possibilities in the study of Paulo Prado's work.

Keywords: Silva Prado, Paulo da (1869-1943). Abreu, João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927). History of Brazil. Historiography. Epistolography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Capítulo 1 - Paulo Prado: uma breve trajetória.....	19
1.1 – Um jovem romântico.....	19
1.2 – Anos do café.....	28
1.3 – O idealismo em ação.....	30
1.4 – O desencanto e o pessimismo.....	38
Capítulo 2 – O orientador.....	43
2.1 – As cartas.....	47
2.1.1 – Ano de 1918 e 1919.....	47
2.1.2 – Ano de 1920.....	48
2.1.3 – Ano de 1921.....	53
2.1.4 – Ano de 1922.....	55
2.1.5 – Ano de 1923.....	68
2.1.6 – Ano de 1924.....	73
2.1.7 – Ano de 1925.....	77
2.1.8 – Ano de 1926.....	81
2.1.9 – Ano de 1927.....	85
Capítulo 3 – Uma obra; dois autores.....	89
3.1 – Luxúria.....	90
3.2 – Cobiça.....	97
3.3 – A tristeza.....	105
3.4 – O romantismo.....	109
3.5 – Post-Scriptum.....	111

APONTAMENTOS FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	121
APÊNDICE.....	126

Introdução

Na frenética década de 1920, quando se era convidado para um almoço na casa de número 31¹ na avenida Higienópolis, tinha-se certeza de que ali se viveria o clímax da sociedade paulista da época. No jardim da residência podia-se observar esculturas de Victor Brecheret e uma árvore frutífera bem brasileira: uma jabuticabeira. Uma escada levava para a entrada principal da casa. O primeiro degrau de mármore de Carrara apresentava uma inscrição que revelava ao convidado o universo que estava prestes a penetrar. *Fays ce que voudras*. A presença da inscrição da entrada da Abadia de Theleme do famoso livro de François Rabelais, *Gargântua e Pantagruel*, nos dá uma ideia da complexidade por trás da tarefa a que essa dissertação se propõe.

Por algum motivo que essa dissertação não conseguirá responder, a obra escrita pelo homem de negócios, cafeicultor, mecenas e diversas outras alcunhas que são conferidas a nosso autor, Paulo da Silva Prado (1869-1943) exerce uma espécie de fascinação no imaginário do pensamento social brasileiro. O autor Alexandre Eulálio em sua obra *Livro Involuntário* justifica tal fenômeno ao observar a figura de Prado, dizendo que: “A dualidade surpreendente que ele encarnava, homem prático bem-sucedido e o intelectual com larga folha de serviços prestados à causa da cultura, prosseguia provocando a admiração meio incrédula dos não iniciados.”².

Sua principal obra, lançada em novembro de 1928, foi *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Ainda que o ensaio de Paulo Prado apresente pontos altamente discutíveis, tanto relativos a aspectos formais, como em teses anacrônicas e de cunho racista e moralizante, seu mérito, de alguma forma, a faz conseguir permanecer no tempo e chamar atenção até os dias de hoje³.

Como será observado mais adiante, em uma rápida pesquisa na hemeroteca da Biblioteca Nacional é possível observar o *Retrato do Brasil* citado em diversos artigos de jornais nos momentos de crise atravessados pelo país. Suas teses deterministas acerca do caráter triste do povo brasileiro seguem sendo exploradas pelas análises pessimistas que nos instigam a pensar o Brasil como um país sem futuro, fadado ao fracasso por seu passado duro

¹ Na numeração atual, a residência de Paulo Prado localiza-se no número 617 da mesma avenida.

² EULALIO, Alexandre. Paulo Prado: Retrato do Brasil. In. *Livro Involuntário: literatura, história, matéria e memória*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p.75.

³ Comentários sobre *Retrato do Brasil* aparecem em diversas coletâneas sobre intérpretes do Brasil, com destaque para Fernando Henrique Cardoso (2013) e Ronaldo Vainfas (2000).

e violento. Talvez seja essa a motivação por trás do nosso interesse em estudar o autor e sua única obra.⁴

O estudo sobre o autor e sua obra passa pelo estudo das ideias e do lugar em que são desenvolvidas. Aqui nos utilizaremos da proposta apresentada por Thais Chang Waldman na introdução de seu livro *Moderno Bandeirante: Paulo Prado entre espaços e tradições*⁵. Waldman propõe uma análise que deixe de lado a perspectiva de observar a atuação e a produção de Prado por meio de uma lógica de ‘continuidade’ e ‘ruptura’. Para a autora, a observação das redes de sociabilidade pode trazer melhores respostas (WALDMAN, 2014, p.15). A ideia de romper com a lógica de continuidade e ruptura, em nossa opinião, é o melhor caminho uma vez que são categorias definidas posteriormente e que não necessariamente se fizeram claras para nosso autor dado o caráter subjetivo que ocupavam em sua realidade. Com isso, defendemos que Prado não podia medir como seu comportamento oscilava e sim como algumas de suas ideias eram contestadas na sociedade. Por isso aqui será proposta uma outra categorização guiada por elementos presentes em sua trajetória, como veremos no primeiro capítulo.

Escrever sobre Paulo da Silva Prado pode parecer uma tarefa relativamente simples. Bibliografia limitada, poucas cartas escritas por ele, trabalhos acadêmicos que já parecem ter exaurido todo tipo de análise. De fato, podemos enumerar diversos argumentos que podem apontar caminhos seguros a serem percorridos. Waldman, novamente, nos traz outra interessante afirmação ao escrever que “Paulo Prado é uma figura fora de lugar – que está e não está –, e isso fica muito claro nos comentadores de sua obra.”⁶. Ser fora de lugar dá àquele que analisa uma maior amplitude à análise. Mas será que podemos ampliar assim de maneira indefinida a interpretação sobre alguém?

Foi diante dessa inquietude que esse trabalho pretendeu uma abordagem por meio de uma análise baseada no maior número de informações confirmadas que pudéssemos obter. Queríamos observar menos as nuances trazidas pelos percursos que Paulo Prado fez e mais sobre quem era Paulo Prado naquele momento. Dessa forma, guiados pela ideia de tentar trazer novas informações, empreendemos uma reveladora pesquisa que alterou muito os rumos inicialmente previstos.

⁴ Aqui vale esclarecer que a obra de nome *Paulística*, embora tenha sido o primeiro livro de fato de Paulo Prado, é formada por uma compilação de artigos de jornais publicados por nosso autor. Dessa forma, não a consideramos como uma obra nos mesmos moldes de *Retrato do Brasil*.

⁵ WALDMAN, Thais. *Moderno Bandeirante: Paulo Prado entre espaços e tradições*. São Paulo, Editora Alameda, 2014.

⁶ Idem, p.21.

A primeira vez que tivemos contato com um material novo sobre nosso autor foi em julho de 2017, quando passamos três semanas na seção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade. A seção fica na sala Paulo Prado, que foi criada em 1945, justamente para abrigar a doação da biblioteca pessoal de Prado que havia falecido dois anos antes. A ideia inicial era procurar em alguns livros específicos, mais especificamente em obras citadas em *Retrato do Brasil*, por algum tipo de marginália ou fichas de anotações que pudessem estar junto aos livros. Entretanto, a busca por detalhes desse tipo logo se mostrou infrutífera, com algumas pequenas anotações que não se pode nem afirmar serem de fato de Paulo Prado.

Ao final do primeiro dia a sensação era de que aquela busca teria sido uma boa surpresa se tivesse dado resultados. Mas, são nesses momentos em que somos surpreendidos. A bibliotecária e sua assistente, sem as quais os rumos dessa dissertação teriam sido distintos, nos informou que haviam alguns cadernos que, juntamente com os livros, haviam sido doados. Dessa maneira, tivemos acesso a 81 cadernos de anotações que ali estavam guardados e que nunca haviam sido consultados. Iniciamos um longo trabalho de descrição daquele material que sequer havia sido descrito pela biblioteca. Tudo que existia neles era uma numeração laranja na capa que, posteriormente, nos permitiu concluir que ao menos 38 cadernos não se encontravam em posse da biblioteca.

Como veremos nesse trabalho, os cadernos em sua totalidade consistem em cópias de manuscritos, documentos, trechos de livros antigos, publicações de periódicos do século XIX. Em alguns cadernos, constava o nome de Paulo Prado; em outros, que as cópias foram feitas a pedido de Capistrano de Abreu. Em artigo⁷ publicado na revista do Instituto do Ceará em 2006 sobre o acervo do historiador cearense, o professor Gisafran Nazareno Mota Jucá, da Universidade Estadual do Ceará, discorre sobre a organização dos fundos Capistrano de Abreu e da Sociedade Capistrano de Abreu. O professor também expressa a presença de cadernos de cópias sobre materiais muito parecidos com os encontrados na Biblioteca Mário de Andrade. Dessa forma, podemos supor que os cadernos, em alguns casos, pertenciam a Capistrano de Abreu; e em outros, foram copiados para Paulo Prado a mando do historiador cearense.

⁷ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. SILVA, Ítala Byanca Moraes da. BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. A trajetória de um acervo: explanação sobre a organização dos Fundos Capistrano de Abreu e Sociedade Capistrano de Abreu. In. *Revista do Instituto do Ceará*. 2006. p.115-127.

O contato com o Instituto do Ceará foi a segunda parte de nossa busca por novos documentos. O acervo de Capistrano de Abreu conta com 19 cartas inéditas⁸ escritas por Paulo Prado para o historiador cearense. No que foi possível apurar, as cartas encontram-se espalhadas durante os anos de correspondência entre os dois, sendo a mais antiga de 1920 e a mais recente de 1927. A aquisição da digitalização desses documentos levou nosso interesse por novos materiais a outro nível. A possibilidade de observar as cartas escritas por Paulo Prado com as cartas escritas por Capistrano de Abreu e compiladas por José Honório Rodrigues em obra de 1954 se mostrou uma possibilidade fundamental para aprimorar os conhecimentos sobre a relação entre ambos e observar a construção da obra de nosso autor.

A terceira fase de nossa pesquisa era a última fronteira possível: entrar em contato com alguém da família Silva Prado. Após algumas buscas na internet, encontramos o contato de uma bisneta de Paulo Prado, que nos recebeu de maneira muito solícita. Em posse dela, encontramos as cartas escritas por Capistrano de Abreu que estão na obra organizada por José Honório Rodrigues e mais 12 cartas inéditas⁹. Entre muitas fotos e pequenas anedotas perdidas no tempo, nos lembramos de estarmos estudando uma pessoa que como nós já viveu, tão simplesmente como vivemos nossos dias.

O arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo também foi consultado. No acervo de Mário de Andrade foram encontradas 14 cartas¹⁰ que já foram analisadas por outros trabalhos. No acervo de Plínio Barreto encontramos uma carta enviada por Paulo Prado, na qual Prado agradece e comenta sobre a resenha acerca de *Retrato do Brasil* feita pelo próprio Barreto e publicada no jornal *O Estado de São Paulo*.

Cabe aqui destacar a importância que o acesso ao acervo digital do jornal *O Estado de São Paulo* e à hemeroteca da Biblioteca Nacional tiveram na descoberta de novas informações. No acervo do periódico paulista, todas as entradas sobre Paulo Prado foram revisadas durante os anos de vida de nosso autor. Já na hemeroteca da Biblioteca Nacional, vários jornais como o *Jornal do Commercio*, o *Correio Paulistano*, dentre outros menos acessados, foram exaustivamente vasculhados em busca de informações não só sobre Paulo Prado, mas também sobre a recepção que sua obra causou na sociedade brasileira.

Com essa descrição do processo de pesquisa de novos documentos, podemos dizer que tal material se tornou o cerne de nosso trabalho. Com isso diversas questões levantadas

⁸ Tais cartas encontram-se no Apêndice.

⁹ Tais cartas, também, encontram-se no Apêndice.

¹⁰ Essas cartas por não serem inéditas e serem de fácil acesso não serão anexadas ao apêndice.

durante a etapa do projeto e da qualificação do mestrado foram ou se mostrando improcedentes ou perdendo a pertinência diante da possibilidade de um trabalho mais analítico da fonte primária desse trabalho, o livro *Retrato do Brasil*. Ainda assim, cabe uma breve recuperação do percurso de perguntas encontradas nas diversas fases do trabalho.

A ideia de pesquisa construída no projeto de mestrado previa uma análise dos conceitos, em muitos casos de cunho cientificista, que Paulo Prado utilizava para pintar o retrato de um país marcado por elementos geradores de uma tristeza inerente ao caráter de seu povo. A motivação que nos levava a tal intenção vinha de uma tentativa de compreender a razão pela qual a busca no passado colonial dos males do presente se mostra como algo reincidente em nossa história. Se pararmos para pensar que Paulo Prado pode ser considerado um pioneiro nessa técnica, nossa intenção faria muito sentido.¹¹ Entretanto, como veremos no decorrer desse trabalho, a ideia de busca no passado dos males do presente não é original de nosso autor e, como apresentaremos, não passa de um método de análise sugerido por seu mestre, Capistrano de Abreu. Aliado a esse fato, as ideias levantadas por Prado sobre esse passado se mostram com pouca base teórica, surgindo de elementos muito fugazes, como leituras pontuais, comentários de Capistrano e de fatos e casos vividos por nosso autor.

Na qualificação, apresentada em fevereiro de 2017, as questões propostas migraram do entendimento da obra para o entendimento do próprio Paulo Prado enquanto figura social. A preocupação principal nesse estágio era desvelar a atuação política de Paulo Prado, o que, por fim, obrigava a uma análise de seu posicionamento em sua classe social. Uma abordagem que analisava as origens da elite cafeicultora e como o capital cafeeiro tornava possível uma hegemonia econômica que, por sua vez, derivava em uma hegemonia política e uma tentativa de hegemonia cultural no plano das ideias, foi o caminho escolhido para observar esse indivíduo político que era Paulo Prado. Nesse ponto reside uma discussão acerca de Paulo Prado como um intelectual orgânico à serviço de uma classe dominante. Quando se observam os projetos e ideias do Partido Democrático, fundado pelo Conselheiro Antonio Prado em 1926, pode-se traçar algumas similitudes com as abordagens propostas por Paulo Prado em seus escritos. Dessa forma, a tese que levantamos na qualificação questionava o fato de o *Post-Scriptum* do *Retrato do Brasil* poder, no limite, ser observado como uma espécie de manifesto do Partido Democrático. Nessa dissertação, cotejaremos a dimensão política, mas não mais como algo fundamental para a compreensão da obra de Paulo Prado, que apresenta

¹¹ Curiosamente, quando da pesquisa sobre Paulo Prado no acervo do jornal *O Estado de São Paulo*, as menções a nosso autor têm uma grande frequência nos períodos de crise enfrentados pelo país.

elementos muito mais pessoais do que oriundos de uma organização programática de uma classe, como, no caso, um partido político na década de 1920.

Apresentados os caminhos que essa pesquisa trilhou, podemos admitir que um dos objetivos dessa dissertação é a problematização de algumas percepções criadas pela bibliografia já existente. Ressalvamos que o que aqui se almeja não é observar o documento como o monopolizador da verdade, e sim como um auxiliar na função de construir uma ideia de Paulo Prado mais coerente por meio da compreensão de seu contexto mais completo. Dessa forma, a observação da relação de Paulo Prado com Capistrano de Abreu de início nos permite compreender a dependência que nosso autor tinha do historiador cearense. Como veremos, podemos pensar que grande parte da justificação histórica utilizada por Prado provém do contato com Capistrano. Uma vez que desmistificamos as ideias de Paulo Prado, e com isso melhoramos a observação de sua obra, podemos sugerir novos rumos para a construção de algumas percepções acerca da vida do autor.

Para tal, essa dissertação está dividida em quatro partes. A primeira parte, de caráter introdutório, versará sobre a trajetória de Paulo Prado. Aqui pretendemos observar alguns fatos específicos da vida de nosso autor mostrando o caminho que o leva a chegar à escrita do *Retrato do Brasil*, sua obra máxima. Nessa parte já poderemos observar a utilização dos documentos levantados pelo processo de pesquisa. Eles ajudarão a esclarecer alguns pontos ainda nebulosos na trajetória de Prado.

O segundo capítulo tem por objetivo focar na relação de Paulo Prado com Capistrano de Abreu. Para tal, além de um breve trecho introdutório que pretende situar a relação na vida de nosso autor, propomos uma profunda análise do conteúdo da correspondência trocada entre os dois. Aqui, o objetivo é desvelar todo o tipo de orientação, sugestão, contribuição, apoio, dado pelo mestre a seu discípulo.

O terceiro capítulo segue a mesma tônica do segundo. Nele, o objetivo é analisar as similitudes da obra de *Retrato do Brasil* com duas obras específicas de Capistrano de Abreu, *O descobrimento do Brasil*, de 1883, e *Capítulos de História Colonial*, de 1907. Além de observar no livro de Prado a recorrência de referências usadas por Capistrano em suas obras, procuramos observar também a reprodução de ideias do historiador cearense. O resultado como veremos é uma série de semelhanças que nos leva a acreditar que a obra de Paulo Prado

se aproxima da de Capistrano ao ponto de podermos pensa-la como uma versão prática¹² da obra de seu mestre.

Por fim, a última parte dessa dissertação pretende apresentar alguns apontamentos que surgiram ao processarmos os documentos inéditos aqui expostos, os quais revelam novas possibilidades interpretativas que problematizam ideias trazidas pela bibliografia até aqui escrita sobre Paulo Prado. Dessa forma, a dissertação se pretende muito mais propositiva de novas percepções e visões do que conclusiva. O que aqui se quer é que, ao ampliar a documentação sobre nosso autor, possamos aprofundar as possibilidades de análise, afastando-nos de imagens já cristalizadas pelo tempo.

¹² Nesse trabalho entenderemos por versão prática uma espécie de simplificação das ideias de Capistrano de Abreu com o objetivo de trazer os argumentos e fatos históricos, presentes em suas obras, para perto de um texto mais pragmático e programático como, por exemplo, um ensaio sobre a formação identitária nacional, como o escrito por Paulo Prado.

Capítulo I - Paulo Prado: uma breve trajetória

Nosso autor sempre é lembrado, primeiramente, por outra atividade que não a escrita. O nome de Paulo Prado é presença obrigatória em todos os livros, artigos ou notas sobre o movimento modernista brasileiro da década de 1920. Por meio do mecenato, Prado inseriu-se na vanguarda intelectual, o que pode ter contribuído para um possível afastamento da prática política, lugar natural de um membro de sua classe. Entretanto, como a questão política era a única com real importância, como dizia nosso autor, acabou por encontrar um espaço para deixar sua posição devidamente marcada. Todavia, antes de discorrer sobre a vida de Prado, algumas considerações são importantes.

A primeira diz respeito à questão geracional. Darrell Levi em seu livro *A família Prado*¹³ chama a atenção para o que chama de ‘conflito geracional’ que atinge a geração de Paulo Prado profundamente. O autor norte-americano destaca uma mudança nos costumes que opôs a moralidade do século XIX às experiências modernas incompreensíveis aos olhos da geração imediatamente anterior, a geração do Conselheiro Antonio Prado.

A segunda questão que aqui abordaremos diz respeito às categorizações acerca da vida de Paulo Prado feitas pela bibliografia já existente sobre nosso autor. Aqui pretendemos substituir a ideia da divisão em dois períodos, o diletante e o militante, que, ao nosso ver, é uma divisão que se relaciona diretamente com a ideia de continuidade e ruptura comentada na introdução desse trabalho. Dessa forma, nossa proposta consiste em uma divisão em quatro períodos.

O primeiro seria o período caracterizado por uma ação que facilmente pode ser encarada como romantizada. Tal estágio durou até 1897, quando Paulo Prado retorna ao Brasil e assume a diretoria da Casa Prado Chaves. O estágio seguinte corresponde aos anos que Prado se dedica quase que exclusivamente aos negócios do café. Podemos dizer que esse estágio segue até o evento do convênio franco-brasileiro. O estágio idealista que começa com a mais direta atuação política de nosso autor, segue até 1927, ano da morte de Capistrano de Abreu. Por fim, nossa última parte da periodização sugere um Paulo Prado marcado por uma desilusão completa. Durante o capítulo apresentaremos os argumentos que autorizam essa abordagem.

¹³ LEVI, Darrell. *A Família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977.

Um jovem romântico

Paulo Prado nasceu em 1869, filho de Antonio da Silva Prado e Maria Catarina da Costa Pinto. Seu pai era filho de Martinho da Silva Prado e Dona Veridiana da Silva Prado, esta, filha do Barão de Iguape, aquele, membro responsável pela expansão dos negócios da família. Já sua mãe era filha de um proeminente político, Antonio da Costa Pinto e Silva, que exerceu a função de ministro dos negócios do Império em 1877, durante o gabinete chefiado pelo Duque de Caxias. Em 1888, Antonio Prado foi nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Paulo Prado, como filho mais velho da mais direta linha de descendência da família, tinha um futuro previsível, como todo membro de sua classe social. O que quer dizer que, muito provavelmente, Prado gozaria de extrema facilidade para desenvolver uma carreira política de considerável importância. Entretanto, não foram esses os caminhos por ele percorridos. O historiador americano Darrell Levi desvela em sua obra uma hipótese que pode nos ajudar a compreender o caminho não tão convencional tomado por nosso autor.

Segundo o autor norte-americano, Paulo Prado foi vítima do vazio deixado pela queda do Império em 1889. Prado se formou nesse mesmo ano na Faculdade de Direito de São Paulo, dessa forma, na última turma ainda sob a bandeira do Império. A forte ligação de sua família com as estruturas derrubadas, segundo Darrell Levi, fez com que seu ingresso na vida política fosse dificultado. Ainda nisso, a demora de seu pai, o Conselheiro Antonio Prado, no apoio ao novo regime o relegou a ambições políticas menores, como o cargo de prefeito da cidade de São Paulo. Essa função exerceu por quase dez anos consecutivos.

Aliado a esse fato, Paulo Prado viveu, logo após sua formatura, um intenso romance com Francisca Chichorro Galvão, com quem teve seu único filho, Paulo Caio da Silva Prado. Ainda que Galvão tenha sido filha do Visconde de Maracaju e com isso pertencesse a uma classe social compatível com a de Paulo Prado, o que teria tornado a opção de um casamento algo plausível, nosso autor parece ter preferido o autoexílio na casa de seu tio, Eduardo Prado, em Paris.

Em uma passagem de sua obra sobre a família Prado, Darrell Levi resume bem esse quadro, apontando o caminho não convencional escolhido por Paulo Prado. Vejamos a passagem:

Ainda mais significativa foi o conflito geracional que surpreendeu os Prado. A graduação de Paulo Prado, filho de Antonio e Maria Catarina, na

Faculdade de Direito, em 1889, coincidiu com a queda da Monarquia. Esta justaposição de eventos simbolizou a dificuldade da chegada de uma geração em um meio social e político transformado: ‘Paulo viu fechadas diante de si as portas da carreira que teria seguido se continuasse por mais alguns anos o reinado de D. Pedro II.’ Encontravam-se em ação, também, profundos fatores pessoais. Tivesse Paulo seguido a tradição da elite para os primeiros filhos, teria se casado logo após sua estada obrigatória na Europa, constituindo uma grande família e assumindo seu papel como principal herdeiro das fortunas econômica e política da família. Em vez disso, teve uma vida, enquanto jovem, tumultuada, voluntariosa e mesmo irresponsável, atendo-se às responsabilidades de sua posição apenas na época da Primeira Guerra Mundial.¹⁴

Como apontaremos mais adiante, ao falarmos do capítulo sobre o romantismo em *Retrato do Brasil*, Paulo Prado pode ser visto como profundamente influenciado por uma conduta romantizada que acompanharia ele até os primeiros anos de seu retorno para o Brasil. Do período de quase 10 anos, dos seus 20 a 30 anos, Prado passa longos períodos na Europa, apesar dos protestos de seus pais. Imaginemos um jovem rico, em Paris, no final do século XIX, desfrutando dos círculos sociais e intelectuais de seu tio, tendo acesso a livros, revistas, e tudo que a mais alta cultura pudesse oferecer. Podemos pensar que Paulo Prado vivia uma vida que deslumbraria o mais sóbrio dos jovens. Cabe aqui ressaltar a potencialização que tal imagem ganha quando tal jovem é proveniente de um país que em toda sua vida social procura imitar aquilo que se faz na Europa. Sobre essa vivência da *Belle Époque*, Levi recolhe de Luiz Prado a constatação de que “Muitos deles [membros jovens da família Prado] adotaram estilos de vida da belle-époque que contrastavam marcadamente com as carreiras de seus pais como fazendeiros e políticos.”¹⁵

Mais adiante em seu livro, Darrell Levi nos apresenta um argumento que pode nos ajudar a pensar o motivo da dita ‘rebeldia’ do jovem Prado em não querer assumir uma vida tida como natural a alguém de sua classe. O historiador norte-americano diz que “Se compararmos com a geração precedente, a de Paulo parece ter faltado uma missão que o compelsse na vida. O status da família estava assegurado, apesar de sua marginalização política, como o demonstram generosas homenagens em magazines da época.”¹⁶ Aqui se insere a ideia de geração em um nível mais complexo. A falta de missão da geração de Paulo Prado pode nos indicar uma característica de transição, não tanto pela questão do tradicional e do moderno, mas mais por suceder uma geração de grande destaque, a geração de 1870¹⁷.

¹⁴ Idem, p.108.

¹⁵ Idem, p.111.

¹⁶ Idem, p.232.

¹⁷ Sobre a Geração de 1870, cf. ALONSO, 2002.

Acerca da questão geracional, utilizaremos a divisão proposta por Antonio Machado Neto em seu livro *Estrutura Social da República das Letras*¹⁸. Podemos observar que aqueles que Machado coloca como pares de Paulo Prado em sua geração, com raras exceções, pertencem a famílias que diferentemente dos Prado não possuem na virada do século uma condição financeira tão vultosa. Vale destacar a passagem em que Machado Neto apresenta a geração à qual Paulo Prado pertence:

A geração de 1863 a 1877 é a de Bilac, Coelho Neto e Euclides. É a segunda geração parnasiana e da quase-vigência – se assim nos podemos expressar – do simbolismo. Na literatura de ficção, destaca-se o regionalismo. No plano das ideias, uma tendência pronunciada para a crítica às instituições de que Euclides, Manuel Bonfim e Alberto Torres são a melhor expressão. No plano de sua atuação social integram-na os boêmios do fim do século, que foram os seguidores de Patrocínio e Silva Jardim nas campanhas da abolição e da república. Integram-na: Raul Pompeia, Catulo da Paixão Cearense, Gonzaga Duque, Coelho Neto, Fábio Luz, Fausto Cardoso, Tito Lívio de Castro, Pardal Mallet, Alcindo Guanabara, Alfredo Pujol, Souza Bandeira, Alberto Torres, Vital Brasil, Olavo Bilac, Simões Lopes Neto, Euclides da Cunha, Pedro Rabelo, Emílio de Menezes, Vicente de Carvalho, Emiliano Perneta, Rodrigo Octávio, Guimarães Passos, Medeiros e Albuquerque, Guerra Duval, Adolfo Caminha, Oliveira Lima, Afonso Arinos, Nestor Victor, Mário Pederneiras, Graça Aranha, Antonio Sales, Manoel Bonfim, Paulo Prado, Dario Veloso, Pandiá Calógeras, Alphonsus de Guimaraens, Pethion de Vilar, Zeferino Brasil, Severiano de Rezende, Oswaldo Cruz, Gustavo Sampaio, Júlio Salusse, Silveira Neto, Batista Cepelos, Lima Campos, Mário de Alencar, Magalhães de Azeredo, Valdomiro Silveira, Francisca Júlia, Amadeu Amaral, Frota Pessoa, João Luso, Pereira da Silva, Auta de Souza, Afrânio Peixoto e Godofredo Rangel.¹⁹

Aqui faremos uma breve digressão sobre o desenvolvimento econômico da família Prado. Primeiramente, devemos apontar como causa principal da estabilidade financeira da família a capacidade de diversificação de seus investimentos uma vez que a produção de café se consolidou no oeste paulista no último quarto do século XIX. Dentre os investimentos, dois, ainda na área do café, se destacam uma vez que aumentaram consideravelmente a rentabilidade do produto no longo prazo. O primeiro investimento foi na malha ferroviária²⁰ que permitiu uma maior expansão das plantações e diminuiu consideravelmente o custo do escoamento do produto até o porto de Santos.

Já o segundo investimento que permitiu à família tomar a dianteira da produção foi o pioneirismo na substituição de mão-de-obra escrava por trabalhadores assalariados emigrados de fora do Brasil. Por fim, podemos apontar que a criação da Casa Prado Chaves em 1887, já

¹⁸ MACHADO NETO, Antonio Luis. *Estrutura social da República das Letras* (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira 1870-1930). São Paulo. Editora Grijalbo. 1973

¹⁹ Idem, p.40

²⁰ Aqui vale lembrar a forte conexão da família com a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Tanto Paulo Prado como seu pai passaram pela diretoria, sendo o último presidente até 1928.

com a participação do jovem Paulo Prado, teve como resultado o domínio completo da cadeia de produção e exportação por parte da família, uma vez que a ideia de uma casa exportadora era a autonomia em relação às casas estrangeiras que dominavam o comércio exportador no Brasil.

Outro investimento que, embora não tão ligado ao plantio do café, teve excepcional papel na consolidação econômica da família Prado foi o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo. A instituição financeira foi criada e gerida pelo pai de Paulo Prado, o Conselheiro Antonio Prado, de 1890 a 1920. Darrell Levi nos dá uma ideia do tamanho do banco ao observar que: “Em março de 1928, a agência do Banco do Comércio e Indústria, no Rio de Janeiro tinha reservas em caixa de mais de 108 mil contos, reserva superada apenas pelo Banco do Brasil.”²¹

Esse domínio e consolidação da produção de café permitiu que a diversificação de investimentos continuasse, permitindo à família tirar grande proveito durante o período da Primeira Guerra Mundial. Em sua obra *Estado e capital cafeeiro em São Paulo (1889-1930)*²², Renato Monsef Perissinotto destaca o pioneirismo da família na produção de carne, que durante o conflito mundial assegurou aos Prados uma excelente rentabilidade. Vejamos a passagem:

Outro investimento que, apesar de certo crescimento, permaneceu secundário foi a pecuária, que se expandiu sobretudo durante a Primeira Guerra Mundial, quando a demanda externa por carne congelada foi muito grande. Neste ponto, o papel pioneiro coube mais uma vez à família Prado, quase que um “tipo ideal” de família do capital cafeeiro.²³

Por fim, para encerramos a digressão, vale ressaltar que Paulo Prado não esteve de todo alheio aos negócios da família. Em 1897, assume a presidência da Casa Prado Chaves na qual permanece até sua morte em 1943, conforme nos informa Isabel Cristina Domingues Aguiar em sua tese de doutoramento *Paulo Prado e a Semana de Arte Moderna: ensaios e correspondências*²⁴.

Como vimos, ao gozar de uma situação financeira familiar extremamente confortável, Paulo Prado, de todos os nomes arrolados por Machado Neto na citação acima, é um dos poucos a se envolver de maneira extremamente pontual na política, além de ser um dos que

²¹ Op. Cit. Levi, 1977. p.249.

²² PERISSINOTTO, Renato Monseff. *Estado e capital cafeeiro em São Paulo (1889-1930)*. Tomo I e II. Editora Annablume. 2000.

²³ Idem, p.89.

²⁴ AGUIAR, Isabel Cristina Domingues. *Paulo Prado e a Semana de Arte Moderna: ensaios e correspondências*. Tese de doutoramento. UNESP. Assis. 2014.

começa a produção literária mais tardiamente. Com isso podemos verificar a procedência da ideia proposta por Levi da falta de uma missão à geração de Paulo Prado no âmbito de sua família. No caso de nosso autor, isso se agrava com a centralização das relações da família na figura de seu pai. Dado esse cenário, Prado acaba focando na relação próxima que desenvolve com seu tio durante sua estadia em Paris. Com isso, podemos apontar que todo trabalho de iniciação intelectual de Paulo Prado se não foi totalmente, teve grande presença de seu tio Eduardo Prado.

Carlos Ornelas Berriel em sua obra *Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado*²⁵ se debruça sobre a figura de Eduardo Prado em uma tentativa de compreender as origens das ideias defendidas por Paulo Prado. Para tal, Berriel explora a relação de Eduardo Prado com os intelectuais portugueses da Geração de 1870, em especial ao grupo que o autor apresenta como “Vencidos da Vida”. O autor também aponta que Eduardo Prado foi quem desenvolveu duas ideias caras à obra de Paulo Prado: a questão da importação de ideias europeias para o emprego na vida ideológica nacional, e a tese da superioridade paulista com relação aos demais brasileiros (BERRIEL, 2013, p.66).

Berriel defende que as ideias apresentadas por Paulo Prado não podem ser consideradas estritamente suas, advindo, portanto, de uma releitura das teses elaboradas pela geração de seu tio. Diz o autor que:

Por outro lado, Paulo Prado possuía poucas ideias que possam ser consideradas como estritamente suas. Elas são uma espécie de reelaboração e adaptação das teses de um grupo de intelectuais com os quais conviveu pessoalmente, e que compunham uma geração anterior à sua, mais precisamente a de seu tio Eduardo Prado. O que está sendo dito aqui é que há uma dimensão de continuidade no Modernismo e que essa continuidade existiu principalmente por intermédio de Paulo Prado.²⁶ (p.16)

Mais adiante em seu livro, Berriel retoma a tese acima, ao analisar a evolução temática da obra de Paulo Prado. O autor acaba por atribuir à falta de originalidade das ideias, o fato de sua obra aparecer ‘pronta’ em 1922. Vejamos a passagem:

Além disso, é preciso centrar a atenção em dois pontos de sua obra: primeiro, cada texto de Paulo Prado, tomado isoladamente, tem a mesma natureza, a mesma substância e a mesma intencionalidade de todos os demais – o que equivale a dizer que a sua efêmera carreira intelectual existiu em função de uma tese básica, que quis fazer triunfar; segundo, as suas ideias sobre arte e literatura dependiam de suas teses históricas, desenvolvidas concomitantemente mas com precedência lógica – embora com publicação um tanto retardada. Esse fato dificulta o trabalho de reconstrução da evolução temática da sua obra, que surge ‘pronta’ em 1922,

²⁵ BERRIEL, Carlos. *Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado*. Editora Unicamp. 2013

²⁶ Idem, p.16.

destruindo a ordem cronológica de seu trabalho: a sequencia evolutiva ficou embutida na longa maturação que veio da convivência com a Geração de 70 e com os interlocutores nacionais de Eduardo Prado.²⁷ (p.131)

Ainda que concordemos que as ideias de Paulo Prado não são originais, como nenhuma no limite é, refutamos a tese de que as ideias expostas por nosso autor estão delimitadas pelo convívio com a geração de seu tio. Aqui apresentamos duas razões para discordar. A primeira poderá ser melhor observada por meio da análise dos capítulos 2 e 3 dessa dissertação. Como veremos, os escritos de Paulo Prado derivam muito mais da relação com Capistrano de Abreu do que com seu tio. Ainda que Eduardo Prado seja visto como um exemplo, não só por Prado, mas também por Capistrano, nosso autor segue de perto as ideias do historiador cearense tanto em *Paulística* quanto em *Retrato do Brasil*.

Outro argumento para refutar essa transferência de ideias, dada como certa por Berriel, reside no fato de que Paulo Prado começa a escrever sua obra em 1922, quase 25 anos depois de seu retorno da famosa temporada na casa de seu tio em Paris. Ainda que a questão temporal não seja suficiente por si só, defendemos, como dito no começo do capítulo, que em 1922 nosso autor encontra-se em sua fase idealista, ou seja, em um momento completamente distinto daquele que vivera na última década do século XIX.

Antes de concluir a exposição acerca da fase tida como romântica de Paulo Prado, vale apresentar uma evidência. Embora não haja até 1920 nenhum artigo assinado por nosso autor no jornal o qual costumava publicar seus textos, *O Estado de São Paulo*, achamos indícios que podem indicar que Paulo ainda bem jovem, com seus vinte anos, tenha ensaiado suas primeiras frases em um periódico.

Na edição de 20 de setembro de 1889 do periódico *A Província de São Paulo* foi publicada uma nota que informava o ingresso de Paulo Prado como redator do periódico *Correio Paulistano*. Segue a transcrição da nota:

Dr. Paulo Prado. Entrou para a redacção do *Correio Paulistano*, o distinto acadêmico sr. Paulo Prado, filho do conselheiro Antonio Prado. O talento do novo redactor do *Correio*, será muito aproveitável à velha folha paulistana. Felicitamos ao *Correio* e ao seu novo redactor.²⁸

Infelizmente na hemeroteca da Biblioteca Nacional não constam as edições do ano de 1889 do *Correio Paulistano*. Entretanto, na edição de 25 de fevereiro de 1890, em uma nota sobre a ida à Europa do Conselheiro Antonio Prado, Paulo Prado é citado como ‘companheiro de trabalhos’. Vejamos a breve nota: “Segue no dia 5 de abril para a Europa o sr. conselheiro

²⁷ Idem, p.131.

²⁸ Publicado no jornal *A província de São Paulo*, na edição de 20 de setembro de 1889.

Antonio Prado com toda sua exma. família. Segue também o nosso distinto companheiro de trabalhos dr. Paulo Prado.”²⁹.

Alguns meses mais tarde, na edição de 6 de abril de 1890, o *Correio Paulistano* emite outra nota acerca de Paulo Prado. Nela o periódico agradece os serviços prestados por Paulo Prado, que se despede do Brasil para passar seu maior período na Europa. Vale lembrar que em 1890 nasceu o único filho de nosso autor, Paulo Caio da Silva Prado. Prossigamos com a transcrição da nota:

Parte hoje para o Rio de Janeiro donde seguirá para a Europa, o nosso excelente e ilustrado companheiro de trabalhos, dr. Paulo Prado. Durante o curto espaço de tempo em que trabalhou ao nosso lado, o dr. Paulo Prado revelou sempre as mais nobres qualidades de espirito e de coração. Desejamos ao distinto moço uma feliz e folgada viagem.³⁰

Se Paulo Prado publicou algo durante esse período, a pesquisa não pôde verificar, uma vez que, como dissemos, não obtivemos acesso às edições de 1889. Entretanto, na dissertação de mestrado *Paulo Prado: cafeicultura, modernismo e política*³¹ escrita por Carolina Brandão Piva, surgem suspeitas de escritos publicados por Paulo Prado antes de seu artigo sobre o convênio franco-brasileiro, considerado por essa pesquisa seu primeiro artigo publicado. Piva se debruça sobre as microfilmagens do *Correio Paulistano* em busca de possíveis crônicas escritas por Prado por volta de 1906. Segundo a autora, as suspeitas teriam sido levantadas por Carlos Augusto Calil em uma conversa na qual o próprio Calil apresentou a ela uma carta escrita por Prado a Mário Guastini em 1926, carta essa que figuraria na edição que, na época, estava sendo organizada pelo próprio Calil. Abaixo transcrevemos a passagem destacada pela própria autora:

O seu folhetim de hoje pôs-me deveras embaraçado. Geralmente discutem-se aqui essas questões de Arte e Literatura como numa partida de futebol, aos pontapés... Expressões amáveis, referências gentis, e uma bondosa simpatia destoam e perturbam. Só um desaforo. É o que se refere à minha colaboração remota no *Correio Paulistano*. Dessa eu já me tinha quase esquecido. Lembrava-me vagamente de um rapaz magro, sempre de preto, com olheiras e romantismo, que namorava pelas colunas do *Correio*. Parecia-se comigo como um irmão. Para que evocar essa aparição? Já se sumiu no passado.³²

Podemos pensar que a contribuição à qual Paulo Prado se refere, inclusive pela possível autodescrição como um típico jovem romântico, seja a que analisamos acima ao

²⁹ Publicado no jornal *Correio Paulistano* na edição de 25 de fevereiro de 1890.

³⁰ Publicado no jornal *Correio Paulistano* na edição de 6 de abril de 1890.

³¹ PIVA, Carolina Brandão. Paulo Prado: cafeicultura, modernismo e política. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. 2009.

³² PRADO, Paulo. Paulística etc. Carlos Augusto Calil (org.). 4ª edição. Companhia das Letras. 2004. p.270.

citarmos sua suposta participação no *Correio Paulistano* no final de 1889 e começo de 1890. Entretanto, Piva, em seguida, levanta a hipótese de Prado escrever nesse período utilizando-se de um pseudônimo. A autora em uma passagem com imprecisões que não nos permite decifrar o enigma, chega ao nome de um bandeirante, que seria o tão importante pseudônimo. Vejamos o que escreve Piva:

Não tendo encontrado as rubricas deste autor nas crônicas examinadas, parti para a possibilidade de Paulo Prado as assinar sob pseudônimo. Encontrei, então, esta possibilidade: concluí, à época, respaldada por minha orientadora, que Paulo Prado as assinava como Fernão Vieira, um trocadilho, talvez, referenciando o bandeirante português Fernão Vieira Tavares: o estilo era o mesmo – “literário sem podridão de literatice”, como dizia Mário de Andrade – e em tom sempre elegante e erudito.³³

Em uma procura na hemeroteca da Biblioteca Nacional encontramos sete crônicas assinadas por Fernão Vieira publicadas de 1905 a 1907 no periódico *Correio Paulistano*.³⁴ Em uma breve análise das crônicas, percebe-se um estilo de redação em alguma medida parecido com os outros escritos de Prado. Somente a primeira crônica se conecta com seus trabalhos mais tardios, no que diz respeito à temática. Nela, Fernão Vieira ou Paulo Prado discorre sobre como era o Brasil à época dos primeiros colonizadores. A crônica explora elementos da natureza e da raça forte que aqui se constitui, temas bem corriqueiros na obra de nosso autor.

Embora possamos aceitar a ideia do pseudônimo, não acreditamos ter elementos suficientes para determinar que Fernão Vieira era de fato Paulo Prado. Mas um trabalho futuro poderá, certamente, desvendar tal enigma.

O período marcado por uma visão romântica de nosso autor se encerra quando do seu retorno ao Brasil em 1897. Nesse mesmo ano, como já citamos, Paulo Prado assume a diretoria da Casa Prado Chaves. Alguns anos mais tarde seu tio, persona tão influente em sua vida, morre, precocemente, em 1901. Iniciam-se assim os “anos do café”.

Como vimos, Paulo Prado tem uma juventude que pode ser considerada atípica para um membro de sua classe. Vale aqui recobrar alguns elementos que justificam essa fase romantizada: o nascimento de seu filho, com nosso autor ainda muito jovem; sua decisão de não se casar com Francisca Chichorro Galvão; seus longos períodos na Europa; a demora para entrar em definitivo nos negócios da família. Podemos pensar que a imagem descrita por

³³ Op. Cit. Piva, 2009, p.28.

³⁴ As crônicas estão nas edições das seguintes datas: 23 de julho de 1905; 11 de fevereiro, 11 de março de 1906; 10 e 17 de março, 14 e 21 de abril de 1907.

nosso autor na carta a Mário Guastini, ‘de um rapaz magro, sempre de preto, com olheiras e romantismo’ seja um perfeito autorretrato feito por nosso autor.

Mais adiante, quando da análise do capítulo sobre o romantismo do livro *Retrato do Brasil*, veremos como essa visão romântica será interpretada pelo próprio Paulo Prado como uma alienação da qual fora vítima.

Anos do café

Até 1917, Paulo Prado dedicou-se quase que exclusivamente aos negócios do café. Em 1906, nosso autor participou do Convênio de Taubaté, no qual, segundo Berriel, foi contrário às propostas apresentadas. De 1913 a 1916, representou o estado de São Paulo na Comissão de Valorização do café, justamente no período que, como vimos anteriormente, permitiu à família uma nova rodada de diversificação e oportunidade de negócios para os Prados. Ao analisar jornais do período observamos que nosso autor costumava viajar com frequência a Londres para eventos ligados ao café como representante de São Paulo.

O período dedicado ao café é o que menos se tem informação sobre a vida e atividades de Paulo Prado. Na periodização aqui proposta o período se encerra com a questão do Convênio franco-brasileiro. A importância do convênio se dá por duas razões principais. A primeira diz respeito ao teor do acordo que de fato é uma atuação ousada por parte de nosso autor. Já a segunda razão consiste na interpretação de ser a negociação do convênio sua ação de maior destaque e alcance na esfera política paulista e nacional.

O convênio franco-brasileiro foi fruto de uma negociação liderada pelo embaixador e poeta francês Paul Claudel e por Paulo Prado em 1917. O mesmo estabelecia a compra por parte dos franceses de dois milhões de sacas de café em troca do ingresso do Brasil na guerra ao lado dos Aliados. Dois pontos devem ser observados nessa questão. Primeiramente, a principal acusação da qual nosso autor foi vítima foi a de beneficiar estritamente a sua própria empresa, a Casa Prado Chaves, uma vez que todo café que fora vendido passou pelo intermédio da companhia (BERRIEL, 2013, p.65). Outro ponto que deve ser destacado é o fato de, nos portos brasileiros, 42 navios alemães terem sido confiscados pelo governo como ato de represália aos constantes ataques a navios mercantes brasileiros. O convênio previa que com a entrada do Brasil ao lado dos Aliados, 30 navios fossem enviados à Europa.

A polêmica em torno do convênio reacendeu-se novamente em 1920, dessa vez por meio do próprio presidente da república Epitácio Pessoa. O estopim para o reinício da polêmica se deu por meio de uma coluna de título “Vária” publicada na edição de 7 de maio de 1920 no *Jornal do Commercio*, que seria supostamente de autoria de Epitácio Pessoa, como aponta Medeiros e Albuquerque em um artigo publicado em *O Estado de São Paulo* de 29 de maio do mesmo ano. Medeiros e Albuquerque começa seu artigo dizendo que: “Jornaes de um incontestável governismo, já revelaram que as ‘várias’ do ‘Jornal do Commercio’ são frequentemente da lavra do Sr. Epitácio. A revelação era quasi inútil, tratando-se, por exemplo, da polêmica que elle está sustentando com o sr. Paulo Prado.”³⁵.

A inimizade com Epitácio Pessoa que nasce nesse período pode ser observada em diversas cartas escrita por Paulo Prado para Capistrano de Abreu. Nosso autor ao comentar sobre a política nacional, principalmente sobre assuntos referentes a ações do governo federal com intuito da valorização do café, chama Epitácio Pessoa de forma debochada e estende sua crítica a todos aqueles que apoiavam o governo do “Tio Pita”³⁶. Thais Waldman nos informa em seu livro que Capistrano de Abreu também nutria certa ironia ao falar do presidente. Segundo Waldman, Epitácio Pessoa teria sido o responsável pela reforma de ensino no colégio Pedro II que extinguiu a cadeira de História do Brasil que era ocupada pelo historiador cearense (WALDMAN, 2014, p.106).

Esse episódio fez com que Paulo Prado publicasse seu primeiro artigo em um jornal. O conhecido artigo sobre o convênio franco-brasileiro, publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 22 de maio de 1922, e compilado na edição de *Paulística etc.* organizada por Carlos Augusto Calil, foi precedido por outro artigo sobre o mesmo tema publicado no 16 de maio do mesmo ano, no periódico *Correio Paulistano*.

Uma carta que acreditamos ser de 21 de março de 1929, escrita por Paulo Prado a Mário de Andrade, a qual tivemos acesso quando de nossa pesquisa no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, revela o interesse de nosso autor pela atividade diplomática. Disse Prado que “a minha tendência é toda conciliatória. Sempre desejei ser diplomata, mas diplomata de verdade, de paiz com encrencas diplomáticas. Presumo que saberia redigir com [ilegível] e gosto o que os francezes chamam une note.”³⁷.

³⁵ Publicado no jornal *O Estado de São Paulo* na edição de 29 de maio de 1920.

³⁶ A carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu datada de 25 de dezembro de 1922 é um bom exemplo do que expomos.

³⁷ Carta de Paulo Prado a Mário de Andrade, 21 de março de 1929. MA-C-CPL, nº5942, Fundo Mário de Andrade, Arquivo IEB-USP

Podemos pensar que o evento do convênio franco-brasileiro, como nosso autor deixa transparecer ao demonstrar certo entusiasmo em seu artigo, foi um acontecimento que gerou em Paulo Prado um grande prazer pelo fato de escrever suas *notes* durante a negociação.

Acerca do apreço de Paulo Prado pela função diplomática, Thais Waldman faz uma interessante relação entre nosso autor e os interesses de um diplomata no período. A autora recupera a ideia da relação entre os diplomatas e a vida intelectual, apontando a tendência documental e o hábito de buscar no exterior documentos sobre o Brasil como práticas de grande apreço por parte de nosso autor. Vejamos a passagem de Waldman:

Como se sabe, há uma relação direta entre os diplomatas e a vida intelectual. O Itamaraty, nesse período, é um caminho muitas vezes escolhido por aqueles que almejavam as letras, a pesquisa histórica e também a política. Desde o século XIX, diplomatas brasileiros se dedicavam ao estudo da história pátria e, atentos ao debate político em torno da formação territorial do Brasil, procuravam arquivos e coleções durante suas viagens. Ao participar desses círculos de sociabilidade, Paulo Prado se aproxima também de uma concepção de história diplomática, essencialmente documental e interessada em desbravar os arquivos europeus.³⁸

O idealismo em ação

O que aqui categorizamos como a fase idealista de Paulo Prado é o que entendemos como a fase em que sua atuação se torna mais visível. Esse período se inicia em 1917 com a negociação do já observado convênio franco-brasileiro e se reforça no ano seguinte com o estabelecimento de uma longa troca de cartas com Capistrano de Abreu, que duraria até o falecimento do historiador em 1927.

A característica principal dessa fase é a busca pela aproximação de círculos intelectuais e políticos e de vanguardas artísticas. Podemos observar isso na diversidade de atuações que Paulo Prado desenvolve durante esse período. No âmbito intelectual, a relação com Capistrano resulta em uma orientação que se pode observar em textos e artigos. Alguns deles foram compilados na primeira edição de *Paulística* em 1925, outros escritos foram adicionados à segunda edição da obra em 1934. Capistrano, como veremos nos dois capítulos seguintes, promove a Prado um grande contato com diversas obras e manuscritos não só de nossa História, mas também da História de Portugal, graças a seu contato com o historiador português João Lúcio de Azevedo. Prado, por sua vez, toma gosto pela prática da edição de

³⁸ Op. Cit. Waldman, 2014. p.40.

obras caras à história nacional. Nasce dessa parceria a série “Eduardo Prado: para melhor se conhecer o Brasil”.³⁹

Paulo Prado também operou em outros núcleos da intelectualidade. Sua grande participação na *Revista do Brasil*⁴⁰, a qual ficou à frente da direção por quase um ano e meio, o colocou em contato com muitos articulistas de sua época. Muitos deles, como veremos no segundo capítulo, foram sugestões de Capistrano de Abreu, que reforçava suas relações intelectuais por meio de oportunidades de publicação em uma revista de destaque. Prado participou também da criação da revista *Terra Roxa e outras terras* em 1926.

No âmbito político, em 1926, Paulo Prado ajudou seu pai, juntamente com outros dissidentes do Partido Republicano Paulista, a fundar o Partido Democrático. Sobre esse assunto, Thais Waldman em seu livro discorda de Carlos Augusto Calil quanto à atuação política de Paulo Prado. Calil afirma em uma passagem do seu prefácio à edição organizada em 2004 de *Paulística*, que:

Surpreendentemente, PP jamais se aproximou de qualquer agremiação política – em especial do Partido Democrático, fundado por seu pai, o conselheiro Antonio Prado – para fazer oposição a Washington Luis e ao Partido Republicano Paulista. Por ocasião de sua morte, muitos lamentaram que PP não tivesse podido exercer sua vocação política. Na verdade, ele não a possuía e nem teve veleidades nesse campo.⁴¹

Waldman, ao citar essa mesma passagem, argumenta que Paulo Prado teria sim se aproximado do Partido Democrático, chegando ao ponto de ser fundador do partido (WALDMAN, 2014, p.15). Ainda que Calil esteja equivocado em sua afirmação, tão pouco nos parece que a atuação partidária de Paulo Prado tenha tido o volume que imaginamos de alguém que colocava a questão política como a ‘única questão vital para o país’⁴².

Em uma breve pesquisa nos documentos do Partido Democrático disponíveis em formato digital no site do Arquivo de *O Estado de São Paulo*, não foi possível encontrar nenhum documento de relevo do partido que mencionasse ou que apresentasse assinatura de Paulo Prado. Entretanto em uma busca na hemeroteca da Biblioteca Nacional, encontramos um indício de uma participação mais ativa de nosso autor. Na edição de 18 de agosto de 1927, do jornal *Diário Nacional*, uma matéria sobre a fundação do Partido Democrático Nacional

³⁹ A relação entre Paulo Prado e Capistrano de Abreu será melhor explorada no segundo capítulo dessa dissertação.

⁴⁰ A dedicada atuação de Paulo Prado como diretor da *Revista do Brasil* será melhor observada nas cartas trocadas com Capistrano de Abreu, no segundo capítulo dessa dissertação.

⁴¹ Op. cit. Prado, 2004, p.21.

⁴² PRADO, Paulo. Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. Carlos Augusto Calil (org.). 10ª edição. Companhia das Letras. 2012. p.140.

no Rio de Janeiro, informava que representando o núcleo paulista do partido estavam Francisco Morato e Paulo Prado.

Se a atuação de Paulo Prado no Partido Democrático parece discreta, sua atuação na presidência do Conselho Nacional do Café⁴³ parece ter sido muito mais. A edição de 29 de maio de 1931 do jornal *O Estado de São Paulo* noticiou a promulgação do decreto que instituiu Paulo Prado no cargo de presidente do Conselho Nacional do Café. Em dezembro de 1931, um convênio assinado pelo Instituto Nacional do Café determinava que os membros do Conselho Nacional do Café não poderiam ser comerciantes de café. Na edição de 22 de dezembro do mesmo ano, o nome de Marcos da Souza Dantas já constava como novo presidente do Conselho Nacional do Café. Sendo assim, podemos pensar que embora o cargo ocupado por Paulo Prado possa ser considerado de prestígio e que tenha sido sua primeira experiência na política dita tradicional, nosso autor parece não ter desenvolvido uma atuação de vigor que justificasse qualquer afirmação de uma prática política.

Devemos recordar que a atuação política de Paulo Prado pode ter sido em muito ofuscada pela centralização da ação política de sua família na figura de seu pai. Entretanto, o tema carece de pesquisa mais profunda, uma vez que sua atuação parece ter sido extremamente discreta, ainda que possivelmente importante.

A atuação de Paulo Prado nas vanguardas artísticas iniciou-se no ano de 1919 com dois eventos que prenunciavam a importância que o meio artístico teria na vida de nosso autor. O primeiro envolvimento de Prado foi na montagem de uma exposição de pinturas e esculturas francesas no Teatro Municipal de São Paulo. O evento, que se realizou em janeiro de 1919, contou novamente com o auxílio do diplomata francês Paul Claudel. Alguns meses mais tarde, nosso autor se aventurou na organização de uma peça teatral idealizada por Afonso Arinos, seu cunhado, de nome “O contratador de diamantes”.

O estímulo necessário para que Paulo Prado atuasse de maneira mais sistemática dentro de um grupo de franca vanguarda artística veio por meio de Graça Aranha. O autor de *A estética da vida* apresentou Prado aos jovens modernistas ainda no começo de 1920. A atuação de nosso autor no movimento modernista já foi largamente analisada em diversas

⁴³ A partir de 1933 o Conselho Nacional do Café passou a se chamar Departamento Nacional do Café, gerando certa confusão graças a passagem várias vezes citada do artigo “Contradições de Paulo Prado” escrito por Gilberto Freyre em 1943.

obras⁴⁴. Nesse trabalho, nos limitaremos a observar o movimento por meio de sua estrutura. Dessa forma, pretendemos demonstrar que o caráter aristocrático do movimento confere à participação de Paulo Prado um sentido mais compreensível.

Aqui cabe uma breve digressão acerca de uma possível aproximação entre o Partido Democrático e o grupo modernista da Semana de 1922. Quando observamos a dimensão política do período obtemos ajuda para a compreensão da tese defendida por Thais Waldman de que Paulo Prado é um mediador entre dois mundos, o da tradição e o do moderno (WALDMAN, 2014, p.15). A sua participação, parcialmente verificada por nós, no Partido Democrático, faz muito sentido uma vez que o partido se coloca na cena política brasileira com uma postura muito similar à de Prado, mediadora. Ainda que o Partido Democrático desde sua fundação tenha dado maior atenção que os outros partidos à emergente questão social da década de 1920, conforme aponta Maria Lígia Coelho Prado em sua obra *A democracia Ilustrada*⁴⁵, o decorrer do jogo político do final da década logo revela o sentido do reformismo proposto. A autora em uma passagem sobre os meios pensados pelo partido para lidar com as convulsões de toda ordem que assolavam o país observa que:

A salvação, entretanto, despontava com o fortalecimento do Partido Democrático: ‘contra o perigo da reação armada, contra o processo das reivindicações político-sociais estribadas na desorientação das multidões sequiosas por desferir um golpe audaz e violento na situação que apoia os governos divorciados da opinião pública, surge o Partido Democrático, disposto a pleitear a regeneração dos costumes políticos e sociais do país, no terreno calmo das ideias, de modo a se construir um Brasil uno, grande e forte, sem grandes e pequenas unidades, irmanadas todas num mesmo ideal, unidas pelos vínculos indissolúveis de língua, de costumes, de aspirações e de tradições comuns.’⁴⁶

E conclui duas páginas depois que aqueles que acreditavam na pacificação e na regeneração nada mais queriam que uma mudança conservadora, diz Coelho Prado:

A fração da burguesia ilustrada paulista defensora desta solução para o país pensava-se ‘moderna e atuante’ e entrava nas lides políticas para atingir os fins já explicitados. Pela própria origem de classe e pela ideologia que a informava, tal alternativa estava fadada a ser extremamente conservadora e elitista. Seu objetivo primeiro consistia na manutenção da ordem burguesa vigente, na defesa da propriedade privada, na crítica aos meios considerados ilegais, na crença da paz social pela harmonização dos interesses opostos.

⁴⁴ Aqui destacamos o terceiro capítulo da obra de Thais Waldman já citada nesse trabalho e o segundo capítulo da dissertação da também já citada Carolina Piva. Ambos os trabalhos fazem uma excelente análise da relação de Paulo Prado com o movimento modernista.

⁴⁵ PRADO, Maria Lígia Coelho. *A democracia ilustrada* (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934). São Paulo. Editora Ática. 1986.

⁴⁶ Idem, p.92.

Assim, desnudava-se a verdadeira face do Partido Democrático de São Paulo: mudar para conservar.⁴⁷ (p.94)

O modernismo que surge com a Semana de Arte Moderna de 1922 apresenta um fim muito parecido com o qual propõe o Partido Democrático, ou seja, uma mudança que teria por fim conservar. O que nos permite essa observação é o grande debate da dimensão de continuidade e ruptura acerca do movimento. Se pensarmos o movimento oriundo de uma base aristocrática, perceberemos uma ruptura limitada por sua dimensão de continuidade. Acerca disso argumentam dois autores. Milton Lahuerta em seu artigo “Os intelectuais e os anos 20: Moderno, modernista, modernização”⁴⁸ comenta acerca do caráter aristocrático e limitante no que diz respeito à ruptura proposta pelo movimento modernista. Escreve Lahuerta que:

Nesse sentido, o movimento modernista – considerado pela crítica um marco, uma ruptura – é exemplar de como uma intelectualidade viajada, apoiada por uma aristocracia ilustrada, vai ao encontro do povo como se este fosse um objeto exótico, quase uma massa à qual é preciso dar forma, flertando a distância, sem estabelecer relações de maior proximidade. Uma intelectualidade que, mesmo marcada pelo industrialismo e pelo maquinismo, presentes na vanguarda artística europeia, não é capaz de reconhecer plenamente a importância da classe operária emergente.⁴⁹

O próprio Mário de Andrade, peça central do movimento, reconhece tal característica e em sua famosa análise sobre o grupo, escrita vinte anos mais tarde, escreve que:

Junto disso, o movimento renovador era nitidamente aristocrático. Pelo seu caráter de jogo arriscado, pelo seu espírito aventureiro, pelo seu internacionalismo modernista, pelo seu nacionalismo embrabecido, pela gratuidade antipopular, era uma aristocracia do espírito. Era natural que a alta e a pequena burguesia o temessem. Paulo Prado, ao mesmo tempo que um dos expoentes da aristocracia intelectual paulista, era uma das figuras principais da nossa aristocracia tradicional. E foi por tudo isto que ele pôde medir bem o que havia de aventureiro, de exercício do perigo no movimento, e arriscar a sua responsabilidade intelectual e tradicional na aventura.⁵⁰

No meio dos dois grupos estava Paulo Prado, mediando o tradicional e o moderno. Mas, ainda que toda essa atuação, descrita por nós, já tenha por si própria condição de garantir a Paulo Prado um lugar na história, foi o envolvimento com o grupo de jovens modernistas que o consagrou. O principal resultado dessa relação foi o advento da Semana de Arte Moderna de 1922. O evento que contou com a idealização e a organização de nosso autor

⁴⁷ Idem, p.94.

⁴⁸ LAHUERTA, Milton. *Os intelectuais e os anos 20: Moderno, modernista, modernização*. In. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. 1ª reimpressão. Editora Unesp.

⁴⁹ Idem, p.97.

⁵⁰ ANDRADE, Mário. “O Movimento Modernista”. In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1974, p. 231-55.

marcou as transformações da década de 1920. Como observado em diversos livros sobre o período, o papel central de Prado foi reconhecido pelos integrantes da vanguarda. Afirmava Mário de Andrade que nosso autor era o verdadeiro ‘fautor’ da Semana de Arte Moderna. Já o pintor Di Cavalcanti, por sua vez, dizia que a palavra de Prado era uma palavra de ordem entre os jovens modernistas.

A produção literária de Paulo Prado desabrocha em 1922 juntamente com sua atuação no grupo modernista. Alexandre Eulálio em sua obra *Livro Involuntário* atribui aos jovens modernistas o despertar da escrita em Paulo Prado. Escreve Eulálio que: “São os moços modernistas que o fazem assumir a persona de escritor público, propiciando, nas resenhas, prefácios e notas que eles forçam o amável e cético Paulo Prado a escrever, o encontro definitivo do ensaísta consigo mesmo.”⁵¹. Aqui é importante separar a obra de Paulo Prado. Se seus editoriais da *Revista do Brasil* nos revelam muito da tônica moderna, de um texto livre, ensaístico e provocador das questões daquele presente, os escritos históricos nos revelam um cuidado em analisar as questões trazidas pelo passado. Da mescla dessas duas vertentes surge o *Retrato do Brasil*. Acerca disso Wilson Martins escreve que: “(...) o Retrato do Brasil abre realmente a estrada real dos ‘estudos brasileiros’, de que Casa Grande e Senzala será um marco decisivo; ele cria, igualmente, em alto estilo, o ensaísmo propriamente modernista ou, se quisermos, moderno.”⁵²

Chamamos de idealista essa fase pelo fato de Paulo Prado iniciar uma atuação que objetivava a inserção nos debates da época relativos à situação política do país. Seus primeiros escritos regulares saem em forma de editoriais na *Revista do Brasil* durante o período em que seguiu à frente da revista. Foram nove editoriais⁵³ que versavam sobre os mais diversos assuntos com uma temática comum, a provocação de uma sociedade em plena transformação. No primeiro editorial de abril de 1923, Prado escreve sobre o bovarismo da sociedade paulistana. Tal fenômeno, como nosso autor explica, é “o dom que possui o homem de se imaginar diferente do que realmente é. A expressão, que tem corrido mundo, foi sugerida por um dos sentimentos dominantes nos personagens de Flaubert.”⁵⁴. Já o editorial do mês seguinte, maio de 1923, fazia duras críticas ao estado de sítio declarado na capital federal pelo então presidente Artur Bernardes.

⁵¹ Op. Cit. Eulálio, 1993, p.75.

⁵² MARTINS, Wilson. *O modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1969. p.178.

⁵³ Os editoriais estão nas edições 86, 87, 88, 89, 93, 98, 99, 100 e 101 da Revista do Brasil.

⁵⁴ PRADO, Paulo. O momento. In. *Revista do Brasil*, maio de 1923. p.289.

Podemos pensar que os escritos de Paulo Prado tinham por objetivo uma discussão do *status quo*. Deduzimos isso da crença de que a pouca produção literária de Prado se deu somente no momento em que o autor acreditava poder influenciar a sociedade de alguma maneira. Quando a luta contra o *status quo* se mostra inócua, particularmente falamos do ano de 1932, Prado não publica mais nenhum texto inédito, com exceção do segundo prefácio à edição de *Paulística* de 1934. Esse prefácio é bastante discutido por Berriel que vê no mesmo um apelo à ideia separatista. Berriel chega a defender que a ideia do separatismo “mobilizava parte expressiva da intelectualidade paulista da época”⁵⁵. Carolina Piva, em sua dissertação, apesar de achar fundamento na tese do separatismo, critica a escala da ideia proposta por Berriel.

A produção literária de Paulo Prado pode ser pensada em duas vertentes: a produção que visava a problematização das questões do país, como brevemente vimos acima; e os escritos de fundo histórico, muito apoiados, como veremos no capítulo seguinte, nas ideias de Capistrano de Abreu. Os artigos orientados por Capistrano são reunidos e publicados sobre formato de livro em 1925. Uma segunda edição, de 1934, conforme dissemos acima, adicionou outros artigos escritos após 1925.

Mas a obra pela qual Paulo Prado entrou para alguns livros de história como o escritor fundador da fase de ensaios sobre o pensamento social brasileiro da década de 1930 foi *Retrato do Brasil: um ensaio sobre a tristeza*. O livro teve a sua primeira edição publicada em novembro de 1928 e contou com mais três edições até 1932 – o que, para o período, era algo raro. Talvez o destaque que Paulo Prado vinha conquistando nos anos anteriores no mercado editorial, com o patrocínio de diversos trabalhos, possa explicar a facilidade com que se reeditou sua obra.⁵⁶

Um dos pontos defendidos nessa dissertação é o fato de pensarmos o *Retrato do Brasil* como uma obra dividida em duas partes. A proposta aqui apresentada baseia-se em dois argumentos principais. O primeiro advém de duas cartas escritas por Paulo Prado para Capistrano de Abreu em 1927. Já o segundo provém da análise das referências que empreenderemos no terceiro capítulo dessa dissertação. É importante pontuar que essa divisão pode ser observada também pelo crescente grau de pessimismo que a obra apresenta. Prado vai adicionando elementos que aumentam seu mal-estar através dos capítulos até o catastrófico *post-scriptum*.

⁵⁵ Op. Cit. Berriel, 2013, p.221.

⁵⁶ O mecenato de Paulo Prado no mercado editorial será melhor observado nos apontamentos finais.

Alexandre Eulálio reconhece essa divisão nitidamente ao opor a descrição e a interpretação de uma caricatura a um texto panfletário. Vejamos a passagem: “Mais importante também é apontar a transição estilística e estrutural na passagem da descrição e interpretação dos fatos para a caricatura sardônica, desaguando na denúncia panfletária que no ensaio tem lugar a partir da abordagem do ‘mal-romântico’.”⁵⁷

Na carta datada de 24 de dezembro de 1926, Prado já demonstra estar avançando na escrita do livro. A prova é que envia junto com a carta um esboço do que seria o segundo capítulo, que acabou na edição final sendo o terceiro. Escreve Prado a seu mestre:

Ahi vae o esboço do seu capítulo da Tristeza. Busco depois de [ilegível, ilegível]. Corra os olhos e mande-me as suas observações. No 3º capitulo estudarei os effeitos das duas [ilegível, prisões?] no organismo humano. Influencia do meio. Comparação com os povoadores da America ingleza. Descripções do estado racial no Brasil ao começar o século XIX. O Luccock é formidável. O mesmo Southey, sobre o que eram as Minas Geraes. Todas as mulheres eram prostitutas! Como hoje!

A outra carta que nos mostra o trabalho de Prado em seu livro data de antes do mês de abril de 1927. Nosso autor escreveu a Capistrano que estava seriamente trabalhando no *Retrato* e que processava algumas modificações. Cabe aqui destacar que pela primeira vez Prado fala sobre o nome do livro. Mais adiante na carta, nosso autor diz que após três meses de ‘gaveta’ concluiria o livro. Se tal promessa fosse cumprida, o livro estaria pronto no início do segundo semestre de 1927. Entretanto, em 13 de agosto de 1927, seu mestre, Capistrano de Abreu, falece. Podemos supor que, por essa data, quase dois terços do livro, tal como foi lançado em novembro de 1928, já estavam prontos.

Imaginamos que o luto de Prado pela perda do “Mestre e amigo”, como abria suas cartas a Capistrano, tenha influenciado no adiamento da publicação de *Retrato do Brasil*. Menos de um mês depois da morte do historiador, Paulo Prado participou ativamente da fundação da Sociedade Capistrano de Abreu em 11 de setembro de 1927. Ítala Byanca Moraes da Silva, em seu artigo “A sociedade Capistrano de Abreu e construção da memória de seu patrono na historiografia brasileira (1927-1969)”, define a missão da Sociedade:

Esta sociedade teve como principal missão tornar Capistrano de Abreu uma figura referencial não apenas entre aqueles que escreviam a História do Brasil, mas também para os cidadãos comuns, pois, segundo os membros da instituição, Capistrano de Abreu deveria ser lembrado como um “herói

⁵⁷ Op. cit. Eulálio, 1993, p. 82.

nacional” e seus textos como uma narrativa exemplar sobre a História do Brasil.⁵⁸

O desencanto e o pessimismo

O período que compreende a morte de Capistrano de Abreu e a publicação de *Retrato do Brasil* se caracteriza pela germinação do que convencionamos chamar de fase do desencanto. Sem dúvidas, podemos pensar que o capítulo sobre o romantismo e o *post-scriptum* do livro de Paulo Prado retratam bem essas inquietudes que se apresentam. Conforme abordaremos mais adiante, defendemos a tese de que a crítica de Paulo Prado ao romantismo, que embasa o quarto capítulo de seu livro, tem origem na consciência do autor de uma possível alienação vivida por ele até o seu envolvimento com os negócios do café. Como veremos, o quarto capítulo de *Retrato do Brasil* apresenta um caráter bem autoral destoando da análise histórica que havia sido utilizada até aquele momento.

No *post-scriptum* podemos observar duas características típicas das maquinações românticas, a crítica ácida e as soluções extremadas. Uma das prováveis justificativas encontradas para a presença de tais características é o acirramento dos ânimos políticos no ano de 1928. O ano de 1928 é particularmente importante do ponto de vista partidário para a compreensão da crise da primeira República. Aqui, voltamos a observar novamente o papel do Partido Democrático no jogo político.

Nas eleições municipais de 1928 apesar do Partido Democrático ter contado com o apoio do bloco operário e camponês, o partido viu o crescimento, que experimentava desde sua fundação em 1926, estagnar. Os ideais de um pleito justo e legal se mostraram ineficazes para o alcance do poder. Acerca disso Maria Lígia Prado observa que:

Assim, terminava o ano de 1928 para o Partido Democrático; depois de uma crença formalizada nos métodos legais para a tomada do poder, os democráticos começavam a pôr em dúvida essa prática. Encerrava-se uma fase do partido; em 1929, iniciava-se a etapa das alianças políticas e da discussão sobre a viabilidade da luta armada.⁵⁹

Ainda que as eleições tenham se realizado um mês antes do lançamento do livro, com certeza as mobilizações políticas já davam uma pista das dificuldades na política nacional. Cabe lembrar aqui que, em 1928, estávamos no meio do mandato presidencial de Washington

⁵⁸ SILVA, Ítala Byanca Morais da. A sociedade Capistrano de Abreu e construção da memória de seu patrono na historiografia brasileira (1927-1969). In. História, Historiadores, Historiografia, Projeto História nº 41. Dezembro de 2010.

⁵⁹ Op. Cit. Coelho Prado, 1986, p.76.

Luis, com quem o clã da família Prado rompera após um desacordo em relação a políticas migratórias no ano de 1921.

Com isso, podemos pensar que o período de 1927-1928 traz diversos elementos que contribuem para um aprofundamento do pessimismo em diversas esferas da vida de Paulo Prado. Dessa forma, verificamos que a troca que propomos do idealismo pela desilusão não é um fenômeno exclusivo de nosso autor, podendo ser observado em outras esferas como por exemplo no projeto alternativo do Partido Democrático.

Durante esse período, nosso autor publica um artigo de nome “O romantismo”, que viria ser o quarto capítulo de seu livro, na edição de 11 de março de 1928 no jornal *O Estado de São Paulo*. Na publicação, nosso autor já avisava ser o artigo parte do livro *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Vale aqui observar que o capítulo acerca do romantismo é o que menos apresenta referências e trechos que cruzam com a obra/pensamento de Capistrano de Abreu. Tal assunto será mais observado no capítulo três.

Em duas cartas que acessamos no acervo de Mário de Andrade presente no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Paulo Prado comenta acerca de seu livro. Na primeira, de 21 de março de 1929, já mencionada aqui, Prado informa ter lido a crítica de Mário ao que acreditamos ser os originais do que viria a ser o *Retrato do Brasil*. Curiosamente Prado demonstra uma certa reticência com o livro ao se referir à obra como “livro-que-não-existe”. Como veremos mais adiante, a decisão de publicar o livro não é algo fechado para o autor. Na carta nosso autor explica a ideia que o guiou durante a escrita do livro. Vejamos a passagem:

No meu livro (que-não-existe) pretendo me ocupar do passado, e fazer o retrato do Brasil como elle me apparece nesse passado. É só no posfácio que reparo no presente e [ilegível] o meu discurso até o futuro. [frase ilegível]. É ahí que sinto que há qualquer coisa que não funcionou e emperra a machina. Entre o presente e o passado há forçosamente um progresso. Mas não melhoramos como deve melhorar um paiz novo e grande. Para [ilegível] tudo depende da questão política, que é a única que existe no Brasil. Questão política, quem dizia a questão dos homens que governam. Estas [ilegível, desgraças?] levarão o paiz ao esphacelamento, à ruína, à [ilegível].⁶⁰

Mais adiante Prado expressa sua descrença com o país e acaba por tecer um elogio a Mário de Andrade:

Ando porem discrente dos [ilegível] brasileiros de actualidade. Em litteratura, por exemplo, eu só conheço três escriptores de verdade, os três

⁶⁰ Carta de Paulo Prado a Mário de Andrade, 21 de março de 1929.

daqui: o Oswald, o Alcantara, e um terceiro que você sabe quem é, mas eu não digo pra elle. Esses três são diferentes não se [ilegível], e não imitaum ninguém.⁶¹

Meses antes, mais precisamente em 29 de agosto de 1928, Paulo Prado comenta seu livro em outra carta a Mário de Andrade. Nessa, nosso autor parece mais receoso da publicação do livro que já havia tido seus originais enviados à editora. Apelando ao ensaísta francês Michel de Montaigne para justificar sua mediocridade, Prado escreve:

[ilegível] aqui os últimos retoques do Retrato. Elle está quasi se objectivando, no desprendimento [ilegível] desta manham, em que mandei os originais para a Mayença. Assim, já longe, fiquei inquieto. Já não sei mais se está bom ou não. Na duvida, recolho-me à mediocridade comodista montaigneaux: escreva um livro de bonne fay. Bastará?⁶²

Aqui cabe uma pequena digressão acerca do uso de Montaigne por Paulo Prado. Michel de Montaigne, no prólogo de sua obra ensaística, faz, de início, uma advertência ao leitor que visa inocentá-lo de qualquer suposição. A passagem inicial diz que: “Eis aqui, leitor, um livro de boa-fé. Adverte-o ele de início que só o escrevi para mim mesmo, e alguns íntimos, sem me preocupar com o interesse que poderia ter para ti, nem para a posteridade.”⁶³. Sonia Maria da Silva Fuhrmann em sua dissertação, *Dos “Essais de Michel de Montaigne”: tradução e reformulação*⁶⁴ escreve sobre as pretensões do escritor francês:

Observando com atenção o prólogo, nota-se que o princípio jurídico da *bonne foi* é reivindicado por Montaigne para seu livro. Ao mesmo tempo em que prevê a lealdade, a *bonne foi* também prevê seu contrário, a *mauvaise foi*. Nesse sentido, eminentemente jurídico, Montaigne se mune da presunção de inocência, como diz o adágio: A dúvida favorece o réu. O objetivo sendo privado, Montaigne só pode ser advertido dentro dessa esfera, eliminando a possibilidade da esfera pública interferir nos julgamentos que porventura suscitem seu discurso.⁶⁵

Podemos observar essa precaução em carta enviada por Paulo Prado a Plínio Barreto em 24 de novembro de 1928. Na missiva, nosso autor agradece a resenha escrita na edição do mesmo dia por Barreto, na época diretor do jornal *O Estado de São Paulo*. Prado, também, comenta sobre sua hesitação em relação à publicação e mais adiante parece explicar alguns pontos que possivelmente Barreto examinou. Vejamos a carta que é de grande interesse para nosso argumento:

⁶¹ Idem.

⁶² Carta de Paulo Prado a Mário de Andrade, 29 de agosto de 1928. MA-C-CPL nº5941, Fundo Mário de Andrade, Arquivo IEB-USP.

⁶³ A tradução aqui utilizada é de Sergio Milliet e foi retirada da página 101 da dissertação de Sonia Maria da Silva Fuhrmann.

⁶⁴ FUHRMANN, Sonia Maria da Silva. *Dos “Essais de Michel de Montaigne”: tradução e reformulação*. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo. 2011.

⁶⁵ Idem, p.102.

São Paulo, 24 de novembro [1928]

Menção Dr. Plínio Barreto.

Cumpro o agradável dever de lhe enviar os meus sinceros agradecimentos pelo rodapé de hoje no 'Estado'. Já é um argumento contra o meu incriminado 'pessimismo'. [ilegível, estamos?] aqui a conversar sobre essas 'ideias geraes', que tanta falta faziasse a Eduardo Prado, no nosso São Paulo materialista e positivo.

O meu livro é, segundo a velha chapa montaigneana, um livro de 'bonne foy'. Hesitei mesmo em publicá-lo, ora me parecendo apothetico demais, ora [ilegível, consuminancias?] exageradas. A these que liga os capítulos é um fio tênue, como o enredo num romance psychologico, permittindo, em planos diferentes, a descrição de caracteres e situações. Nem mais, nem menos. É possível que a tristeza brasileira seja na realidade um phenomeno mais complexo. Não insisti, por exemplo, na influencia tellurica, julgando que a melancolia está espalhada pela imensidão do Brasil sem grande modificação resultante da diversidade de climas e de meio ambiente. Tenho a impressão de que esse sentimento melancólico nos vem mais do fundo instintivo e mysterioso da hereditariedade do atavismo, das [ilegível, contingências?] raciaes, do que da propria terra apesar da sua tyrannia abafadora ou agressiva. Não insisti também na luxúria da mulher indígena, citando a teoria de R.H. Towner (?) sobre a frieza feminina para poupar a nossa avó índia, já tão carregada de culpas... Assim como não quiz atribuir, uma [ilegível] o mesmo Towner, a asthesia de populações como as nossas, à falta da vinha, e do vinho, na vida nacional. Pedindo desculpas pelo [ilegível] destas observações, e renovando os meus agradecimentos, peço que acceite, meu caro dr. Plínio Barreto, os meus vivos protestos de grande admiração e estima.

Paulo Prado.⁶⁶

A análise dessa carta nos permite pensar que a posição de Paulo Prado de se colocar como inocente aprioristicamente contra as possíveis críticas que o livro poderia suscitar é um recurso do autor para transferir ao leitor a responsabilidade da leitura. Portanto, como podemos imputar a Prado intenções que excedem sua vontade íntima de se expressar?

Se o livro estava 'pronto' em março e somente foi enviado à editora em agosto, podemos supor que o *post-scriptum* foi escrito dentro deste período. Ao pesquisar sobre o contexto encontramos duas boas pistas que nos podem ajudar na compreensão dos motivos de nosso autor ao produzir um desfecho tão apocalíptico que, de tão improvável, parecia mais um desejo romântico. Para pensar esse momento de transição, que começava a sugerir uma ruptura no *status quo* da política brasileira, utilizamos das palavras de Mário de Andrade no segundo prefácio⁶⁷ a seu livro *Macunaíma*⁶⁸. Mário sintetiza perfeitamente o que era o primeiro semestre de 1928, vejamos:

⁶⁶ Carta de Paulo Prado a Plínio Barreto, 24 de março de 1928. PB-C-CP-1204, Coleção Plínio Barreto, Arquivo IEB-USP.

⁶⁷ O texto data de 27 de março de 1928.

⁶⁸ ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2013.

Nas épocas de transição social como a de agora é duro o compromisso com o que tem de vir e quase ninguém não sabe. Eu não sei. Não desejo a volta do passado e por isso já não posso tirar dele uma fábula normativa. Por outro lado o jeito de Jeremias me parece ineficiente. O presente é uma neblina vasta. Hesitar é sinal de fraqueza, eu sei. Mas comigo não se trata de hesitação. Se trata duma verdadeira impossibilidade, a pior de todas, a de nem saber o nome das incógnitas. Dirão que a culpa é minha, que não arregimentei o espírito na cultura legítima. Está certo. Mas isso dizem os pesados de Maritain, dizem os que espigaram de Spengler, os que pensam por Wells ou por Lenine e viva Einstein!⁶⁹

Mário de Andrade expõe ao leitor um cenário de incógnitas imprecisas geradoras de uma hesitação no agir, o que, por sua vez, faz dos homens, fracos. Em maio do mesmo ano na primeira edição da *Revista de Antropofagia*, Oswald de Andrade publica o “Manifesto Antropofágico”. Não nos estenderemos na análise do manifesto. Aqui queremos destacar o caráter combativo do texto de Oswald, que não se furta a dizer que “Queremos a Revolução Carahiba. Maior que a Revolução Francesa.”⁷⁰.

Paulo Prado completava 59 anos naquele mesmo mês de maio de 1928. Como um homem de sua classe, a essa altura de sua vida já era uma referência dentro da sociedade. Frequentemente apontado como o “escritor Paulo Prado” nas páginas de jornais da década de 1920, Prado já podia ousar e ousou. Não hesitou – ou melhor, hesitou. Mas acabou publicando seu único trabalho sem a anuência de seu mestre. Não havia outra solução, era o momento de falar algo. E Paulo Prado falou.

⁶⁹ Idem, p.228.

⁷⁰ *Revista de Antropofagia*. Número 1. Maio de 1928.

Capítulo 2 - O orientador

O segundo capítulo dessa dissertação pretende a análise da correspondência trocada entre Paulo Prado e Capistrano de Abreu entre os anos de 1918 e 1927. Cabe informar que aqui utilizaremos como base a obra *Correspondência de Capistrano de Abreu* organizada por José Honório Rodrigues e publicada em 1954. Adicionalmente a isso trazemos 31 cartas inéditas, 19 escritas por Paulo Prado e 12 escritas por Capistrano de Abreu.

O objetivo desse capítulo é evidenciar em suas minúcias as relações intelectuais e pessoais estabelecidas entre Prado e Capistrano. Com isso procuraremos elementos que demonstrem a orientação de Capistrano de Abreu em seu maior sentido, observando a troca de cadernos, textos, livros, as críticas aos artigos escritos por Prado, as trocas de favores, e episódios que demonstram o mecenato de Prado no ramo de edição de obras. A ideia por trás dessa análise é justificar a nossa tese da dependência de Prado da obra e do pensamento de Capistrano de Abreu. Ao mesmo tempo que o historiador cearense parece construir uma teia de relações com diversos núcleos distintos, porém interligados por meio de sua figura, Paulo Prado se aproveita para pegar carona em teses e afirmações já discutidas por Capistrano em sua obra.

A ideia da teia de relações é levantada por Rebeca Gontijo em seu artigo “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu”⁷¹. A autora afirma que “A correspondência de Capistrano de Abreu forma uma espécie de rede de correspondentes, tecida a partir de uma figura referencial — considerada um par ou um mestre — e motivada pelo interesse por um tema comum: a história do Brasil.”⁷².

Thais Waldman ao analisar a correspondência de Capistrano de Abreu com Antônio Joaquim de Macedo Soares encontra em carta datada de 1883 a informação de que Capistrano já pensava em uma sociedade com o objetivo de promover a pesquisa documental por meio de contribuições não só financeiras, mas também, de trabalho com o intuito de publicar novos documentos (WALDMAN, 2014, p.116). Embora a ideia do Clube Tacques não tenha saído oficialmente do papel, podemos pensar que Capistrano de maneira informal conseguiu se aproximar em muito do que almejava.

⁷¹ GONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In. *Escrita de si, escrita da história*. Org. Angela de Castro Gomes. Editora FGV. 1ª edição. 2004.

⁷² Idem, p.170.

O próprio Paulo Prado, em artigo publicado na edição de 26 de setembro de 1928 do jornal *O Estado de São Paulo*, tece comentários acerca das atividades que Capistrano de Abreu exercia e como pareciam todos em volta dele estarem fazendo uma obra comum. Aqui vale destacar a passagem:

Ninguém se dirigiu a esse Mestre sem delle receber, generosamente, informações, conselhos, ideias, encorajamentos. Corrigia provas de outros, anotava-as com rude franqueza, acompanhava com interesse e sympathia qualquer tentativa que lhe parecesse aproveitável, promovia intercambio de livros raros, investigava arquivos e bibliothecas por conta alheia, era realmente – elle só – toda uma Academia, toda uma Bibliotheca, um curso vivo de saber e erudição. Dava assim aos discípulos a illusão de que eram collaboradores numa obra comum.⁷³

A relação entre Paulo Prado e Capistrano de Abreu é encarada por nós como uma relação mutualística, na medida em que não se trata de uma prática de mecenato clássica na qual o envolvimento do mecenas se limita a apreciação. Paulo Prado, de fato, se envolve com a pesquisa historiográfica ainda que se limite às sugestões apresentadas por Capistrano. Já o historiador cearense, além de contar com o financiamento de suas pesquisas, promove a publicação de livros de seu interesse, em geral, escritos ou organizados por outros discípulos seus. Gontijo, também, tece observações acerca da questão do mecenato e observa tal fenômeno na relação entre os dois, levantando os mesmos elementos que pretendemos destacar. Vejamos:

A ajuda financeira faz parte da relação de amizade, desde que não seja explicitamente guiada pela lógica da prova (de amizade), do dever (para com o amigo) ou da troca de procedimentos valorizados socialmente. Na intimidade, pedidos e favores devem ser gratuitos ou justificados como se o fossem, sendo o saber receber tão importante quanto o saber dar. Mas, além da ajuda financeira e intelectual — que incluía remessas de livros e cópias, de ambas as partes, sem esquecer dos pareceres de Capistrano sobre os textos de Prado —, há dois tipos de pedidos de favores pessoais: emprego e publicação para terceiros.⁷⁴

Diversos autores observam a relação que nasce tímida em 1918 e que somente ganha vulto a partir de 1920. As análises em sua maioria se concentram nas marcas de Capistrano sobre Paulo Prado. Alexandre Eulalio, por exemplo, comenta acerca das características absorvidas por Prado da forma de estudo que Capistrano desenvolve. Vejamos a passagem:

Da linhagem estudiosa de que provém Capistrano ele herda o gosto do estilo enxuto e objetivo, a seriedade da pesquisa, o empirismo sem preconceito, a busca do conhecimento científico atualizado, o interesse filosófico inseparável alias de certo ceticismo de índole pessimista, apenas temperada

⁷³ Publicado no jornal *O Estado de São Paulo* na edição de 26 de setembro de 1928.

⁷⁴ Idem, p.175.

pela curiosidade cheia de fascínio pelo destino da sociedade entrevisto nos descaminhos do homem.⁷⁵

Entretanto, Paulo Prado não é um historiador e sua bagagem pessoal por vezes se faz mais forte em sua escrita. Aqui dois exemplos podem justificar nossa afirmação. O primeiro é de que nem tudo é perfeitamente assimilado por Prado. Como veremos adiante em algumas cartas, Capistrano cobra de nosso autor um maior cuidado com a utilização dos documentos, seja pela não utilização por parte de Prado, seja pela falta de referência no texto e absorção de ideias como se fossem próprias a ele. Acerca disso, Waldman e Gontijo deixam suas impressões. Waldman observa a falta de crítica das fontes históricas por parte de nosso autor. A busca pela verdade empregada por Capistrano parece não ser o fator motivador da pesquisa de Paulo Prado. Diz Waldman:

Ainda que se dedique durante anos à edição de manuscritos e textos antigos sobre a história do Brasil, Paulo Prado não apresenta em sua obra uma análise crítica das fontes, no sentido da erudição proposta por Capistrano, ainda que seja possível notar uma preocupação do autor em criar um lastro documental para seus ensaios. Ao navegar por uma vasta bibliografia, Prado muitas vezes estabelece uma comunicação privilegiada que prescinde da indicação de referências bibliográficas, o que para Capistrano não condiz com os avanços da disciplina. Sem a interlocução com Capistrano, Paulo Prado certamente não teria escrito a obra que escreveu, e talvez enveredasse por outros caminhos ao “penetrar” a “selva escura da história do Brasil”, no entanto, ainda assim é difícil enxergá-lo como um historiador à la Capistrano. Se Capistrano, com seu “faro da verdade”, abre espaço para um novo campo na historiografia brasileira, Prado muitas vezes diverge de suas perspectivas teóricas e, principalmente, metodológicas.⁷⁶

Rebeca Gontijo também chama a atenção da importância para Capistrano de Abreu da função do documento como algo que concede força a um texto. Escreve a autora:

Ao que parece, um grande nó era construído a partir do momento em que Capistrano constata a falta de ‘apenas mais um documento’ e, ao notar que Paulo talvez não desse tanta importância às fontes, alertava: ‘Lembre-se do apólogo do feixe de varas: a união faz a força’. A noção de feixe como um conjunto de objetos reunidos e presos parece exemplificar a representação que Capistrano fazia da escrita da história em certo período de sua vida. A força do texto não estaria na exposição de ideias, mas na comprovação delas através de documentos. O trabalho do historiador seria amarrar o feixe documental e sustenta-lo. Não bastava expor os pensamentos, era preciso comprová-los com documentos, não importando tanto seu ineditismo.⁷⁷

Ambas as autoras colocam um problema capital da obra de Paulo Prado. A utilização de documentos na obra de nosso autor mais parece um recurso que visa mostrar erudição do que uma percepção da verdadeira importância da crítica documental. No terceiro capítulo

⁷⁵ Op. Cit. Eulalio, 1993, p.75.

⁷⁶ Op. Cit. Waldman, p.164.

⁷⁷ Op. Cit. Gontijo, p.189.

veremos como passagens utilizadas por Prado exercem uma função simplesmente de autoridade. Podemos dizer que, no limite, a postura de Prado é um tanto quanto pragmática dado que seu objetivo final não era uma obra sobre história e sim uma obra que se utilizasse da história para fundamentar argumentos desenvolvidos por si próprio.

Dessa forma, podemos dizer que em oposição ao documento histórico estavam as impressões pessoais de nosso autor. E nesse ponto, Thais Waldman, mais uma vez, faz uma interessante observação ao dizer que:

Apesar de ser um grande interlocutor de Capistrano, muitas vezes Paulo Prado parece pretender emprestar um significado ético e pedagógico à sua atividade, prescindindo assim de um exame crítico da tradição. Aproximando-se, nesse sentido, de uma concepção mais clássica, Prado afirma encontrar no “segredo do passado” a “decifração dos problemas de hoje.”⁷⁸

Se o objetivo era utilizar a história para fundamentar a arguição do presente, a crítica dos documentos históricos era desnecessária para Prado. E aqui, Waldman chama a atenção para como nesse momento a obra de Prado é dominada por traços de personalidade. O significado ético e pedagógico destacado pela autora pode ser visto também como uma tentativa moralizante do presente. Devemos lembrar que a obra de Paulo Prado não escapa de acusações de um certo tom moralista.

Outro tema caro a esse trabalho é a importância da carta para uma dissertação como essa. A análise interligada das cartas passivas e ativas entre dois autores nos fornece bem a ideia de conversa que embora tenha algumas especificidades relativas ao tempo da comunicação nos permite observar uma estrutura contínua de interlocução. Daí podemos perceber sinais de amizade, de intimidade, o tom dos pedidos e das palavras utilizadas, a troca de ideias. Às vezes podemos observar a transformação que um assunto sofre dentro de uma mesma carta que foi escrita em vários dias e, com isso, acabamos por acessar o processo reflexivo do autor. Acerca desse assunto, Gontijo, em dois trechos de seu artigo, escreve sobre a importância das cartas. No primeiro excerto, a autora destaca a transitoriedade da carta, que se apresenta cheia de perguntas e repostas não estáticas. Vejamos:

Assim, a carta pode ser compreendida como uma fração combinada de espaço e momento: espaço de construção identitária, de troca de idéias e sentimentos, de estabelecimento de relações; momento de reflexão sobre si ou sobre qualquer coisa que em um instante é e, logo depois, pode não ser; momento de comunicação não imediata, que segue de acordo com as circunstâncias de vida daqueles que o estabelecem. São muitas palavras perdidas, meias palavras, trechos cifrados, interrogações sem resposta,

⁷⁸ Op. Cit. Waldman, 2014, p.159.

respostas sem perguntas, piadas particulares e emoções apenas sugeridas, que tornam a leitura fragmentada, interrompida a todo instante por esses desvios sem saída. Por isso, a carta é uma escrita “em trânsito”, pois sua existência é “flutuante e contingente”.⁷⁹

No outro excerto, Gontijo destaca, especificamente, a importância da correspondência entre intelectuais e as possibilidades que a análise dela traz para a melhor compreensão da personalidade do autor.

No caso da correspondência de intelectuais, observa-se que um dos usos possíveis desse escrito relaciona-se à crença na possibilidade de acesso aos bastidores da construção de uma obra ou livro e da formação de um autor ou escritor. A correspondência — assim como os diários íntimos e os textos memorialísticos — contribuiria para a compreensão da personalidade do autor/escritor. As cartas de intelectuais fornecem informações que podem ser utilizadas na elaboração da memória, estimulando o imaginário sobre o mundo dos autores/escritores. Elas podem alimentar, entre outras coisas, a construção de um anedotário, a partir de histórias pitorescas narradas pelos missivistas e da recuperação de palavras e expressões recorrentes na correspondência (pensamentos e provérbios citados, piadas, apelidos, palavrões etc.).⁸⁰

As cartas

Iniciaremos aqui a análise das missivas. Embora possamos pensar a correspondência como um fenômeno dotado de um fluxo contínuo, como uma conversa, aqui as dividiremos em grupos delimitados pelos anos em que foram escritas. A divisão tem também a função de amenizar os ares de relatório que a análise possa apresentar. Devemos lembrar que as cartas inéditas se encontram no anexo dessa dissertação.⁸¹

Ano de 1918 e 1919

O primeiro ano de correspondência entre Paulo Prado e Capistrano de Abreu conta com pouquíssimas cartas. Cabe lembrar que logo no começo da amizade entre os dois, surge a ideia da organização da série *Eduardo Prado: para melhor se conhecer o Brasil*.

⁷⁹ Op. Cit. Gontijo, 2004, p.164.

⁸⁰ Idem, p.166.

⁸¹ As cartas inéditas presentes no apêndice dessa dissertação estão classificadas em ordem cronológica e serão referenciadas nesse trabalho por um código (no caso CAPP nas cartas escritas por Capistrano de Abreu para Paulo Prado e PPCA para as escritas por Prado a Capistrano) mais um número que corresponde à ordem em que são apresentadas.

Já na primeira carta datada de 26 de junho de 1918, Capistrano informa Prado sobre o que viria a ser o primeiro livro da série Eduardo Prado. Escreveu o historiador: “Vou escrever a Graça Aranha para ele estudar a questão de Claude d’Abbeville e poupar-lhe trabalho.”⁸²

Na carta de 3 de julho de 1918, Capistrano informa que Paulo Prado havia lido a *Narrativa Epistolar* de Fernão Cardim. Em carta posterior, de 1926, Paulo Prado conta a Capistrano sobre o trabalho de tradução que o poeta suíço Blaise Cendrars estava por terminar. Tratava-se do mesmo livro de Fernão Cardim. Isso nos mostra como as sugestões de Capistrano iam se expandindo em diversos círculos distintos.

Em carta de Capistrano de 18 de novembro de 1918, o historiador segue articulando assuntos relativos ao projeto da série Eduardo Prado, dessa vez com Zé Pinto⁸³.

Como dissemos anteriormente, somente a partir de 1920 que a troca de cartas entre Paulo Prado e Capistrano de Abreu ganha certo fôlego. No ano de 1919 a única carta que temos acesso está na obra de José Honório Rodrigues. A carta data de 29 de dezembro de 1919, e nela Capistrano fala para Prado reler a obra de Pero Vaz de Caminha.

Ano de 1920

Em 1920 o fluxo das cartas a que temos acesso aumenta significativamente. É nesse ano que a orientação de Capistrano se desenvolve. Nesse período contamos com uma carta inédita escrita por Paulo Prado, datada de 6 de fevereiro de 1920, e duas cartas inéditas escritas por Capistrano, a primeira data de 4 de março de 1920 e a segunda não foi possível estabelecer a data. Entretanto, por meio de seu conteúdo foi possível determinar que a mesma foi escrita na primeira quinzena de fevereiro.

A primeira carta de 1920 é de 17 de janeiro de 1920, Capistrano dá a Paulo Prado um panorama da cena intelectual. Com Calógeras ele debate uma questão acerca do atlas histórico de Minas Gerais. Logo em seguida, informa sobre sua procura de uma versão fac-simile de Pero Vaz de Caminha. Por fim, ao lamentar a morte de um amigo, já informa que Ataulfo de Paiva trabalha para que a biblioteca do finado seja adquirida pela Academia.

⁸² RODRIGUES, José Honório (org.). Correspondência de Capistrano de Abreu. Volume II. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro. 1954. p.386.

⁸³ Infelizmente não conseguimos localizar quem seria Zé Pinto.

Na carta do dia de São Vicente, Capistrano informa sobre a remessa de uns cadernos: “Recebi ontem carta de J. Lúcio de Azevedo, anunciando a remessa de mais 10 cadernos de Pernambuco, Itamaracá e Pernambuco [sic], copiados na Torre do Tombo: espero que chegue o final, prometido para breve, e, depois de cartonado, lhe enviarei o volume.”⁸⁴ Na mesma carta Capistrano dá a Prado instruções sobre a leitura de Antonil. No final, diz fazer o impossível para participar da inauguração de São Martinho⁸⁵.

Na carta de 5 de fevereiro de 1920, podemos observar pela primeira vez um assunto referente a finanças. Capistrano comenta sobre as despesas: “João Lúcio mandou-me a nota das despesas, mas misturou minhas contas com as suas: pedi-lhe que mandasse outra via para eu transmitir-lhe: ainda há saldo.”⁸⁶ Na mesma carta, Capistrano informa ter recebido um exemplar de Acton⁸⁷ e Morley⁸⁸. Em uma carta posterior, Capistrano comentará suas conclusões sobre a leitura de Morley.

Em 6 de fevereiro de 1920, Paulo Prado escreve a Capistrano comentando que o historiador não havia perdido muito em não ter conseguido ir à inauguração da casa de São Martinho. Tal convite íntimo pode sugerir um alto grau de proximidade entre os dois. Mais adiante Prado responde às reclamações de Capistrano acerca do pouco caso que nosso autor parecia estar fazendo da compra da biblioteca do falecido Francisco Ramos Paz. Prado se justifica ao dizer que andava sempre projetando novas viagens e que isso consumia seu tempo. Chegamos ao ponto de maior interesse da carta, quando Prado discorre sobre suas leituras e pede a Capistrano novas sugestões. Vejamos:

(...) Já li o Gabriel Soares, o Fernão Cardim, o Antonil. Reli com cuidado o Frei Vicente, e os [ilegível] de História Colonial. Acompanho essas leituras com as Ephemerides de Rio Branco, e continuo a reler os principaes artigos da Revista do Instituto daqui. Li também o Brazil Colonial, de Oliveira Martins, que tem umas observações boas, e reli a Expansão Geographica, do Bazilio de Magalhaes. Isto tudo faz um anzia, que vou digerindo aos poucos. Até agora alem da Historia desta terra paulista, ando com a atenção mais attrahida para os primeiros do descobrimento, e com a invasão hollandeza.

Que devo agora ler? Aqui não há livros, e nem quem converse de livros. Dê-me alguns conselhos.

⁸⁴ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.389-391.

⁸⁵ São Martinho era a maior fazenda produtora de café da família Prado.

⁸⁶ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.391.

⁸⁷ Acreditamos tratar-se do historiador britânico John Dalberg-Acton (1834-1902).

⁸⁸ John Morley (1838-1923) foi um escritor inglês.

Já acabei o 2º volume do Morley e o remeterei pelo primeiro portador.⁸⁹

Podemos perceber que nessa altura Prado já havia feito várias leituras instruídas por Capistrano. Já na carta de 8 de fevereiro de 1920 faz sua célebre fala: “Para nossa primeira orientação, recomendo-lhe Southey, atrasado quanto à documentação, mas superior quanto ao mais.”⁹⁰. Na mesma carta o historiador parece tratar Prado como um aluno ainda por amadurecer ao escrever: “Vejo que V. não leu em estado de graça o Gabriel Soares e o Antonil. Releia-os mais tarde e verá.”⁹¹. Capistrano pede a Prado ajuda no caso da venda da biblioteca de seu amigo Francisco Paz e comenta sobre a desculpa de Prado de que estava distraído com planos de viagens: ‘Paris vaut bien une messe.’⁹². Por fim, Capistrano responde à pergunta sobre sugestões de leituras acerca das invasões holandesas.

A missiva CAPP-1 do apêndice das cartas inéditas escritas por Capistrano de Abreu para Paulo Prado, apesar de contar com uma data indecifrável, ‘anno da morte de Jeronymo Alb. Maranhão’, foi por nós localizada por falar do processo de venda da biblioteca de Francisco Paz e pela ocasião da viagem de Capistrano com Calógeras para Caxambu.⁹³ O mais interessante dessa carta é a comparação que Capistrano faz da obra de John Morley. O historiador cearense a compara com a obra mais famosa de Joaquim Nabuco, *Minha Formação*. A seguir Capistrano nos dá uma opinião um tanto quanto interessante da figura de Nabuco. Vale a leitura.

Paulo amigo,

Incluo uma carta de Lucio de Azevedo.

Escrevi-lhe que os livros de ratificação não interessam, a julgar suas amostras; que das [ilegível] visitantes, depois de copiada as peças iniciais que explicam a visita, mandara [ilegível] catálogo minucioso apenas.

A visita de Marcos Teixeira mandei copiar por minha conta.

Agora isto: não tenho certeza de que V. recebeu o volume de cópias entregue no hotel. O segundo, [ilegível] e Pernambuco, vou entregar hoje a encadernação e irá quando houver portador seguro. O fim do Morley lembrou-me Minha formação de Nabuco que ainda não conhecia. Acabei hoje a leitura. Este explica bem seu monarchismo, por obra e graça de São [ilegível], o ultimo capítulo sobre os Estados Unidos merece toda atenção; a parte do abolicionismo é fraca. Eu disse como o [ilegível]: eu compraria

⁸⁹ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu de 6 de fevereiro de 1920. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil. (Código do apêndice: PPCA-1)

⁹⁰ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.392.

⁹¹ Ibidem.

⁹² Expressão utilizada por Henri IV quando da sua conversão ao catolicismo para assumir o trono da França em 1593.

⁹³ Aqui o tipo de assinatura usada por Capistrano nos auxiliou. A despedida ‘Bien à vous, C.’ só foi usada até 1922, o que ajudou a limitar a busca.

antes o [ilegível] que acenda o estopim da bomba e [ilegível] de longe a espera da explosão.

Estava no Brejão quando divulgou-se que iria tratar da questão dos limites entre o Brasil e a Inglaterra. Dando-me a noticia, Eduardo acrescentou: estimo muito, porque elle estava precisando.

[ilegível] o ponto capital e muitas vezes tenho-me perguntado: si este não tivesse perdido a fortuna da mulher, teria mostrado a vida do mesmo modo?

Com Eduardo fui criticado na rua de Olinda e pela primeira e última vez avistei a Senhora e a mãe: Contemplei esta descendente de João Paes, do Cabo de Santo Agostinho, como [ilegível] dar engenhos para os dez filhos.

Com uma de suas filhas, casou D. Luis de Sousa, governador de S. Paulo na segunda década do século XVII, cuja descendência se extinguiu no [ilegível] seguinte.

Em resumo, apesar do seu narcisismo, Nabuco foi [ilegível] de valor quando nomeado embaixador nos Estados Unidos. A. de Siqueira, que V. deve ter conhecido aqui ou além-mar, disse: é branco, bonito, inteligente, instruído, ninguém mais próprio para dar uma ideia falsa do paiz; a nomeação não podia ser melhor.

Hoje Calógeras deve dizer o dia da partida para Caxambu. Si ainda não demorar, partirei 4ª Fª de Cinzas sem elle.

No Jornal do Commercio da 2ª feira 8 vêm um discurso meio apaixonado de At. de Paiva. Leia-o, que é interessante. Não consegui que a Academia comprasse a bibliotheca do Paz.

Bien à vous,

C.

Rio, anno da morte de Jeronymo Alb. Maranhão.⁹⁴

Em carta de 13 de fevereiro de 1920, Capistrano responde a Prado sobre o que sabe sobre o caminho do mar. Podemos pensar que o artigo que seria publicado em setembro de 1922 começou a ser idealizado em fevereiro de 1920. O historiador responde que “Sobre o caminho do mar, em falta de Derby⁹⁵, poderia servir Teodoro Sampaio; mas este acaba de escrever-me quatro grandes páginas de um ruíismo encarapinhado – não o creio em estado de deliberar. Gentil Moura conhece bem o caminho de leitura e autópsia.”⁹⁶.

A carta inédita, CAPP-2, escrita por Capistrano de Abreu em 4 de março de 1920 traz algo curioso, trata-se de uma carta que talvez tenha sido inédita até mesmo para Paulo Prado. Segue a explicação. Na carta seguinte escrita pelo historiador de 7 de março de 1920, que se encontra na obra de José Honório Rodrigues, Capistrano abre a carta dizendo que: “Escrevi-

⁹⁴ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado do anno da morte de Jeronymo Alb. Maranhão. Sem código. Acervo pessoal da família Prado.

⁹⁵ Orville Derby (1851-1915) foi um geólogo norte-americano.

⁹⁶ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.393.

lhe há dias uma longa carta que não sei como desapareceu. Repito-a em resumo.”⁹⁷. Acontece que se compararmos o conteúdo das duas cartas veremos diversas similaridades, que nos faz crer que a carta de 4 de março era a carta que Capistrano dava como perdida. Além de comentários sobre a *Revista do Instituto*, o mestre recomenda a compra dos anais da Biblioteca Nacional: “Mande-lhe a lista das publicações da Bib. Nac.; nos *Anais* há muita coisa útil a seus estudos: convém adquiri-los.”⁹⁸. Tais assuntos encontram-se nas duas cartas.

Em carta de 5 de maio de 1920, Capistrano responde a considerações de Prado sobre o caminho do mar.

Na carta de 18 de maio de 1920, Capistrano pede o envio de dois manuscritos e de outro livro que Prado já havia informado sobre o envio em sua carta de 6 de fevereiro. “V. poderia envia-los, bem como o 2º volume do Morley, pelo Michel Calógeras, que deve estar aí.”⁹⁹ Na mesma carta Capistrano fala sobre um artigo que está escrevendo sobre o antigo caminho de São Paulo para as minas e, nesse parágrafo, Capistrano fala de D. Rodrigo Castelo Branco, o qual é citado em alguns cadernos a que tivemos acesso na Biblioteca Mário de Andrade.

Na carta de 26 de maio de 1920, Capistrano, ao continuar suas pesquisas para o artigo sobre o antigo caminho de São Paulo para as minas, volta a falar sobre D. Rodrigo, dessa vez apresentando a Prado três pontos principais sobre o fidalgo espanhol. Parte curiosa dessa carta é a naturalidade com que Capistrano anuncia: “Passemos a negócios.”. E então inicia uma série de comentários sobre os mais diversos negócios, desde projeto de publicações até aquisições de obras.

Já na carta de 9 de julho de 1920, Capistrano dá informações de ordem contábil sobre as encomendas que fazia na Biblioteca Nacional e na Casa Colombo. No final dessa carta pode-se observar anotações de uma pequena contabilidade. Outro ponto interessante dessa carta é a recomendação de Capistrano para que Prado procure na sua passagem pela Europa o historiador português Lúcio de Azevedo. Além disso, o historiador sugere uma série de livros para Prado ler a bordo do navio que o levaria à Europa. Vejamos as sugestões: “Tem impressos: *Estudos Paraenses*, *Os jesuítas no Grão-Pará*, *O Marquês de Pombal*, *a Evolução do Sebastianismo*; da *Vida de Antonio Vieira* está se imprimindo o 2º e último volume. Se V.

⁹⁷ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado de 7 de março de 1920. Sem código. Acervo pessoal da família Prado.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.398.

encontrasse estes livros aí – logicamente o Teixeira deve possuí-los – teria boa leitura para bordo.”¹⁰⁰.

Em 6 de novembro de 1920¹⁰¹, Capistrano escreve uma carta a Prado somente para explicar o procedimento para a publicação dos escritos sobre a Inquisição na Bahia. É interessante como Capistrano explica detalhadamente as opções como se tivesse prestando contas a seu chefe. Apesar da discussão acerca das impressões da edição de *Confissões da Bahia, 1591-1592*, os trabalhos do segundo livro da série Eduardo Prado somente foram concluídos em 1922.

Ano de 1921

O ano de 1921 é o ano em que os primeiros artigos de Paulo Prado começam a ser elaborados. O período conta com duas cartas inéditas, uma escrita por cada autor. A de Capistrano data de 13 de dezembro e a de Prado data de 5 de junho. Uma outra carta escrita por Prado, que está no apêndice com o número 3, não possui data. Pelo conteúdo só é possível deduzir que foi escrita logo depois do carnaval e que possivelmente é de antes de 1921, uma vez que Prado diz ter encontrado Washington Luis que nesse mesmo ano romperia relações com a família Prado.

Na carta de 13 de fevereiro de 1921, Capistrano pede a Prado que lhe remetesse o recém lançado *Populações Meridionais do Brasil* de Oliveira Viana e aproveita para tecer um comentário acerca do autor: “Se tiver à mão, remeta-me *As Populações Meridionais*, ou cousa que valha, de Oliveira Viana. Tenho ouvido falar bem dêle. Suspeito que se inspira nas ideias de Le Play¹⁰² (será mesmo assim que se escreve) com as quais não vou muito, pelo pouco que sei.”¹⁰³.

Na carta de 9 de abril de 1921, Capistrano começa dizendo a Paulo que iria remeter-lhe alguns números da revista *The Nation*. Diz o historiador: “O correio dos Estados Unidos está cada vez pior. Esperei que acertasse os números de *The Nation* para lhe mandar. Não houve meio. Vão os que recebi.”¹⁰⁴. Paulo Prado ganha verdadeiro apreço pela revista *The*

¹⁰⁰ Idem, p.402.

¹⁰¹ No segundo semestre de 1920, somente quatro cartas são conhecidas e estão na obra de José Honório Rodrigues.

¹⁰² Frédéric Le Play (1806-1882) foi um economista francês.

¹⁰³ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.407.

¹⁰⁴ Idem, p.408.

Nation tendo a publicação como uma referência. Em carta a seu filho, muitos anos mais tarde, copiada por Carlos Augusto Calil em sua edição de *Retrato do Brasil*, nosso autor recomenda a leitura da revista: “Você está embriagado por certos aspectos da vida americana. Há muito mais coisa no mundo do que Wall Street, fordismo e dinheiro. Leia, de vez em quando, a *Nation*, e os artigos do Mecken, e a sua *Americana*. Há também pessimistas nos Estados Unidos.”¹⁰⁵.

Em 5 de junho de 1921, Paulo Prado envia a Capistrano uma carta¹⁰⁶ em que comenta sobre alguns livros que pretende mandar trazer dos Estados Unidos. Para indicações se basearia nas revistas *Nation* que Capistrano havia enviado e que Prado acabara de receber, como logo no princípio informa. Nessa carta, pela primeira vez nosso autor se refere ao artigo “Caminho do Mar” e pede emprestado a Capistrano o livro escrito pelo Padre Pastells. Tal obra será citada em seu artigo de nome “Bandeiras”, como veremos adiante. Segue a transcrição da carta:

5 de junho

Mestre e amigo.

Recebi hoje o livro, as revistas e o cartão: also sprach Zaraltrusta...

Da *Nation* vou tirar algumas indicações para mandar vir alguns livros dos Est. Unidos. Si tiver alguma preferencia mande-me dizer. Creio que amanha vou remeter o [ilegível]: o livro é delicioso, cheio de causos.

Pode v. mandar-me, por alguns dias, o exemplar do Padre Pastells? Estou agora lendo conscienciosamente as Actas da Camara de S. Paulo. Já encontrei muita cousa que vae me servir para o meu trabalhinho sobre o Caminho do Mar, que já vae tomando forma apresentável. Mas a these, levada às ultimas consequências, vae talvez escandalosa. E terei de engolir à força mais um chateaubriand, o que me vale são as batatas, de que gosto.

Yours,

P.¹⁰⁷

Na carta CAPP-3 do apêndice de cartas inéditas de Capistrano, o historiador responde Prado quanto ao empréstimo do livro do Padre Pastells. Diz ele: “O livro de Pastells não está à venda aqui; posso encomenda-lo na Briguiet; si V. tiver pressa, cederei meu exemplar e ficarei com o que vier.”¹⁰⁸. Com isso acreditamos que a carta escrita no dia de Santa Luzia¹⁰⁹

¹⁰⁵ Op. Cit. Prado, 2012, p.148.

¹⁰⁶ Carta PPCA-3 do apêndice.

¹⁰⁷ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu de 5 de junho de 1921. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

¹⁰⁸ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado de 13 de dezembro. Sem código. Acervo pessoal da família Prado.

¹⁰⁹ Dia 13 de dezembro.

seja do ano de 1921. Na carta Capistrano também comenta pela primeira vez sobre o copista Pirilo Gomes e seu trabalho de cópia de manuscritos, dizendo que o ‘moço’ tinha talento.

Em carta de 22 de setembro de 1921, Capistrano pela primeira vez cita o nome *Paulística*. O historiador ao perguntar a Prado se um terceiro volume, acreditamos, da série Eduardo Prado seria feito, de imediato responde que pensava em um livro de título *Paulísticas*. Vejamos a passagem: “Teremos 3º volume? Estou pensando num volume de *Paulísticas*: tirando as atas da Câmara e os inventários, quase nada existe sobre o São Paulo do século XVI.”¹¹⁰. Não duvidamos que Prado tenha tirado a ideia e o título do livro dessa carta.

Mais adiante, na mesma carta, Capistrano parece desafiar Prado para que adquirisse alguns manuscritos. A passagem vale ser aqui reproduzida pelo bom humor do historiador cearense: “Há algumas cousas que V. não devia deixar outro comprar: um opúsculo de Francisco Barreto, de todo desconhecido, ao menos para mim; Jarrie, que não existe completo no Brasil; vários manuscritos. Tenha coragem e veja se traz isto.”¹¹¹

A carta que José Honório Rodrigues coloca a seguir tem como data a oitava de natal, entretanto o ano não é informado. Pelo primeiro parágrafo, podemos supor que a mesma pertence à oitava de natal de 1919. Segue a explicação. Logo no primeiro parágrafo da carta, Capistrano comenta sobre o convite de ir a São Martinho para a inauguração da casa nova. Entretanto, como vimos, a carta de Paulo Prado de 6 de fevereiro de 1920¹¹² comenta sobre a inauguração da casa que, como Prado confirma, não contou com a presença de Capistrano.

Ano de 1922

O ano de 1922 é de grande importância para Paulo Prado. Primeiramente, pelo evento da Semana de Arte Moderna e, em segundo lugar, pela publicação de seu primeiro artigo de cunho histórico no jornal *O Estado de São Paulo*. “Caminho do Mar” foi publicado na edição de 28 de setembro de 1922, inaugurando, assim, os escritos que em 1925 seriam compilados em *Paulística*, sua primeira obra. É importante ressaltar que em nenhuma carta é comentado absolutamente nada sobre a Semana de Arte Moderna.

¹¹⁰ Op. Cit. Rodrigues, 1954. p.409.

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² No apêndice como PPCA-1.

O período conta com cinco cartas inéditas escritas por Paulo Prado e duas inéditas escritas por Capistrano de Abreu. As cartas de Prado datam de 13 de outubro, 2 de novembro, 25 de dezembro, as outras duas não foi possível precisar as datas. Já as de Capistrano datam de 30 de setembro e 16 de outubro.

Na carta de 18 de janeiro de 1922, Capistrano faz menção a uma visita à Casa Leuzinger¹¹³, em seguida fala sobre os cadernos e os copistas. Vejamos a passagem: “Todos estes dias tenho ido ao Leuzinger para ver se está brochado o tal volume primeiro. Não sei se hoje serei mais feliz. O formato dos cadernos foi escolhido por mim; atendi somente à comodidade. O copista, como lhe disse, é inteligente e sério; irá melhorando com o tempo.”¹¹⁴

Na carta de 12 de junho de 1922, Capistrano afirma ter realizado a leitura e gostado de certo prólogo que parece ter sido escrito por Prado. Deduzimos isso por meio da sugestão que faz em seguida Capistrano: “Assim pense no negro e trate do caminho do mar. Talvez lhe sirvam as Atas e o Registo, quando tratam da ida de Salvador Correia.”¹¹⁵. Nos cadernos presentes na Biblioteca Mário de Andrade encontramos seis vezes a menção ao nome Salvador Correia.

No final da carta, Capistrano pede dinheiro para pagar o copista Pirilo Gomes. No caderno de número 149 da notação laranja¹¹⁶, consta na contracapa o nome de Pirilo Gomes. Rebeca Gontijo em seu artigo “‘Paulo amigo’: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu” confirma Pirilo Gomes como um dos copistas que trabalhou para Capistrano de Abreu.

Uma carta de 28 de julho de 1922 escrita por Capistrano de Abreu nos dá a ideia de como todo material poderia ser transformado em um documento e algo válido para a historiografia. Ao ter a ideia de enviar ao pai de Paulo Prado um escrito, o historiador pede a Prado que não se esquecesse de tomar nota dos comentários do pai. Vejamos a passagem muito interessante: “Mandei alternar cópias antigas com modernas. Mostre a que vou remeter

¹¹³ A maior parte dos cadernos a que tivemos acesso na Biblioteca Mário de Andrade contam com uma espécie de etiqueta com o nome da Casa Leuzinger.

¹¹⁴ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.412.

¹¹⁵ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado de 12 de junho de 1922.

¹¹⁶ Os cadernos analisados por nós na Biblioteca Mário de Andrade não se encontram devidamente catalogados. A única organização comum a todos os cadernos é uma numeração de cor laranja escrita na capa de todos os cadernos. Dessa forma, utilizaremos tal numeração para referenciar os cadernos.

ao Conselheiro. Ele recordará cousas da infância. Você não perca os comentários e escreva-os.”¹¹⁷.

Na carta inédita CAPP-4, de 30 de setembro de 1922, Capistrano diz estar curioso para ver a edição que traria o artigo de Paulo Prado publicado. Curiosamente o artigo havia sido publicado dois dias antes, imaginamos que Capistrano não tenha tido acesso ao periódico até a data da missiva. Na carta, Capistrano informa de um jeito bem-humorado que Paulo Prado teria que financiar mais duas publicações. Vejamos:

V. está condenado a accoucher de duas almas:

1ª a publicação dos documentos que o Pirillo tem copiado e continuara a copiar. Começam em 1650 e tantos, e [ilegível] darão um bom volume até 1780, fim do domínio do caminho do mar. V. ficara com a introdução, o índice onomástico...

2ª a publicação das copias de jornaes que Pirillo está fazendo: [ilegível] alta novidade, um documento de historia contemporânea!¹¹⁸

Na edição do jornal *O Estado de São Paulo* de 28 de setembro de 1922 foi publicado o primeiro artigo que viria a figurar em *Paulística*, “O Caminho do Mar”. Acerca disso, Capistrano escreveu na carta do dia 6 de outubro do mesmo ano que “Seu artigo no *Estado* lê-se com prazer, tal a impressão do Tobias, do Aranha e a minha. A erudição é de bom quilate. Há apenas uma certa desconexão, que só desaparecerá com o exercício.”¹¹⁹ Na mesma carta Capistrano refaz uma sugestão a Paulo Prado: “A ideia que lhe propus de V. editar as cópias da Biblioteca Nacional daria excelente propedêutica.”¹²⁰ Logo em seguida, chama a atenção de nosso autor para a utilização rigorosa dos documentos: “Talvez V. ache pouco importantes em geral os documentos. Lembre-se do apólogo do feixe de varas: a união faz a força.”¹²¹. Mais adiante, Capistrano sugere, para o estudo sobre a regeneração de São Paulo, as leituras de Saint-Hilaire e D’Allincourt.

Na carta de 8 de outubro de 1922, Capistrano discute com Paulo Prado acerca da posição exposta por nosso autor em relação ao Padre Antonio Vieira em seu artigo “O Caminho do Mar”. Paulo ao escrever sobre Vieira opõe a figura do missionário à ação política favorável à ocupação holandesa. Sobre isso Capistrano diz: “Desde o princípio expus-lhe minha dúvida quanto a Vieira ter pensado em sacrificar o Brasil à Índia. Se V., apesar do

¹¹⁷ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.416.

¹¹⁸ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado de 30 de setembro de 1922. Sem código. Acervo pessoal da família Prado.

¹¹⁹ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.418.

¹²⁰ Ibidem.

¹²¹ Ibidem.

aviso, mantém a afirmação, é porque se convenceu do contrário.”¹²². Em seguida o historiador cearense recomenda a leitura em Southey sobre a atitude do padre.

Ainda na mesma carta, Capistrano comenta sobre os ataques que o artigo de Paulo Prado estava sofrendo: “O ataque a seu artigo parece a cousa mais lógica deste mundo: além do capitalista plumitivo! e plumitivo que não escreveu asneiras! *C’est trop fort.*”¹²³ No final, Capistrano cita mais uma vez o tema do dinheiro para custear o copista Pirilo Gomes.

A carta PPCA-4 enviada por Paulo Prado a Capistrano em uma sexta-feira¹²⁴ fala sobre um artigo em que Amadeu Amaral criticava a visão de nosso autor acerca da figura do Padre Vieira. Segue a transcrição da carta:

sexta-feira

Mestre e amigo.

Ahi vae o artigo do Amadeu Amaral. Como você verá, o homem não teve faro para descobrir a caça escondida. Vou responder com facilidade que nunca disse que o character do padre era tortuoso, mas sim a sua política. Os exemplos não me faltarão para provar isso, sobretudo nas negociações hollandezas. O [ilegível] a respeito é completo. Quanto ao estylo theatral é também fácil responder. Não que a resposta ficará boa e não muito [ilegível], o que não convem ao gênero. Recado do seu

p.¹²⁵

Na carta de véspera de Santa Teresa¹²⁶, Capistrano comenta sobre o artigo de Amadeu Amaral: “O artigo é bem escrito e interessante; mas bem exprimido reduz-se a: Sr. Paulo Prado, contente-se com suas pelegas e não se meta a plumitivo.”¹²⁷. Em seguida o historiador sugere que a resposta ao artigo aguarde uma vez que o próximo número da *Revista de História de Lisboa* traria elementos sobre o ‘intangível jesuíta’.

A crítica ao primeiro artigo de cunho histórico publicado por Paulo Prado e a análise acima feita por Capistrano nos dá bem a tônica do que nosso autor enfrentaria. Prado era um novato na escrita e dada a posição de onde falava, de um homem de destaque na sociedade paulista, seria um alvo fácil para as críticas que tentassem desautoriza-lo. Capistrano faz uma

¹²² Idem, p.420.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Acreditamos aqui que essa sexta-feira tenha sido o dia 13 de outubro. A carta de Capistrano analisada anteriormente é do dia 8 de outubro, um domingo. Nessa carta, como vimos, Capistrano já manifesta o conhecimento das críticas. Na carta seguinte de Capistrano (do dia 14 de outubro), que em seguida será analisada, o historiador já manifesta o conhecimento do artigo.

¹²⁵ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu, 13 de outubro de 1922. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

¹²⁶ Dia 14 de outubro.

¹²⁷ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.421.

excelente leitura da situação ao escrever que a ideia dos críticos era “contente-se com suas pelegas e não se meta a plumitivo”.

Ainda nessa carta, encontramos mais uma evidência de que os cadernos encontrados na biblioteca de Paulo Prado pertenciam, ou passaram anteriormente pelas mãos de Capistrano de Abreu. O historiador escreve: “Não sei que documentos V. dispõe para tratar da Guerra dos Emboabas. Como pretendia tratar do assunto algum dia, mandei extrair umas cópias que, se encontrar, remeterei de casa.”¹²⁸. Na pesquisa realizada na Biblioteca Mário de Andrade encontramos quatro cadernos com o seguinte escrito na capa: “Série Emboabas”¹²⁹.

Na carta inédita CAPP-5, de 16 de outubro de 1922, Capistrano comenta mais uma vez acerca do artigo de Amadeu Amaral. Por fim, diz que iria encomendar a Pirilo Gomes uma pesquisa de documentos na Biblioteca Nacional sobre a temática Emboabas.

Na carta do dia das Treze Mil Virgens¹³⁰ de 1922, Capistrano comenta acerca da resposta de Paulo Prado a Amadeu Amaral: “A resposta está muito boa.”¹³¹. Em seguida, o historiador sugere que Paulo use seu próximo artigo para dar uma lição a Amaral: “Aproveite o artigo sobre a grandeza e a decadência para dar uma lição ao acadêmico.”¹³². O artigo-resposta de Paulo Prado intitulava-se “O padre Vieira” e está na edição de *Paulística* que aqui utilizamos como referência.

A carta PPCA-5 escrita por Paulo Prado parece ter sido enviada no dia seguinte à carta que acabou de ser analisada, ou seja, no dia 22 de outubro. Nela, Paulo Prado pergunta a Capistrano se ele havia recebido o artigo-resposta e fala sobre a última resposta de Amadeu Amaral: “Estou sem notícias suas. Recebeu meu artigo sobre Vieira? Amadeu Amaral se responde hoje, longo artigo que nada accrecenta de interessante. Acaba quase concordando comigo!”¹³³.

Na carta seguinte de Capistrano, de 23 de outubro de 1922, o historiador comenta a resposta de Amadeu Amaral, aqui vale a transcrição total da carta:

Paulo amigo,

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ Os cadernos possuem numeração laranja de 6 a 9.

¹³⁰ Dia de Santa Úrsula, 21 de outubro. Em 1922 era um sábado.

¹³¹ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.422.

¹³² Ibidem.

¹³³ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu, 22 de outubro de 1922. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

Claramente Amadeu quer ser o último a falar. Se está quase de acordo quanto ao político, por que rachar ainda esse cabelo?

Se entende mais conveniente encarar o indivíduo como indivisível, por que não permitiu que outros pusessem marcha diversa, aliás, mais generalizada, como reconhece?

Com que autoridade pode V. falar pelas ordens religiosas, historiadores imparciais e outros que não votam ao insigne inaciano o mesmo culto do ilustre paulista?

No julgamento do estilo vieirino, naturalmente o acadêmico, escritor justamente ordenado, tem toda a razão; mas de absurdo nada tem uma opinião professada por pessoas que não são irresponsáveis.

Quanto ao mais, na monografia do caminho do mar, não aparecerá o nome de Vieira; que mais pode exigir A.A.?

Creio que V. trocaria os volumes de *Sermões*, as *Cartas*, a *Historia do Futuro*, a *Clavis profetarum* por um só dos marcos plantados no caminho do mar e ainda não descobertos.

Ergebenst,

C.¹³⁴

Na carta inédita PPCA-6, Paulo Prado envia a Capistrano o primeiro rascunho do seu segundo artigo. Junto, nosso autor pede a opinião e observações e deixa na mão do orientador o rumo a tomar. Vejamos a passagem:

Ahi vae o primeiro rascunho de meu segundo artigo. Deu-me algum trabalho mas não me satisfaz. Peço a sua opinião e as suas observações: conforme forem adiarei a publicação, para depois de minha viagem à [ilegível]. O assumpto é vasto demais, e no resumo há talvez certa falta de perspectiva e harmonia que me escapa neste momento em que [ilegível] ainda dentro de meu assumpto. Você dirá o que devo fazer.¹³⁵

Com essa passagem podemos notar uma autocrítica de nosso autor em relação a seus escritos. Mais adiante, Prado afirma a intenção de ir ao Rio de Janeiro. A carta de Capistrano analisada abaixo confirma a localização cronológica dessa missiva por meio do artigo e da ida de Prado à capital.

Uma carta inédita, PPCA-7, datada do dia de Finados de 1922, foi enviada por Paulo Prado para Capistrano de Abreu. Nela Paulo Prado resolve pela postergação da publicação e pela primeira vez fala de maneira cautelosa sobre a possibilidade de compilar seus textos em um pequeno livro. De fato, o artigo de nome “Decadência” levou quase seis meses para ser publicado, figurando nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo* em 1º de abril de 1923. A importância dessa carta se dá por duas passagens relativas ao processo de estudo de Paulo

¹³⁴ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.423.

¹³⁵ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu de 1922. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

Prado. Na primeira passagem, nosso autor assume a leitura dos cadernos de cópias e reconhece que muita coisa ali poderia ter sido usada na confecção do artigo *Caminho do Mar*. Muito possivelmente uma análise da versão publicada em 1922, e da que figura na edição de *Paulística* de 1925, deve apresentar algumas diferenças.

A segunda passagem mostra a consciência de nosso autor para com sua produção intelectual. Se não podemos afirmar que sua fala é um reconhecimento das limitações de suas análises, ao menos podemos observar um aprendiz que tem consciência da amplitude do estudo. Essa parte corrobora nossa ideia de que olhar para os escritos de Paulo Prado com um olhar rigoroso do ponto de vista do ofício do historiador, o que Paulo Prado não é, é incorrer em uma premissa errada, a qual o autor claramente não se propõe. Sendo assim, a transcrição integral dessa carta, PPCA-7, é importante para observarmos todos os pontos citados acima.

Finados

Mestre e amigo.

Desejo que o seu incommodo tenha sido passageiro. Não se [ilegível] com as observações ao meu projecto de artigo, não há pressa. Já resolvi duas cousas importantes: não publico o artigo, como o esbocei – e não parto mais para a Europa a 19 de novembro. Adiei a minha viagem porque meu pae anda um pouco nervoso, e não tenho eu nada a fazer do outro lado da lagoa, prefiro não deixa-lo só. Nos meus planos fica a viagem para janeiro.

Quanto ao artigo, parece-me que a primeira parte pouco interesse terá para o publico de jornal; é um resumo mal feito e desconexo, e antes um complemento do ‘Caminho do Mar’. Reunindo este, e a primeira parte da Grandeza e decadência, talvez – com maior desenvolvimento – chegue eu a ter elementos para um pequeno livro, [ilegível], trabalhado, e harmônico. Da segunda parte, com novos elementos, é possível que para sahir um soffrivel artigo de jornal, já com ares de polemica, que será inevitável. Servirá de passatempo para este verão que se anuncia chuvoso. Tenho relido com maior attenção os cadernos de copias. Há muita cousa interessante, e que (ou) poderia ter aproveitado com vantagem no Caminho do Mar. Estou convencido que anda a progredir na Historia do Brasil: o [ilegível] é ter eu grande desprezo pela parte que fiz. Não vale nada, mas vale muito ter eu a consciência disso. Deus nos livre da sufficiencia e da falsa sciencia!

Salvo qualquer contratempo pretendo partir para o Rio a 16 de novembro, ainda a tempo para ver os destroços da destruição do Tio Pita. Que prebenda para o Sá...o grupo paulista que vae para o governo é um [ilegível] muito conhecido aqui, que explora tudo que é negocio lucrativo e suspeito. Um delles já respondeo a juiz por desvio de dinheiro alheio...

Boa saúde e saudades do

p.¹³⁶

¹³⁶ Carta de Paulo Prado para Capistrano de Abreu de 2 de novembro de 1922. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

Na carta da véspera de São Rui¹³⁷, podemos observar Capistrano em plena função de orientador de Paulo Prado ao comentar sobre um artigo enviado por nosso autor: “Pus seu artigo no correio, com algumas observações secundárias. Acho-o muito dispersivo. A primeira parte deve ser desenvolvida, posta em ordem cronológica. Convém antes de tudo formar uma ideia clara de São Paulo antigo.”¹³⁸. Em seguida Capistrano faz uma série de sugestões bibliográficas a Paulo e pede que retorne alguns cadernos: “Peço para o Rio leve os cadernos copiados por Pirilo; quero revê-los, pô-los em ordem para quando V. voltar e meter mãos à obra.”¹³⁹.

Na carta de 17 de novembro de 1922, Capistrano comenta sobre um dos trabalhos que o copista Pirilo Gomes estava fazendo: “Pirilo estava copiando um documento sobre Manuel Nunes Viana: suspendeu-o à vista de sua viagem e vai recomençar. Disse-me que são consultas do Conselho Ultramarino.”¹⁴⁰. Os cadernos citados acima com a inscrição ‘Emboabas’ na capa possuem excertos sobre as consultas do Conselho Ultramarino e sobre Manuel Nunes Viana.

Em 25 de novembro de 1922, Capistrano ao falar sobre fontes que Prado deveria começar a ler, sugere a nosso autor a leitura de Marcelino Pereira Cleto. Vejamos a passagem: “V. se acostume a consultar o *Catálogo da Exp. de Hist. e Geog.* que V. deve ter em separatas dos *An. da Bib. Nac.* vol. 9º. Talvez possa satisfazê-lo o escrito de Cleto, publ. num dos recentes volumes da Bib. Nac.”¹⁴¹. Adiante explicaremos a importância da sugestão de leitura de Cleto, por parte de Capistrano.

Já na carta de 6 de dezembro de 1922, Capistrano procura notícias do Conselheiro Antonio Prado: “Pelo seu silêncio vejo que o Conselheiro vai passando bem e passou o estado de nervosismo.”¹⁴². O fato do historiador falar sobre o nervosismo do Conselheiro confirma o ano da carta PPCA-7, que também pode ser confirmada quando Prado diz ir ao Rio ainda a

¹³⁷ Uma coincidência nos faz suspeitar de uma data. Durante uma breve pesquisa em que não encontramos nenhum santo com nome Rui, o nome de Rui Barbosa surgiu como um dos resultados. Dessa forma, verificamos que a data de aniversário de Rui Barbosa era 5 de novembro, o que se aproxima muito com o período da carta. Podemos, então, supor que Capistrano se utiliza de um trocadilho para datar a carta como a véspera de São Rui, ou seja, dia 4 de novembro. O motivo pelo qual não podemos afirmar ser essa a data exatamente consiste no fato de as cartas terem informações que destoam. Capistrano escreve sobre a viagem de Prado que havia sido cancelada como este informa em sua carta, enquanto Prado escreve ao mestre que não se preocupe com as observações, que na carta do dia de São Rui são enviadas como nos diz o historiador cearense. Dessa forma podemos supor que a carta de Capistrano foi enviada antes da chegada da carta de Prado do dia de finados.

¹³⁸ Idem, p.425.

¹³⁹ Ibidem.

¹⁴⁰ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.426.

¹⁴¹ Idem, p.427.

¹⁴² Idem, p.428.

tempo de ver os últimos meses do governo do presidente Epitácio Pessoa, chamado por ele em sua carta de “Tio Pita”.

A carta de 11 de dezembro de 1922 é marcada por um tom de cuidado, podemos pensar em um certo zelo, por parte de Capistrano. O historiador faz duas observações acerca da produção de artigos de Paulo Prado. A primeira soa mais como uma orientação, enquanto a segunda mais parece um pedido por rigor por parte do orientador. Vejamos:

Sobre seus planejados artigos, farei duas observações:

1ª A *grandeza* de São Paulo é tão pequena que não dê para um artigo? Escrevendo-o sem se importar com a *decadência*, que será estudada à parte, V. verá melhor a realidade, e não se deixará levar por cantigas.

2ª Nada de equívocos: trata-se de São Paulo *vila e município* ou de São Paulo capitania?¹⁴³

Logo em seguida Capistrano tece comentários acerca do fato de Paulo Prado se tornar diretor da *Revista do Brasil*. Em um tom irônico o historiador diz: “No negócio da *Revista*, vejo que Monteiro Lobato ganhará: duvido que ganhe a revista ou ganhe V. Daí quem sabe? Quem sabe se V., novo César, não encarnará muitos Mários, isto é, muitos Brutos.”¹⁴⁴. Podemos observar a preocupação de um orientador para com um orientando. Algo que sugere uma relação de franca intimidade.

Na carta de 15 de dezembro de 1922, Capistrano, ao comentar sobre um artigo de Paulo Prado, acaba por fazer um comentário um tanto quanto bem-humorado: “Fiz bem em lhe aconselhar que separasse a *grandeza* da *decadência*, evitando esta *montesquieuserie* barata. Pensava que V. queria fazer História; vejo que quer fazer sátira: está no seu pleno direito: S. Paulo de Artur de Sá é menos picante que o de W. Luís.”¹⁴⁵. A frase de Capistrano é muito significativa para nossa dissertação. O historiador parece reconhecer que embora Paulo Prado tenha interesse pela História, a área é um apêndice que nosso autor pretende para suas considerações acerca da política. Afinal, a política é a única questão do país.

A carta de 23 de dezembro de 1922 traz um importante dado que permite observar mais uma vez o caminho dos cadernos e a possível fonte do método exposto, nesta carta por Capistrano, para se estudar São Paulo. Antes de passar a esse ponto, vale destacar que na carta Capistrano comenta sobre uns artigos de Said Ali, que na carta resposta de Paulo Prado veremos ser para a *Revista do Brasil*, e pergunta a opinião de nosso autor acerca da

¹⁴³ Idem, p.429.

¹⁴⁴ Ibidem.

¹⁴⁵ Idem, p.430.

valorização do café. Antes de passarmos à carta PPCA-8 escrita por Paulo Prado, nos permitimos uma digressão para realizar alguns apontamentos em relação ao método proposto por Capistrano. Na carta Capistrano diz que:

Falei da grandeza de São Paulo por uma questão de método. Você tem que acompanhar a Paulicéia até seu clímax, mostrar como declinou e como readquiriu sem [sic] lugar. Figuremos:

De outro modo fugirá do fenômeno. Ainda questão de método: Paulicéia ou capitania e província?¹⁴⁶

Aqui se inicia a digressão. O método proposto por Capistrano pode ser consequência de um estudo feito pelo historiador cearense sobre a *Dissertação a respeito da Capitania de São Paulo, sua decadência e modo de restabelecê-la* publicada em 1782 pelo magistrado Marcelino Pereira Cleto. Antes de abordar o conteúdo da obra, justificaremos a hipótese.

A referência ao manuscrito foi encontrada na pesquisa dos cadernos realizada na Biblioteca Mário de Andrade, mais especificamente em quatro deles¹⁴⁷. Esses cadernos eram distintos daqueles que Capistrano diz ter escolhido na casa Leuzinger, como vimos acima. Podemos, então, sugerir que eram anteriores a esse período. A *Dissertação* de Cleto foi totalmente transcrita pelo copista conforme ordenou o próprio Capistrano de Abreu como se pode confirmar na nota do copista: “Difsertação A resp^to da Capitania de S. Paulo, sua decadência, e modo de restabelece-la” prosseguio pelo Ypiranga, segundo as instruções do Dr. Capistrano de Abreu.”¹⁴⁸. O mais interessante é que tal cópia foi realizada diretamente do manuscrito conforme vemos no próprio caderno: “Manuscrito copiado na Bibliotheca Nacional II 35, 24, 13. Difsertação A resp^to da Capitania de S. Paulo, sua decadência, e modo de restabelece-la.”¹⁴⁹. Entretanto, em 1899 a Biblioteca Nacional publicou o conteúdo do manuscrito no número XXI dos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, nas páginas 193-254. Dessa forma, acreditamos que Capistrano tenha tido acesso a tal material antes de 1899.

A *Dissertação* de Marcelino Cleto, segundo artigo publicado na Revista do IHGB por Marco Antonio Silveira sob o título de “Nativismo por adoção: letras e percurso do doutor

¹⁴⁶ Idem, p.432.

¹⁴⁷ A numeração laranja dos cadernos vai de 128 a 131.

¹⁴⁸ Caderno 131. Não foram realizadas atualizações, nem de grafia nem de pontuação.

¹⁴⁹ Ibidem.

Marcelino Pereira Cleto (1778-1794)”¹⁵⁰, discorre sobre os efeitos das descobertas das minas auríferas sobre a economia da capitania de São Paulo. Dois pontos são destacados por Cleto, o primeiro diz respeito ao êxodo de pessoas que se deu em direção às regiões auríferas. O segundo ponto é o estabelecimento de novos caminhos que isolaram a sede administrativa que havia sido instalada no planalto paulista. Esses dois fatores em conjunto fizeram com que a economia da capitania se deprimisse. Cleto apontava duas soluções para a regeneração da capitania: a transferência da sede administrativa para a ‘marinha’, ou seja, para Santos e o investimento na atividade agrícola. Aqui vale a transcrição de parte da *Dissertação* citada por Silveira em seu artigo:

A Capitania de S. Paulo foi das primeiras que se descobriu e principiou a povoar-se na América; dela se fizeram, como já se disse, todos os descobrimentos que hoje formam diferentes capitanias, e por ela se fazia o negócio para todas as Minas; foi este tempo de abundância para a Capitania; porém, daqui lhe nasceu toda a decadência em que se acha, porque os descobrimentos lhe levaram os povoadores; o ouro das minas e o negócio, objetos interinamente mais lucrosos, os fez [sic] esquecer da agricultura. Sirva-me de exemplo a Vila de Santos e seu termo, em que havia mais de quatrocentos homens lavradores hábeis para servirem na Câmara, e desta qualidade não há hoje meia dúzia; ainda presentemente se conhece que todo o termo era povoado e cultivado, [e] agora quase tudo são nele ruínas e deserção; o ouro das minas veio a diminuir, o negócio também diminuiu, porque para todas elas se descobriram diferentes caminhos; pelo que, ao mesmo tempo, ficaram sem minas, sem negócio e sem agricultura.¹⁵¹

Sobre a hipótese levantada de que em alguma medida o método proposto por Capistrano tem como origem a *Dissertação* de Cleto, não seria exagero observar que a ideia de decadência, que implica um momento anterior de ‘clímax’ e, posterior, de ‘regeneração’, está presente em ambos os autores. Capistrano em uma passagem do último capítulo de *Capítulos de História Colonial* apresenta ideias muito semelhantes às de Cleto, vejamos:

No princípio do século, começavam a despertar da hibernação devida às minas e aos grandes êxodos por elas provocados em São Paulo. A agricultura aos poucos se reanimava; existiam numerosos engenhos de açúcar e de aguardente; duvidava-se ainda que o clima permitisse a grande cultura do algodão e do café. A mais importante fonte de receita consistia no comércio de trânsito, de Mato Grosso, de Goiás, de parte de Minas e dos sertões do Sul. Já funcionava a famosa feira anual de Sorocaba.¹⁵²

É importante, também, pontuar o destaque que Silveira faz do trabalho de Marcelino Cleto, que ao se utilizar de diversas fontes de origem arquivística, da tradição oral e das

¹⁵⁰ SILVEIRA, Marco Antonio. *Nativismo por adoção: letras e percurso do doutor Marcelino Pereira Cleto (1778-1794)*. In. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Ano 172, n.452, jul./set. 2011, p.115-176.

¹⁵¹ CLETO, Marcelino Pereira. *Dissertação a respeito da Capitania de São Paulo, sua decadência e modo de restabelecê-la*. Apud Op. Cit. Silveira, 2011, p.127.

¹⁵² ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial 1500-1800*. Brasília. Conselho Editorial do Senado Federal. 1998. p.209.

planilhas da alfândega de Santos dá com sua *Dissertação* “um passo decisivo para a escrita da história, entendida como exposição cronológica de fatos verdadeiros”¹⁵³, ainda que o texto contenha algumas inverdades como ressalva Silveira. Talvez o apreço que Cleto tinha pela verdade tenha atraído a atenção de Capistrano de Abreu.

Por fim, devemos recordar que tal modelo para o estudo de São Paulo é estritamente seguido por Paulo Prado chegando a figurar, como o Capistrano desenhou, no prefácio à primeira edição de *Paulistica*. Nas palavras de nosso autor:

No largo quadro da história paulista, pelos claro-escuros das diferentes épocas, percebe-se nitidamente traçada uma linha curva que assinala a sua grandeza, sua decadência e a sua regeneração. (...) Curva ascensional, culminando na expansão colonizadora e mineira do século XVII, quando a ambição dos lavageiros e escavadores de ouro e o ânimo guerreiro substituíram a gana escravizadora dos primitivos aventureiros; curva descendente, resultante do despovoamento provocado por conquistas e minas, atingindo a degradação política, moral e física dos tempos dos governadores capitães-gerais, em que na miséria extrema da província morria vergonhosamente a glória do paulista antigo; curva ascendente para se elevar de novo ao renascimento econômico dos dias de hoje.¹⁵⁴

Terminada essa digressão, passemos à análise da carta PPCA-8 enviada por Paulo Prado no Natal de 1922. Vejamos a transcrição dela:

Natal de 1922.

Mestre e amigo.

Merry Christmas!

Sigo hoje para o Guarujá onde vou passar dois dias. O seu artigo está ótimo para o número da Revista, que deve sair a 15 de janeiro. Agradeço desde já a magnífica contribuição do Said Ali.¹⁵⁵ Cada número conterá uma crônica científica, de Arthur Neiva, uma literária que espero fará o Ronald, e uma artística que confiei ao Mario de Andrade, um dos talentos da novíssima geração paulista. Creio que a Revista ficará interessante. A minha ideia é aproximar o mais possível do tipo de revista inglesa, verdadeiro meio termo entre o livro e o jornal, publicando salve o assumpto do dia o artigo do homem em evidencia. Conseguirei isto?

Já terminei a primeira parte do meu artigo. Tenho me divertido muito em escrevê-lo, não tendo a mínima preocupação em publicá-lo. Só o farei quando você der o [ilegível].

Já o conselheiro continua a passar melhor, irás ali o Rio em princípios de janeiro.

O escândalo da valorização é ridículo. O célebre prospecto que o Correio da manhã publicou como grande novidade já tinha sido traduzido aqui pelo Estado, quando houve o lançamento do empréstimo em Londres, e enviado por mim, que o tirei do Times. Quanto ao mais não há também novidade

¹⁵³ Op. Cit. Silveira, 2011, p.129.

¹⁵⁴ Op. Cit. Prado, 2004, p.59.

¹⁵⁵ Esta frase parece ser uma nota no meio do texto.

nenhuma a não ser o [ilegível] lâchage dos amigos do Eptácio. O Ellis¹⁵⁶ passou todo o governo do Tio Pita a endeuzal-o, o Sampaio Vidal era um comensal do Catete, e o Cincinato foi [ilegível,...] dizendo que era um guarda brasileiro. E todos conheciam os factos escandalosos da administração epítacista. O escândalo da valorização consiste em ser a B. Warrant, [ilegível], vendedura e fiscal do governo, tudo ao mesmo tempo. Nunca houve maior tentação neste mundo para a gente se apoderar do dinheiro publico. Resistiriam muitos?

Yours truly

P.¹⁵⁷

Nesta carta podemos observar o envolvimento de Paulo Prado em sua mais nova empreitada, a *Revista do Brasil*. No trecho Prado dá detalhes dos preparativos para a primeira edição sobre o seu comando. Segundo Tânia Regina de Luca, Prado esteve à frente da revista durante os números 85 a 113¹⁵⁸, nesse período assinou nove editoriais (LUCA, 1998, p.71). Prado, também, agradece o artigo de Capistrano chamado “Fragmento de Prólogo” e o de Said Ali com o título de “Copa e Copo”.

Sobre seu artigo, Prado dá uma breve nota e mais uma vez reitera a despreocupação com a ideia de publica-lo, destacando o divertimento da tarefa. A última parte mostra a visão de Paulo Prado acerca da política de valorização do café criada ainda no governo de Eptácio Pessoa. Além de não ser partidário do governo de Eptácio Pessoa, resultado do imbróglgio em que se envolveu após a negociação do Convênio Franco-Brasileiro, Paulo Prado não se surpreende com o dito escândalo que consistia no fato de a empresa Brazilian Warrant ser ao mesmo tempo credor e fiscal das contas do governo, fiscal porque, pelo acordo realizado no ato do empréstimo de maio de 1922, o país ficaria impedido de operar qualquer nova operação no mercado de café sem a autorização de um comitê formado com representantes dos bancos e do governo brasileiro. (SOUZA, 2001, p.139)

Na carta do dia dos inocentes¹⁵⁹, Capistrano de Abreu inicia uma prática que durou por todo o período em que Prado esteve à frente da *Revista do Brasil*. O mestre de Paulo Prado começa a arregimentar uma série de artigos para que ele publicasse na revista. Vejamos:

Seu patricio Gentil de Moura passou dois anos no Arquivo do Mosteiro de São Bento daqui. Encontrou muita novidade sobre a cidade e capitania. Prometeu passar para escrita o que colheu; provavelmente chegará a tempo de sair no mês de fevereiro. Mário de Alencar prometeu, em princípio, colaborar.¹⁶⁰

¹⁵⁶ Alfredo Ellis Júnior (1896-1974) foi um historiador brasileiro.

¹⁵⁷ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu de 25 de dezembro de 1922.

¹⁵⁸ Da edição de janeiro de 1923 a maio de 1925.

¹⁵⁹ Dia 28 de dezembro.

¹⁶⁰ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.433.

Verificamos, na edição de número 88 do mês de abril de 1923 que o artigo “O diário de Pero Lopes de Souza e o litoral paulista” de Gentil de Moura havia sido publicado na revista. Embora Capistrano criticasse o envolvimento de Prado com a revista, alegando que isso o afastaria do estudo da História do Brasil, o historiador utilizou o veículo como forma de publicar artigos de seus discípulos. Podemos pensar que Capistrano acabou usando a oportunidade como um mecanismo de prestígio em sua própria rede acadêmica.

O ano de 1923

O ano de 1923 é marcado pela produção de mais artigos e pela preocupação de Prado com a publicação da *Revista do Brasil*, o tema recebe especial destaque nas cartas do período. O ano possui quatro cartas inéditas escritas por Paulo Prado datadas de 8 de janeiro, duas de 20 de março, nos explicaremos, e uma de 3 de abril. Já Capistrano de Abreu enviou uma carta inédita para Prado em 21 de fevereiro. Passemos à análise.

A carta PPCA-9 de 8 de janeiro de 1923 mostra mais uma vez Paulo Prado pedindo a aprovação de seus escritos por parte de Capistrano. Na carta Prado nos dá uma ideia do fluxo de escritos, sempre pedindo certa aprovação. No último parágrafo nosso autor parece brincar ao insinuar que todo o trabalho que estaria tendo com os artigos era no fundo culpa do próprio Capistrano. Vejamos a carta:

8 de janeiro [1923]

Mestre e amigo.

Recebi de volta o estudo sobre Bandeiras. Mando agora o terceiro e ultimo artigo sobre a Decadência. É talvez o [ilegível], e o que me deu mais trabalho. Leia-o e mande-me a sua impressão, e observações. Terminei já a espécie de prefácio que sobre o qual não tenho opinião, parecendo (m) desigual e às vezes litterario demais o que me [ilegível]. Você dirá.

Desculpe essa [ilegível] toda, mas a culpa é sua: foi você que me meteu dans cette gallère. E quero agora liquidar esse trabalho, para pensar em outra cousa, como por exemplo o caso do Pires e Camargos.

Saudoso abraço do seu

P.¹⁶¹

A carta de 26 de janeiro de 1923 nos confirma a participação de Capistrano como uma figura ativa na indicação de colegas para publicação na revista comandada por Paulo Prado. A

¹⁶¹ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu de 8 de janeiro de 1922. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

sugestão da vez foi Clemente Brandenburger, que publicou o artigo de nome “A Nova Gazeta da Terra do Brasil” na edição de março da *Revista do Brasil*, exatamente como previa Capistrano. Escreveu a Prado, o historiador cearense: “Aqui esteve o Brandenburger, que me trouxe um trabalho importante sobre a enigmática *Gazeta Alemã* de 1514. Dará para um artigo que poderá sair em março.”¹⁶².

Mais um elemento pode ser adicionado a essa rede montada em torno de Capistrano de Abreu. Além do fluxo de cadernos de cópias, já bem explorado nessas páginas, Capistrano passou a auxiliar Paulo Prado na prospecção de artigos para a *Revista do Brasil*. Aqui estabelecia-se mais uma relação mutualística na qual Paulo Prado se apoiava nas indicações incontestáveis do grande mestre e Capistrano prestigiava colegas e discípulos.

A carta escrita por Capistrano em 28 de janeiro de 1923 nos traz uma curiosidade, ou melhor, uma coincidência que julgo importante pontuar. Ao responder a Paulo Prado sobre o que estudar sobre Martim Afonso de Souza, Capistrano sugere o estudo do *Diário* publicado na Revista do IHGB em 1861. Em seguida faz a seguinte ressalva: “Cave o texto, e para se distrair leia o folheto de João Mendes Velho, negando a autenticidade do *Diário*.”¹⁶³. Acontece que durante o exame dos livros da biblioteca de Paulo Prado encontramos um exemplar do *Diário da navegação da armada que foi a terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Affonso de Sousa, escrito por seu irmão Pero Lopes de Sousa* de 1847 organizado por Francisco Adolfo Varnhagen. O curioso está no fato de que na folha de rosto do livro encontra-se escrito a seguinte frase: “Duvido da autenticidade deste Diário: Varnhagen era geitoso na falsidade. São Paulo, 1912.” Teria essa edição pertencido a Capistrano de Abreu?

Na carta de 5 fevereiro, no meio de diversas recomendações sobre estudos, autores e compras de livro, assuntos constantes nas cartas de Capistrano, o historiador cearense sugere a publicação na revista do Brasil de textos trabalhados por ele acerca dos Bacairis. Entretanto nenhum texto de Capistrano de Abreu sobre os Bacairis foi achado por nós na revista.

No dia seguinte, 6 de fevereiro, Capistrano de Abreu escreve a Paulo Prado para explicar o caso da obra de Von den Steinen e pedir-lhe ajuda. Prado responderia tal pedido em uma das cartas de 20 de março. Vejamos o pedido do historiador:

¹⁶² Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.435.

¹⁶³ Idem, p.436.

O autor da carta junta, Franz Boas, é universalmente conhecido como uma das maiores autoridades em questões antropológicas. Carlos Von den Steinen, a quem se refere, fez duas expedições à nossa terra, e lançou as bases de etnografia científica do Brasil. Peço-lhe se interesse pela causa, lance uma *derrama* entre os amigos e mande a Franz Boas uma ordem prestigiosa para facilitar a impressão da obra que deve ser genial.¹⁶⁴

Na carta da 2ª de carnaval de 1923¹⁶⁵, Capistrano continua com os assuntos comuns a outras cartas, recomendações de documentos para leitura de Paulo Prado e indicações de possíveis artigos para publicação na *Revista do Brasil*. O que nessa carta chama a atenção é um toque bem-humorado, que parece responder à brincadeira da carta de 8 de janeiro de Paulo Prado, analisada acima. Capistrano procura se desvencilhar da culpa de ter metido Paulo Prado nesse meio da produção acadêmica escrita, insinuando que sua vida social deve se transformar em uma vida dedicada aos estudos. Vejamos a passagem: “Como resolverá V. a questão de transformar sua *garconnière* em *étudiante*? ”¹⁶⁶.

Na carta da oitava da purificação de 1923, Capistrano comenta sobre a permuta que conseguiu fazer com a Biblioteca Nacional para obter um livro que Paulo Prado queria. O historiador escreve: “O exemplar do Claude d’Abbeville serviu para alguma cousa: por ele permutei com a Bib. Nac. o exemplar da 3ª edição de Varnhagen que V. tanto desejava.”¹⁶⁷. Essa edição que foi revista pelo próprio Capistrano está até hoje na biblioteca de Paulo Prado. Na folha de rosto da obra pode-se ver escrito a portaria que autorizou a permuta, assim como a assinatura do diretor geral da biblioteca.

Na carta inédita CAPP-6, datada de 21 de fevereiro de 1923, Capistrano informa Prado sobre a devolução de um segundo artigo enviado por nosso autor e tece a crítica: “Melhor andaria V. lendo Allincourt e Sain Hilaire para ver como o job que V. pinta desgafou.”¹⁶⁸. Em seguida, informa estar conseguindo assinaturas para a obra de Von den Steinen. A prospecção de artigos continua firme, como podemos observar quando diz: “Tenho promessa de um artigo de Miguel Osorio para S. João; devo receber talvez amanhã um artigo de Leite Ribeiro, que dizem muito competente, sobre a evolução das entradas. Arrojado ainda tem ahi dois, como me disse.”¹⁶⁹

¹⁶⁴ Idem, p.438.

¹⁶⁵ Dia 11 de fevereiro.

¹⁶⁶ Idem, p.438.

¹⁶⁷ Idem, p.440.

¹⁶⁸ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado de 21 de fevereiro de 1923. Sem código. Arquivo pessoal da família Prado.

¹⁶⁹ Ibidem.

Na carta do dia de São José¹⁷⁰ de 1923, Capistrano atualiza Prado sobre as cópias que estariam sendo feitas na Biblioteca Nacional e, em uma segunda parte da carta, o atualiza quanto a possíveis artigos prospectados por ele para a *Revista do Brasil*. Sobre as cópias, Capistrano diz:

Como as cópias da Inquisição estão suspensas, à espera de novas pesquisas, pedi que copiassem as paulísticas arroladas no último volume dos *Anais da Bib. Nac.*, dando preferencia aos documentos sobre mineração para serem impressos com a *Informação de Pedro Taques sobre as minas*. Remeto-lhe hoje os primeiros recebidos. Junto um que há tempo recebi da Espanha. Pode interessar-lhe. (P. S. Não o acho: irá de outra vez).¹⁷¹

Durante a pesquisa na Biblioteca Mário de Andrade encontramos 10 cadernos com a seguinte informação escrita na capa: “Informação das Minas de S. Paulo. Pedro Taques”. Aqui temos mais uma evidência de que os cadernos pertenciam a Capistrano. Como já foi observado anteriormente aqui, na carta de 18 de maio de 1920, Capistrano cita D. Rodrigo de Castel Branco ao comentar sobre um artigo que escrevia acerca do antigo caminho de São Paulo para as minas. Um dos cadernos encontrados acima trata sobre a “Instrução de Regimento que trouxe D. Rodrigo de Castelbranco.”¹⁷².

Em carta de 20¹⁷³ de março de 1923, Paulo Prado informa Capistrano sobre a contribuição à obra de Von den Steinen e solicita ao historiador algumas linhas para que a ‘derrama’ de que falava Capistrano em carta anterior, fosse mais fácil. Vejamos a passagem:

Ahi vae a minha contribuição para o livro de v. den steinen, que recebi. É possível arranjar aqui mais, será pouco, preciso que você se resolva a escrever umas 20 linhas expondo o caso, para sollicitar assignatura. Não conto para isso com brasileiros, mas talvez com a collonia allemã. Tentarei com prazer. Nada mais para hoje!¹⁷⁴

Na carta de 20¹⁷⁵ de março de 1923¹⁷⁶, Paulo Prado pede notícias ao mestre e informa o envio do número de fevereiro da *Revista do Brasil*. Em seguida confirma o recebimento dos cadernos e informa sobre a publicação de seu artigo no jornal *O Estado de São Paulo*. Na

¹⁷⁰ Dia 19 de março.

¹⁷¹ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.441.

¹⁷² Caderno de numeração laranja 52.

¹⁷³ Acreditamos que essa data esteja errada uma vez que logo em seguida da data escreve ser véspera de outono, ou seja, dia 19 de março e não 20 de março.

¹⁷⁴ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu de 20 [19] de março de 1923. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil. Esta carta está no apêndice com o código PPCA-10.

¹⁷⁵ Paulo Prado na carta diz que seu artigo havia sido publicado no dia anterior. Consultando o acervo do jornal *O Estado de São Paulo*, verificamos que o artigo foi publicado no mesmo dia 20, o que nos leva a crer que ou Prado estava enganado acerca da data da publicação ou marcara o dia errado na carta.

¹⁷⁶ Esta carta está no apêndice com o código PPCA-11.

carta de quarta-feira maior¹⁷⁷, Capistrano comenta sobre a publicação do primeiro artigo de Prado sobre a decadência de São Paulo.

Na carta PPCA-12 de 3 de abril de 1923, Paulo Prado informa sobre a publicação de seu último artigo da série sobre a decadência de São Paulo. Os três artigos da série foram reunidos em um único e publicado na primeira edição de *Paulistica* com algumas alterações. Prado aproveita a carta e pede a Capistrano que arranjasse artigos para a próxima edição da revista. Vejamos a carta:

terça-feira – 3 [3 de abril de 1923]

Mestre e amigo.

Junto os trez artigos que sahiram no Estado. O ultimo só foi publicado no Domingo de Paschua. Como você já sabia, não contém novidade.

Hoje [ilegível, ilegível] o numero da Revista de março. Trata-se agora de arranjar alguma cousa para a próxima. Você não me arranjará alguma cousa?

Até o fim da semana,

Yours truly

P.¹⁷⁸

Na carta do dia de São Marcos¹⁷⁹ de 1923, Capistrano de Abreu escreve a Paulo Prado pedindo, explicitamente, sem eufemismos como, por vezes, fazia em outras cartas, dinheiro para o pagamento dos copistas. Vejamos a passagem: “Como talvez sua viagem demore, peço-lhe mande dinheiro para pagar o copista no princípio do mês.”¹⁸⁰. Aqui podemos pensar que o mecenato de Paulo já ganha nuances mais naturais, deixando de lado qualquer formalismo.

Na carta de 5 de junho de 1923, Capistrano, novamente, contesta a participação de Paulo Prado na *Revista do Brasil*. O historiador parece crer que tal participação toma o tempo que nosso autor deveria dedicar aos estudos. Vejamos: “Sobre a *Revista* lembra-se que disse: via o proveito do periódico, via o do M.L.¹⁸¹, não via o seu. Não sabia ainda que na melhor hipótese V. é condômino.”¹⁸².

¹⁷⁷ Dia 28 de março.

¹⁷⁸ Carta de Paulo Prado para Capistrano de Abreu de 3 de abril de 1923. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

¹⁷⁹ Dia 25 de abril.

¹⁸⁰ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.448.

¹⁸¹ Monteiro Lobato.

¹⁸² Idem, p.448.

A atuação de Paulo Prado na *Revista do Brasil*, diante desse panorama, parece ser parte do principal objetivo de nosso autor: integrar-se às rodas dos formadores de opinião. Se o primeiro estágio desse objetivo foi a busca pela erudição, ainda que em certos termos, o segundo passo parece ser a busca por uma posição central, de onde ele poderia manejar os trânsitos, algo semelhante com o que desenvolveu junto ao grupo dos modernistas. De certa maneira, podemos pensar que Paulo Prado procura espaços onde se coloca como mantenedor da situação.

O ano de 1924

O ano de 1924 talvez tenha sido o ano de maior produção literária de Paulo Prado. Além de quatro editoriais na *Revista do Brasil*, Prado publicou artigos sobre o escultor Victor Brecheret e sobre o poeta suíço Blaise Cendrars. Seus dois artigos sobre as bandeiras, que em *Paulística* viraram um só, foram publicados em fevereiro. O artigo “Uma data” foi publicado em maio do mesmo ano. Nesse período, somente uma carta é inédita, Paulo Prado a escreve para Capistrano em 24 de fevereiro.

A carta de 13 de janeiro de 1924 de Capistrano de Abreu é mais um indício dessa relação mutualística bancada pelo mecenato de Paulo Prado. Logo de começo Capistrano comenta sobre o artigo publicado por Prado sobre o escultor Victor Brecheret. O historiador parece fazer pouco caso uma vez que a temática do assunto não lhe é familiar, e assim escreve: “Recebi com sua carta o artigo sobre o escultor paulista, ou antes francês, *échoué* em S. Paulo. Está bem escrito, li-o com prazer, mas de coisas de arte pouco entendo por faltarem-se qualidade essenciais.”¹⁸³.

Mais adiante, uma passagem acerca da possibilidade de adquirir livros e documentos nos mostra bem a dinâmica de como esse financiamento, que não podemos determinar se é total ou parcial, se organiza e produz o trânsito de materiais. Primeiramente, Capistrano comenta sobre um livro que interessaria a Prado, o detalhe aqui é que o historiador afirma utilizar o saldo que nosso autor já tinha junto a uma livraria. Pelo conteúdo das cartas percebemos que esses saldos eram administrados integralmente por Capistrano. Em seguida, o historiador afirma ter comprado alguns documentos e que assim que os consumisse, passaria a Prado. Vejamos a passagem:

¹⁸³ Idem, p.450.

V. tem um saldo no Colombo. Com ele comprarei o livro anunciado que V. não possui. (...) Comprei por 60\$ a separata dos artigos de A. Baião sobre a Inquisição em Portugal, impressos no Arquivo Histórico Português. O preço explica-se pelo fato da separata ser apenas de 101 exemplares. Estou-me utilizando dela; quando V. vier, já estará desocupada e levará.¹⁸⁴

Na carta de 13 de fevereiro de 1924, Capistrano de Abreu discorre explicitamente sobre os cadernos de cópias da Biblioteca Nacional. Além de comunicar que pretende repassar a Paulo Prado os cadernos, o historiador comenta a troca do copista, já várias vezes citado, Pirilo Gomes. Vejamos a passagem sobre os cadernos: “Tenho diversos cadernos de cópias da Bib. Nac. e do Arquivo Público. Não lhos entreguei na sua passagem meteórica: não lhos remeti porque V. prometeu tornar breve; ficam à sua espera para o carnaval.”¹⁸⁵

Paulo Prado envia a Capistrano de Abreu uma carta, identificada no apêndice por PPCA-13, no dia 24 de fevereiro de 1924. Nessa carta, Prado comenta as críticas que seu artigo “Bandeiras” publicado em duas partes no jornal *O Estado de São Paulo* nos dias 21 e 22 de fevereiro de 1924, suscitaram na sociedade paulista. Esse artigo é especialmente criticado por Mário de Andrade em uma carta compilada na edição organizada por Carlos Augusto Calil. Na carta, Mário, ao falar de *Paulística*, tece duras críticas aos entendimentos de Paulo sobre o conteúdo exposto em *Bandeiras*. Mário diz:

O sobre Bandeiras teríamos muito que discutir. Você perfilha uma opinião de Capistrano sobre as caças ao índio que me parece mais sentimental que de valor histórico ou sociológico ou mesmo apenas humanitário. Acho francamente a opinião de vocês dois além de falsa econômica, uma dessas opiniões que a gente usa quando não tem outras mais ricas e legítimas para usar. Além disso tem outro defeito horrível: é pegajosa: gruda, dessas opiniões que um diz e que pelo valor sentimental todo mundo fica repetindo, repetindo, é uma dificuldade pra gente depois acertar isso com uma visão realmente crítica embora humanitária. E olhe que sou católico, faço visita aos pobres... Sou oligarquista, escravocrata e uma porção de coisas mais maiores. Papel está acabando e não tenho paciência pra argumentar. Conversaremos si for lembrado este assunto nas nossas futuras conversas de 1926. Já penso nelas.¹⁸⁶

Vale lembrar que esse artigo tem grande importância no percurso intelectual de Paulo Prado. É nesse texto que nosso autor concede ao bandeirante a imagem de ‘herói providencial’, herói que traz a grandeza necessária para o enfrentamento dos obstáculos impostos por uma realidade hostil e agressiva. Por fim, Prado coloca o paulista como o herdeiro desse heroísmo. É interessante observar como nosso autor relativiza as ‘funções perversas’¹⁸⁷ do bandeirante idealizando ele como o herói necessário ao desenvolvimento da

¹⁸⁴ Ibidem.

¹⁸⁵ Idem, p.453.

¹⁸⁶ Op. Cit. Prado, 2004, p.225.

¹⁸⁷ Aqui me refiro ao aprisionamento e combate ao índio e à busca pelo ouro no interior da colônia.

colônia. Nosso autor sintetiza isso ao dizer que: “Desse conjunto de circunstâncias surgiu a bandeira como uma necessidade inelutável, fornecendo braços para a cultura das sesmarias e sítios, e arcos e flechas para defesa e sustento do colono.”¹⁸⁸.

Vejamos agora a carta de Paulo Prado a qual nos referíamos anteriormente:

24 de fevereiro

Capistrano amigo,

Infelizmente – mas felizmente – tudo que mando para os jornaes tem o dom especial de irritar a gente daqui. Veja agora a mofina que sahi no Jornal do Commercio daqui sobre as minhas innocentes Bandeiras. [ilegível] que eu devolvo a accusação da verdadeira [ilegível]... Justamente hoje pela manhan eu lia as documentos de Sevilha publicados nos Annaes da Bibli. daqui. Si elles soubessem o que diziam os jesuítas da nossa gente...

Até quinta-feira,

Yours trully,

P.¹⁸⁹

Pode-se observar alguma ironia em nosso autor quando se refere à mofina contra sua ‘inocente’ *Bandeiras*. Outro ponto que se deve destacar dessa carta é a substituição da saudação ao destinatário. Ao dizer “Capistrano amigo”, Prado parece querer uma palavra de conforto ao invés de uma nota do mestre.

Na carta da oitava da Constituição¹⁹⁰, Capistrano comenta brevemente sobre as críticas feitas ao artigo de Paulo: “Não recorrem contra V. à conspiração do silêncio. Não há motivo para queixas. Sôbre seus artigos conversaremos aqui.”¹⁹¹. Em seguida, o historiador comenta sobre livros e documentos:

Se ainda tiver tempo, veja se me traz o volume das *Atas de Santo André* que já tive, talvez ainda tenha, mas não acho meio de encontrar: quero mandar encaderna-lo com o 1º de S. Paulo. Se valer a pena, traga a *Memória* de Spencer Vampré sôbre a história da Faculdade da Paulicéia.¹⁹²

Por fim, Capistrano pede auxilio para a publicação de seu trabalho sobre o baciairi. Com o passar do tempo, o historiador cearense parece ficar menos formal na maneira de explicar os projetos que gostaria de empreender. Como vimos, essa mudança parece se processar quando Capistrano passa a ajudar Paulo Prado na busca por artigos na *Revista do*

¹⁸⁸ Idem, p.136.

¹⁸⁹ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu de 21 de fevereiro de 1924. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

¹⁹⁰ A Constituição de 1891 foi promulgada em 24 de fevereiro, desse modo, a oitava da Constituição no ano de 1924 é o dia 3 de março de 1924.

¹⁹¹ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.453.

¹⁹² Ibidem.

Brasil. A maior parte das recomendações do historiador são atendidas por nosso autor, como a de José de Mendonça, que publicou no número de maio de 1924 da revista. Na carta do sábado de aleluia¹⁹³, Capistrano envia a Prado o artigo de Mendonça e pede que cumpra com o prometido pelo historiador. Vejamos o pedido de Capistrano: “Junto o artigo de José de Mendonça, meu antigo discípulo (ou aluno?), hoje cirurgião afamado. Quer umas separatas. Prometi. Não me deixe ficar mal.”¹⁹⁴.

Na carta de 10 de maio de 1924, Capistrano de Abreu retorna ao debate sobre D. Rodrigo de Castel Branco, especificamente sobre sua relação com Fernão Dias. Nesse período, Paulo Prado estava para publicar um artigo chamado “Uma data”. Nele, nosso autor faz uma descrição da expedição de D. Rodrigo de Castel Branco. Capistrano comunica a Prado a leitura de seu artigo na carta do dia 20 de maio de 1924. Diz o historiador: “Li o artigo do Dom Rodrigo: está bom, mas pode ser muito acrescentado quando V. julgar a propósito.”¹⁹⁵. Uma breve comparação entre o artigo publicado no dia 20 de maio de 1924 e o texto que se encontra na edição de *Paulistica* que aqui utilizamos, nos permite observar que o texto não foi alterado como havia sugerido Capistrano.

Nessa mesma carta, ao comentar sobre a ideia da publicação de escritos de Pedro Taques, Capistrano sublinha aquilo que nos escritos de nosso autor suscita muita crítica. Diz Capistrano: “Dar o texto só, não vale: é preciso acompanhá-lo de documentos.”¹⁹⁶.

Na carta de 12 de novembro de 1924, Capistrano comenta sobre indicações de leitura e materiais para o artigo de nome “Pires e Camargos” que Paulo Prado pretendia escrever. O historiador recomenda a leitura do escrito de Sousa Chichorro¹⁹⁷ sobre São Paulo em 1814. Na pesquisa realizada na Biblioteca Mário de Andrade encontramos alguns cadernos com a inscrição ‘Sesmarias’ na capa. O caderno de numeração laranja 116 menciona Sousa Chichorro. Segue os comentários de Capistrano:

Como V. está no período de releituras, recomendo-lhe o escrito de Sousa Chichorro sobre o São Paulo em 1814: está na *Rev. Do Inst.*, 1873 – vol. 36º, parte 1ª. Devo ter alguma coisa sobre Camargos, que mandei copiar

¹⁹³ Dia 19 de abril.

¹⁹⁴ Idem, p.455.

¹⁹⁵ Idem, p.455.

¹⁹⁶ Ibidem.

¹⁹⁷ Curiosamente, a mulher com que Paulo Prado tem seu único filho, Paulo Caio da Silva Prado, tem por nome Francisca Chichorro Galvão. Por ser de uma família abastada, acreditamos que Sousa Chichorro possa ter algum grau de parentesco com ela.

quando me julgava com o miolo cheio; vou procurar, não duvido encontrar e remeterei com a brevidade possível.¹⁹⁸

Mais adiante na carta, Capistrano não titubeia em pedir dinheiro para pagar os trabalhos que estavam na tipografia: “Mande 2 contos para a tipografia: creio darão para o último pagamento do *Santo Ofício* e primeiro do bacairi.”¹⁹⁹.

Na carta de 20 de novembro de 1924, acreditamos que Paulo Prado já estava com planos sobre a publicação de *Paulística*. O motivo que nos faz acreditar nisso são as considerações que Capistrano de Abreu tece acerca da reescrita que Prado faz de seu artigo “Caminho do Mar”:

Li seu artigo, muito bem escrito naturalmente. (...) Li seu artigo sobre o caminho do mar, que denota seu progresso sobre os esboços anteriores. Vou relê-lo para devolver com alguns reparos. Um antecipo: para que tantas referências a alemão que você nunca lê ou pelo menos não lia até pouco tempo? No Brasil come-se francês e arrotta-se alemão, escreveu Tobias.²⁰⁰

Na carta seguinte, de 27 de novembro de 1924, Capistrano informa sobre os reparos feitos no artigo de Paulo Prado: “Reli e devolvo o *Caminho do Mar*. Fiz alguns reparos a que V. dará a atenção que lhe parecer. Pode publicar sem susto.”²⁰¹ Conforme consta na edição de *Paulística* editada por Carlos Augusto Calil, o artigo “Caminho do Mar” teve sua primeira versão publicada em 1922 e sua última já como parte do primeiro livro de Prado, em 1925.

Na última carta do ano, do dia de São Silvestre²⁰² de 1924, Capistrano dá uma nota sobre seu método de avaliar artigos: “Recebi seu artigo. Comecei a leitura. Depois, passados dias, relerei. Não gosto de devolver seus artigos sem os ler e reler com intervalo.”²⁰³.

Ano de 1925

Do ano de 1925 podemos destacar a publicação de *Paulística*. A segunda edição da obra saiu em 1934 e além de contar com mais artigos do que a primeira, teve como destaque o prefácio que acabou por ser o último texto publicado por Paulo Prado. O período só conta com duas cartas inéditas, ambas escritas por Capistrano de Abreu em 6 de junho e véspera de Santa Preguiça, data que não foi possível localizar, ainda que tenhamos uma pista por meio da

¹⁹⁸ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.458.

¹⁹⁹ Ibidem.

²⁰⁰ Idem, p.459.

²⁰¹ Idem, p.460.

²⁰² Dia 31 de dezembro.

²⁰³ Idem, p.461.

assinatura do historiador. Cabe lembrar também que em 1925, mais precisamente em maio, Paulo Prado se desligou da diretoria da *Revista do Brasil*.

Na carta de 19 de fevereiro de 1925, Capistrano de Abreu mostra uma ingerência maior nos escritos de nosso autor. O historiador chega a apelar à vontade que tinha o tio de Paulo Prado, Eduardo Prado, para publicar as narrativas de Fernão Cardim como apêndice de *Paulística*. Vale observar a exposição que Capistrano faz de sua ideia:

Minha ideia era publica-lo como apêndice a seu trabalho: 1º: porque continha notícias muito antigas sobre a Paulicéia; 2º: porque figuraria como uma peça do centenário do simpático jesuíta; 3º: porque, confrontado com o ms. de Évora como foi, apresenta um texto novo, mais fidedigno que o de Varnhagen, reproduzido até agora. Além disso V. realizaria um plano afagado pelo Eduardo para o *Inst. Histórico*, como consta do artigo de Garcia que lhe enviei.²⁰⁴

Na carta da quarta-feira de cinzas²⁰⁵ de 1925, Capistrano parece fazer uma grande análise daquilo que devia ser a primeira versão de *Paulística* que chegaria às livrarias em setembro do mesmo ano. De princípio, Capistrano fala sobre o prólogo que considera bom, ainda que aponte que Prado tenha feito muitas menções a seu nome. Com isso, o historiador se lembra de um episódio em que foi espezinhado por um jornal chamado *Corsário: Periódico Crítico, Satyrico e Chistoso* por um ano, no caso, de meados 1881 a meados de 1882. Escreve Capistrano: “Junto seu prólogo. Muito bom. Melhor estaria se meu nome aparecesse menos. Um ano inteiro, três vezes por semana, isto é, pelo menos 152, o *Corsário* houve por bem xingar-me.”²⁰⁶

Mais adiante Capistrano discorre sobre o que chama de ‘os cinco raios de sua estrela’. Nessa passagem o historiador apresenta o que considera ser necessário retificar. Vamos à passagem:

Os cinco raios de sua estrêla pedem retificação: o *Caminho do Mar* não deve omitir-se, o do Rio melhor lhe chamaria do Paraíba, o do Atibaia não sei e poderia assinalar-se como raio; depois de Garcia Pais, perdeu o brilho estas coisas V. deve conhecer melhor que eu. Do caso trata ligeiramente Firmino Pinto no prólogo à *História da Viação Paulista*, que apenas folhei. Sobre o *Caminho do Mar* pode indiretamente servir-lhe o livro de Djalma Forjaz, biógrafo de Vergueiro. Ontem percorrendo o vol. 35º, I, 290, li que Pedro Taques partiu da Paulicéia para Santos, à frente de um trôço armado e que parte embarcou no Cubatão e parte seguiu o caminho de terra para São Vicente. Não me impressionou isto há anos, quando li, nem me impressionaria agora, se não fôsse uma conversa com Benedito Calisto.²⁰⁷

²⁰⁴ Idem, p.462.

²⁰⁵ Dia 25 de fevereiro de 1925.

²⁰⁶ Idem, p.463.

²⁰⁷ Ibidem.

Após as observações Capistrano cobra novamente de Prado um maior rigor quanto às referências de autores alemães que nosso autor tinha inserido em seu artigo *Caminho do Mar*. Diz o mestre: “V. agora tem de escolher: ou reconciliar-se com o alemão de modo a lê-lo corretamente ou arrancar as fanfreluches.”²⁰⁸.

Na carta de 8 de março de 1925, Capistrano de Abreu sugere a Paulo Prado que comprasse uma coleção que julgava rara e imprescindível. Em seguida, como que insatisfeito, reclama da possível recusa de Prado em publicar a *Informação de Pedro Taques*. Por fim, parece cutucar novamente o envolvimento de nosso autor com a *Revista do Brasil*, ao perguntar sobre os negócios de Monteiro Lobato. Vejamos: “Tínhamos combinado que V. editaria a *Informação* de Taques sobre as minas. Com suas novas ideias lá se vai tudo de água abaixo. Vão mal os negócios Monteiro Lobato? Ou êle procura pretexto para não ultimar a compra da Livraria Científica?”²⁰⁹.

Na carta de 14 de março de 1925, Capistrano informa Paulo Prado sobre sua intenção de enviar dois documentos sobre Fernão Dias Pais. O primeiro era uma carta de Melchior de Azevedo que Capistrano diz ser o descobridor das esmeraldas, as quais Fernão Dias Pais saiu à procura. Segundo o historiador, essa carta havia sido publicada na *Revista da Escola de Direito de Lisboa*. O segundo documento era uma carta de Fernão Dias Pais, do ano de sua morte. Segundo o historiador, a cópia que possuía ele tinha entregado para publicação na *Revista do Arquivo Público Mineiro*.

Embora conste que Paulo Prado tenha escrito seu artigo “Fernão Dias Pais (*alguns documentos*)” em 1924, temos indícios de que quando da publicação de *Paulística* e, posteriormente a essa carta, nosso autor tenha adicionado a seu texto o segundo documento supracitado. Na página 191 da edição de *Paulística* organizada por Carlos Augusto Calil, Paulo Prado adiciona em uma extensa nota de rodapé, a carta de Fernão Dias Pais.

A carta inédita, CAPP-7, da véspera do dia da preguiça, julgamos ter sido publicada por volta da carta do dia 6 de abril, dada a temática que continua a ser sobre Fernão Dias Pais, e pela assinatura que se assemelha à carta do começo de abril. Capistrano assina uma como ‘Doutor João Ninguém’ e a outra como ‘Dr. JN’.

Na carta de 28 de abril de 1925, Capistrano comenta ter conseguido a carta de Fernão Dias citada na carta acima. O historiador aponta como capital outro documento, a carta de

²⁰⁸ Ibidem.

²⁰⁹ Idem, p.465.

Marcos de Azeredo: “Um documento capital falta: a carta de Marco de Azevedo²¹⁰, escrita apenas descobriu as esmeraldas [sic]. Foi impressa na *Revista da Faculdade Jurídica de Lisboa*, no número que traz o Catálogo dos mss. de Anselmo de Andrade.”²¹¹. Paulo Prado adiciona, também em uma extensa nota de rodapé, o documento na página 184 da edição de *Paulística* que aqui utilizamos. Por fim, nesta carta, o historiador comenta ter recebido o novo capítulo enviado por nosso autor.

Essas últimas cartas nos auxiliam a perceber que às vésperas da publicação de *Paulística*, Capistrano ainda colocava a Prado recomendações que eram plenamente atendidas por nosso autor.

Em carta inédita, CAPP-8, do dia 6 de junho de 1925, Capistrano de Abreu informa Paulo Prado sobre o andamento da edição de Eugenio de Castro da obra *Diário de Navegação de Pero Lopes*. A obra viria a ser editada como quarta publicação da série Eduardo Prado. Mais adiante na carta, Capistrano relembra a Prado sua encomenda de livros que gostaria que nosso autor trouxesse da Europa.

Na carta de 8 de junho de 1925, Capistrano antes mesmo da publicação das *Denúncias da Bahia*²¹², assunto recorrente nas cartas aqui estudadas, sugere um novo título para a Série Eduardo Prado: “Em outra carta falei-lhe na possibilidade de publicarem o *Roteiro de Pero Lopes* na Série Eduardo Prado. O trabalho é muito consciencioso e no gênero não existe coisa semelhante entre nós.”²¹³.

Na carta de 30 de junho de 1925, Capistrano informa sobre o aparecimento do volume das *Denúncias de Pernambuco*. Este, figurou na Coleção Eduardo Prado em 1929 quando foi publicado já após o falecimento de seu mestre. Nesta carta, Capistrano, com um tom mais incisivo, questiona o motivo pelo qual Prado não deseja apoiar a publicação das narrativas de Fernão Cardim. Vejamos a passagem:

Por que não há de V. editar Cardim? As emendas já por si justificariam uma nova edição; posso mandar-lhe algumas notas já feitas e V. não terá dificuldade em ajuntar outras, se assim o julgar – Cardim vale bem Martius e não o exclui.²¹⁴

²¹⁰ Somente Capistrano grafou Marco de Azevedo e não Marcos Azeredo.

²¹¹ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.467.

²¹² As *Denúncias da Bahia: 1591-1593* foram publicadas logo em seguida, ainda no ano de 1925.

²¹³ Idem, p.468.

²¹⁴ Idem, p.469.

Na carta de 26 de agosto de 1925, Capistrano informa Paulo Prado sobre as impressões que João Lúcio de Azevedo²¹⁵, amigo que o historiador cita diversas vezes em suas cartas, teve ao ler *Paulística*. O interessante dessa passagem reside no fato de que ela nos auxilia a comprovar, uma vez mais, a tese de que a relação com Capistrano acaba por inserir Paulo Prado em esferas mais profundas da produção intelectual da época. Diz o mestre: “No momento da partida recebi uma carta de J. Lúcio dizendo que lera a *Paulística*, dela colhera excelente impressão e lhe comunicara. Que esta carta seja o começo de relações pessoais.”²¹⁶.

Na carta do dia da independência de 1925, Capistrano de Abreu encomenda com Paulo Prado, que nesse momento parece estar na Europa, alguns livros em alemão. O mais interessante dessa carta está no comentário de Capistrano acerca das eleições presidenciais do ano seguinte. O historiador parece compartilhar com Paulo Prado de um tom cético ao falar sobre política. Dessa forma, podemos sugerir que esse ceticismo se reforça tanto em um como em outro. Vejamos a passagem: “A candidatura de Washington parece vai de vento em pôpa. Por que outro e não êle? Nenhum será capaz de endireitar o Brasil, nenhum de metê-lo a pique de uma vez.”²¹⁷.

Ano de 1926

O ano de 1926 é marcado pelo início dos trabalhos que dariam origem ao segundo livro de Paulo Prado, o *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Ademais, Prado envolve-se na produção de uma outra revista, *Terra Roxa e outras terras*, dessa vez ligada ao grupo dos jovens modernistas. O período conta com duas cartas inéditas de Paulo Prado, que datam de 10 de maio e 24 de dezembro. Já Capistrano de Abreu escreveu uma carta inédita em 21 de dezembro.

Na carta do dia de reis²¹⁸ de 1926, Capistrano de Abreu comunica a Paulo Prado mais um elogio à *Paulística*: “Tasso Fragoso, que pela primeira vez foi a Santos de automóvel, ficou encantado com sua *Paulística*.”²¹⁹. Em seguida podemos observar um novo exemplo da profundidade da relação que Capistrano tinha não só com nosso autor, mas também com o

²¹⁵ João Lúcio de Azevedo (1855-1933) foi um historiador português que passou pelo Brasil na década de 1870.

²¹⁶ Idem, p.471.

²¹⁷ Idem, p.472.

²¹⁸ Dia 6 de janeiro.

²¹⁹ Idem, p.474.

Conselheiro Antonio Prado, pai de Paulo Prado. O historiador relembra sobre a possibilidade de um emprego para o filho de um amigo seu, vejamos a passagem:

Quando o Conselheiro aqui esteve relacionou-se com Guimarães Natal, do Supremo Tribunal, e mostrou-se disposto a obter qualquer coisa para o genro, Mário Pimentel, no comércio do café em Santos. Por qualquer motivo nada se fez. Continuará nas mesmas disposições? É V. solidário?²²⁰

Nessa carta Capistrano também responde a alguma pergunta feita por Paulo Prado sobre uma carta de Anchieta. No primeiro número da revista *Terra Roxa e outras terras* publicado no dia 20 de janeiro de 1926, Paulo Prado assina, na capa, um artigo sobre a venda de uma carta escrita pelo padre José de Anchieta em uma livraria de Londres. Com esse artigo Prado pretendia angariar fundos para que a carta fosse comprada e trazida ao Brasil. Como veremos, o artigo cumpriu seu objetivo.

Na carta da oitava de São Sebastião²²¹ de 1926, Capistrano de início faz um comentário bem-humorado em relação à revista *Terra roxa e outras terras* ao dizer que “Roxa ou de qualquer outra côr, a terra precisa de ser batida; se não der louça ou estátua sempre dará capim.”²²². Logo em seguida o historiador comenta sobre um artigo de Paulo Prado de título *O Patriarca*. Nele, nosso autor discorre sobre a figura de João Ramalho fazendo dele uma figura mítica e base para a miscigenação que veio a criar o tipo ótimo de São Paulo, o ‘mamaluco’. Esse artigo foi publicado somente na segunda edição de *Paulística* em 1934. Capistrano questiona uma informação acerca de João Ramalho ao comentar sobre o artigo: “Seu artigo está de leitura agradável, mas em um ponto um de nós está errado: João Ramalho viveu em Parnaíba? Sempre li Paraíba.”²²³. Como podemos observar no próprio artigo, nosso autor absorve a correção sugerida por seu mestre.²²⁴

Ainda na mesma carta, Capistrano comenta sobre as cópias, que haviam sido encomendadas por ele, sobre os escritos do Visconde de Rio Branco publicados no *Jornal do Comércio* no ano de 1851. Diz o historiador: “V. há de ter ouvido falar numas *Cartas Ao Amigo Ausente*, escritas em 1850 pelo velho Rio Branco e impressas no *Jornal do Comércio*. Estão sendo copiadas e V. verá que merecem leitura.”²²⁵. Dentre os cadernos encontrados na Biblioteca Mário de Andrade apenas um tem escrito na capa *Cartas Ao Amigo Ausente*. Neste exemplar, consta o número 7 na capa. Ao contatar o Instituto do Ceará, onde se encontra o

²²⁰ Ibidem.

²²¹ Dia 28 de janeiro.

²²² Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.475.

²²³ Ibidem.

²²⁴ Para a passagem, ver página 107 em Prado, 2004.

²²⁵ Ibidem.

acervo de Capistrano de Abreu, descobrimos que lá existem mais dez cadernos sobre os escritos de Rio Branco.

No artigo “A trajetória de um acervo: explanação sobre a organização dos Fundos Capistrano de Abreu e Sociedade Capistrano de Abreu”, o professor Gisafran Nazareno Mota Jucá, juntamente com as mestrandas Ítala Byanca Moraes da Silva e Paula Virgínia Pinheiro Batista, confirma a presença dos cadernos sobre os escritos de Rio Branco no acervo de Capistrano de Abreu. O artigo informa em uma nota de rodapé que, segundo uma correspondência de 1922, Capistrano:

(...) demonstra o caráter peculiar dos artigos que estavam sendo novamente publicados na imprensa carioca e comunica que devido à ausência de Paulo Prado – pois este estava em viagem pela Europa – pedirá a um copista que realize a reprodução da coluna para que Paulo Prado pudesse lê-la em seu retorno. Dessa forma, acreditamos que os cadernos com essa temática sejam fruto da gentileza de Capistrano ao amigo Paulo Prado.²²⁶

Entretanto, na correspondência organizada por José Honório Rodrigues, fonte que vem sendo utilizada nesse trabalho, a única carta que menciona a cópia dos cadernos sobre a série *Cartas Ao Amigo Ausente* data de 1926. Em uma pesquisa na hemeroteca da Biblioteca Nacional encontramos a republicação dos artigos pelo mesmo Jornal do Comércio no período de 29 de janeiro de 1928 a 27 de maio do mesmo ano. Dessa forma, acreditamos que o copista tenha realizado as cópias dos exemplares originais do jornal do ano de 1851 em algum arquivo localizado no Rio de Janeiro. Com isso acreditamos que a nota de rodapé do artigo citado contém informações que não procedem.

Na carta de 13 de abril de 1926, Capistrano tece comentários sobre o artigo de Paulo de nome “Pires e Camargos”. Diz o historiador:

Li, reli seu artigo sobre Pires e Camargos. Está bem feito, mas apenas desperta o apetite. Diz V. que a rusga durou quase um século. Não vejo como, se começou por 1640. É pena que tão poucas particularidades se conheçam. Talvez Afonso tenha apurado mais.²²⁷

O caderno de número 72 pesquisado na Biblioteca Mário de Andrade apresenta na capa a inscrição “Pires e Camargos”. Como veremos adiante o caderno contém excertos que Paulo Prado utilizou para a confecção de seu artigo.

Cerca de um mês depois, Prado envia uma carta, PPCA-14, a Capistrano comentando sobre a distribuição das *Denúncias* e sobre a repercussão de seu artigo sobre a carta de

²²⁶ Op. Cit. Jucá. Silva. Batista. 2006. p.125.

²²⁷ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.476.

Anchieta. Em um tom vibrante nosso autor diz: “A carta de Anchieta fez um barulhão. Foi um reclame de primeira ordem para Terra Roxa. Os rapazes agora que tirem proveito do caso.”²²⁸

Na carta inédita CAPP-9, Capistrano comenta sobre a tradução americana da obra de Gandavo e dos escritos sobre catecismo do padre Antonio de Araujo que se encontravam na Biblioteca Nacional de Lisboa. Capistrano também informa sobre a cópia das confissões do santo ofício de Pernambuco. O interessante dessa carta é a maneira como Capistrano apresenta a Prado o assunto. O historiador por meio de uma completa apresentação tenta vender a ideia a nosso autor da importância dessas duas obras. Com certeza o mestre de Paulo Prado tinha grande interesse pessoal que podemos observar quando o historiador escreve: “Você o receberá quando eu tomar certos apontamentos.”²²⁹. A transcrição de parte da carta se mostra interessante para se observar a postura de Capistrano:

O primeiro catecismo da língua geral de Antonio de Araujo existe na Bib. Nac. de Lisboa, talvez o único exemplar existente.

Respondendo a pergunta escreveu-me João Lúcio:

Vi o Catecismo do Padre Antonio de Araujo. É um volume de 371 páginas de texto e 9 de índice, formato pequeno. Pela tabela custará photographalo cerca de 7000 escudos. Como, porem, se trata de obra completa e não de páginas avulsas farão o preço de 1500 a 2000 escudos. A tabela [ilegível] de 20 escudos por página.

Que me diz? Que decide?²³⁰

Na carta PPCA-15 do apêndice, Paulo Prado escreve às vésperas do Natal para Capistrano. Nosso autor inicia a missiva autorizando a Capistrano que prosseguisse com o apresentado na carta que analisamos acima. Em seguida, pela primeira vez, Prado comenta sobre a escrita de seu novo livro *Retrato do Brasil*. A transcrição da carta se mostra necessária uma vez que as informações sobre a obra se mostram de grande valia para compreendermos as intenções do autor. Podemos observar no final da carta, um tom fortemente conservador e moralista por parte de Prado ao referir-se às mulheres de maneira pejorativa.

S. Paulo véspera da véspera de Natal.

Mestre e amigo.

Recebi a sua carta. De accordo sobre o Gandavo. De accordo sobre o catecismo. Mando hoje pelo [ilegível] Guimarães os 2 volumes de Wells.

²²⁸ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu de 10 de maio de 1926. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

²²⁹ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado de 21 de dezembro de 1926. Sem código. Acervo pessoal da família Prado.

²³⁰ Ibidem.

Ahi vae o esboço do seu capítulo da Tristeza. Busco depois de [ilegível, ilegível]. Corra os olhos e mande-me as suas observações. No 3º capítulo estudarei os efeitos das duas prisões no organismo humano. Influencia do meio. Comparação com os povoadores da America ingleza. Descripções do estado racial no Brasil ao começar o século XIX. O Luccock é formidável. O mesmo Southey, sobre o que eram as Minas Geraes. Todas as mulheres eram prostitutas! Como hoje!

[metade apenas do fechamento indecifrável]

p.²³¹

Ano de 1927

O ano da morte do historiador cearense é marcado por interessantes cartas que nos fornecem bastantes informações sobre o processo de escrita do *Retrato do Brasil*. O último ano de correspondência possui duas cartas inéditas de Paulo Prado, ambas estão sem data definida, entretanto, como veremos, podemos supor uma data. Já Capistrano escreve duas cartas inéditas que datam de 10 de janeiro e 29 de março.

A carta inédita, CAPP-10, de 10 de janeiro de 1927, escrita por Capistrano de Abreu, talvez seja a carta do historiador mais técnica do ponto de vista de informações. Como observaremos melhor em análise feita no próximo capítulo, Capistrano constrói um grande quadro sobre o fenômeno das bandeiras. Tal material, como apontado pelo próprio Paulo Prado, figura nas páginas de *Retrato do Brasil*.

Na carta de Tugúrio, 5 de fevereiro de 1927, Capistrano comenta sobre o artigo enviado por Prado, possivelmente o capítulo “Tristeza” enviado por Prado na véspera de Natal. O historiador parece apontar para a limitação das referências trazidas por nosso autor no artigo, vejamos a passagem: “Recebi seu artigo e vou devolvê-lo com a possível brevidade. Todos os livros a que V. se refere têm valor; mas é ouro em pó; pepitas e línguas-de-boi, como Antonil aponta; são todos conhecidos.”²³². Capistrano aproveita para pedir um livro e no final diz a Prado que seu filho, em viagem por São Paulo, iria procurá-lo.

A carta inédita, também presente no apêndice como PPCA-16, não possui data, mas a troca de informações sobre o estado de saúde do Conselheiro Antonio Prado nessa carta e na próxima carta de Capistrano nos dá pista de sua localização temporal. Paulo Prado, após informar a melhora de seu pai, volta a falar sobre seu processo de escrita do *Retrato do Brasil*.

²³¹ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu de 24 de dezembro de 1926. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

²³² Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.477.

Antes de transcrever a carta, é importante destacar a menção que nosso autor faz à sugestão de Capistrano de que deveria utilizar o processo de Símile. Por fim, Prado chama São Paulo de sertão ao criticar a falta de conversa e troca de ideias. Tal passagem pode nos mostrar que independentemente de uma certa supervalorização da ideia de formação e capacidade de São Paulo, nosso autor parece perceber algum limite dentro de possibilidades. Aqui nos permitimos defender a ideia de uma narrativa em relação a São Paulo mais conscienciosa do que a que se pode se depreender de seus textos. Segue a transcrição da carta:

sexta-feira

Mestre e amigo

Recebi hoje uma carta sua. O silêncio já me inquietava... O conselheiro vae arribando lentamente. Pretendo ir para ahi em fins de abril.

Estou trabalhando seriamente no Retrato. Refundi a primeira e terceira parte. Agora estou às voltas com o cap. II. Dois meses de gaveta tem feito grande bem ao que já estava escripto. Agora, vão ter mais 3 meses de descanso o que conclua. Creio que para o fim do anno, o livro já poderá ter forma humana. Como você vê, estou seguindo o seu conselho e o processo de Simíles?

Há alguma novidade? Ando bestializado pela falta de conversa e troca de ideias. Isto aqui é um sertão.

Do seu,

P.²³³

Capistrano parece responder a carta no dia de São José²³⁴ de 1927. De princípio o historiador demonstra satisfação ao saber que o Conselheiro havia melhorado: “Muito estimei saber que o Conselheiro venceu a crise e em suma foi rebate”²³⁵. Mais adiante o historiador comenta sobre um livro que havia pedido emprestado: “A Fábio Werneck pedi o *Soldado da Índia* emprestado. Ficou de trazê-lo no outro dia provavelmente. Não o fêz. Vou reclamá-lo novamente.”²³⁶. Como veremos adiante, esse livro é citado por Paulo Prado em seu capítulo “Cobiça” em *Retrato do Brasil*.

Na carta seguinte de Capistrano, da véspera da conversão de São Paulo de 1927, podemos observar a menção a outra obra que também foi utilizada por Paulo Prado em *Retrato do Brasil*. O historiador cita uma obra de Manuel Calado de título *O valeroso*

²³³ Carta de Paulo Prado a Capistrano de Abreu, sem data. Sem código. Acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – CE/Brasil.

²³⁴ Dia 19 de março.

²³⁵ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.477.

²³⁶ Ibidem.

Lucideno, diz ele: “Seu exemplar do *Valeroso* pode ter uma singularidade: ter pertencido ao pai de Pombal.”²³⁷. Paulo Prado cita Calado em seu primeiro capítulo como veremos adiante.

Em 29 de março de 1927, Capistrano escreve outra carta com bastantes informações históricas. Dessa vez, o historiador se debruça sobre o episódio do descobrimento do Brasil, tecendo diversos comentários acerca do modo de vida que aqui se estabeleceu logo nos primeiros anos. Por fim, Capistrano dá notícias de Eugênio de Castro.

A carta inédita, PPCA-17, escrita por Paulo Prado, precede à carta da oitava de anúncio²³⁸ de 1927 escrita por Capistrano. Podemos afirmar isso devido à comparação dos conteúdos das mesmas. Prado pergunta sobre o livro do “Commandante”, ele se referia à Eugênio de Castro, capitão de corveta da marinha brasileira. Capistrano o informa, em carta de 1º de abril de 1927, que “O livro de Eugênio de Castro está terminado quanto ao texto; poderia entrar pelo prelo, se não fossem os mapas, que vão com muito vagar.”²³⁹. Ainda em 1927 foi publicado na série Eduardo Prado a edição do *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa* comentada por Castro. Prado conta a Capistrano da tradução das *Narrativas Epistolares* de Fernão Cardim pelo escritor suíço Blaise Cendrars. Entretanto, Capistrano não responde à essa informação. Por fim, Paulo informa que partiria à fazenda de São Martinho e posteriormente ao Guarujá. Em sua carta Capistrano deseja uma boa viagem a Paulo: “Bom São Martinho, bom Guarujá.”²⁴⁰.

Ainda em sua carta de 1º de abril, Capistrano comenta sobre o artigo que Prado havia escrito sobre Ronald de Carvalho, pede um exemplar de uma edição do *O Estado de São Paulo* com uma conferência de Calógeras e apressa nosso autor para que terminasse o estudo sobre Pires e Camargos numa aparente intenção de coloca-lo em uma publicação. Vejamos a passagem referente ao último assunto: “Seria bom que V. tratasse logo do estudo sobre Pires e Camargos. O Afonso está recebendo cópias de B. Nac. para o *Mineiro*. Você já as tem e mais as do Arquivo da Marinha; antecipe-se.”²⁴¹. Por fim, Capistrano de maneira bem-humorada aponta duas soluções para seus diversos problemas com os trabalhos que estavam para ser impressos: “Mande-me uma corda para me enforcar ou um capanga que liquide a corja da tipografia.”²⁴².

²³⁷ Idem, p.478.

²³⁸ Acreditamos ser dia 1º de abril.

²³⁹ Idem, p.479.

²⁴⁰ Ibidem.

²⁴¹ Ibidem.

²⁴² Ibidem.

Na carta de 3 de junho de 1927, Capistrano faz um comentário sobre a condição do escritor. O historiador parece não ver problema algum em estar numa posição em que o dinheiro de outra pessoa financie seus escritos e editorações. Vejamos a passagem: “O escritor é por definição um pobretão. Se quem escreve tem dinheiro, ou é pago e o dinheiro bem podia ir para quem dêle mais precisa, ou não é pago, e trata-se de concorrência desleal.”²⁴³.

A última carta compilada por José Honório Rodrigues data do dia da oitava de São João²⁴⁴. Nela, Capistrano de Abreu demonstra uma grande proximidade da família de Paulo Prado ao escrever, com prazer, sobre o almoço que teve com o Conselheiro Antonio Prado e Graça Aranha. O historiador também mostra satisfação ao comentar de Luis Prado e Antonio Prado Júnior, ambos irmãos de Paulo Prado.

A análise das correspondências empregada nesse capítulo teve por objetivo desvelar elementos que demonstrassem a intensa relação intelectual entre Paulo Prado e Capistrano de Abreu. Nela foi possível observar Prado adentrando a rede acadêmica-intelectual formada por Capistrano. Observamos também elementos do mecenato e do fluxo de livros, cadernos, documentos, anotações. Tornamos mais claras as relações de amizade, orientação e porque não de trabalho entre os dois.

Com a análise foi possível também observar a dependência que os artigos escritos por Paulo Prado e publicados em *Paulística* tinham das ideias de Capistrano de Abreu, assim como o processo de confecção de tais artigos, tão demandante da aprovação do mestre. Colocados estes elementos, utilizaremos no próximo capítulo o material aqui levantado para juntamente com as investigações da obra do historiador cearense mostrar as profundas marcas de Capistrano inseridas por Prado em *Retrato do Brasil*.

²⁴³ Idem, p.481.

²⁴⁴ Dia 1º de julho.

Capítulo 3 – Uma obra; dois autores

No terceiro capítulo dessa dissertação pretendemos uma análise mais profunda da obra *Retrato do Brasil* de Paulo Prado. A ideia aqui é investigar e rastrear possíveis passagens e referências bibliográficas que tenham sido retiradas ou reformuladas a partir dos dois principais livros de Capistrano de Abreu. O primeiro livro, *O descobrimento do Brasil*²⁴⁵, foi escrito em 1883 para o concurso da área de História do Brasil do colégio Pedro II. A obra se destaca por ser o primeiro grande trabalho de pesquisa de Capistrano publicado. O segundo livro que aqui utilizaremos é a *magnum opus* do historiador cearense. A obra *Capítulos de História Colonial*²⁴⁶ foi publicada em 1907 e além de ser a grande obra de Capistrano de Abreu, figura entre as grandes obras sobre nossa História.

O objetivo dessa análise é mostrar como Paulo Prado utiliza-se da obra de seu mestre para fundamentar, do ponto de vista teórico e documental, seu maior trabalho. Como já observamos, nosso autor tinha consciência da importância do embasamento que uma obra deveria ter para ser aceita. Acreditamos que as limitações de uma pessoa que não tinha a História por ofício tentaram ser dirimidas por meio de uma obra que servisse como guia. Dessa forma, pretende-se aqui demonstrar que essa colcha de assuntos, trechos, referências que foi costurada por Paulo Prado, nos permite, no limite, pensar a obra de nosso autor como uma espécie de versão prática da obra de Capistrano de Abreu. Em outras palavras, nosso autor se utiliza dos elementos levantados pelo historiador cearense para em uma reinterpretação atingir a opinião pública da época.

Como já observamos anteriormente nesse trabalho, defendemos a tese de que *Retrato do Brasil* foi escrito em duas partes. A primeira parte compreende os primeiros três capítulos do livro, “Luxúria”, “Cobiça” e “A tristeza”. Como observamos na análise das cartas, essa parte foi escrita enquanto Capistrano de Abreu ainda estava vivo. Dessa forma, observaremos nestes três capítulos muitas evidências do tipo que procuramos.

A segunda parte só seria concluída meses mais tarde. O quarto capítulo “O romantismo” só foi publicado em maio de 1928. Ele não apresenta nenhuma evidência para nós, o que confirma a transição que o livro faz. Dessa forma, podemos concluir que a partir do quarto capítulo, a crítica político-social supera a pesquisa histórica e a informação documental tanto prezada pelo mestre Capistrano. Tal parte se encerra com o *Post-Scriptum*. Ainda que o

²⁴⁵ ABREU, Capistrano. *O descobrimento do Brasil*. Biblioteca Básica Brasileira. Edição digital. 2014.

²⁴⁶ Op.cit. Abreu, 1998.

episódio final do livro de Paulo Prado apresente algumas esparsas evidências, a crítica, não mais histórica, toma conta do texto. Nosso autor assume um tom combativo, digno de um manifesto político.

Como vimos no primeiro capítulo dessa dissertação, era tempo de se falar algo e Paulo Prado organizou uma obra muito precisa para o momento: um ensaio, gênero literário livre que concedia a nosso autor a liberdade necessária para jogar com elementos rigorosos provenientes da pesquisa histórica e ideias próprias de um privilegiado espectador. Aliado à escolha do ensaio, Prado tinha como fiador seu mestre, Capistrano de Abreu. O terceiro elemento que em nossa opinião é a chave do sucesso da obra de Paulo Prado, é a posição de onde fala: Prado, intencionalmente ou não, adquire a imagem de um membro da elite que critica a própria elite.

Dessa forma, cercado de elementos que conferem autoridade, liberdade, e por que não alguma modernidade, por utilizar o elemento histórico como fundamento de ideias políticas do presente, Paulo Prado garantiu um lugar nos livros sobre aqueles que pensaram o país.

Luxúria

A divisão da análise pelos capítulos do livro de Paulo Prado se mostrou a organização natural do processo. Dessa forma, a análise pretende no decorrer do texto de *Retrato do Brasil* ir capturando as ideias, passagens e referências que conectam a obra do orientador e do orientando.

Na página 41²⁴⁷, Paulo Prado ao falar sobre o retorno de Colombo à Europa, cita Pedro Mártir d'Anghiera. Capistrano ao escrever em sua obra *O Descobrimento do Brasil* sobre as pretensões espanholas, coloca o livro de Pedro Martyr de Anglera como fonte. Por todo o livro o historiador cearense cita passagens do livro de Anglera²⁴⁸, *De rebus oceanicis et novo orbe decades tres, Coloniae 1574*.

Na mesma página, Prado cita uma passagem da obra *História do descobrimento e conquista da Índia* de Fernão Lopez de Castanheda. Capistrano, em seu livro citado logo acima, também se utiliza de Castanheda em diversas passagens e nos confirma a utilização do mesmo livro que Prado, o livro I da série escrita pelo historiador português.

²⁴⁷ Aqui cabe lembrar que a edição de *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* aqui utilizada é a 10ª edição organizada por Carlos Augusto Calil e lançada em 2012.

²⁴⁸ A grafia na obra de Capistrano de Abreu é diferente da utilizada por Paulo Prado.

Paulo Prado, na página 42, se utiliza de Gandavo para descrever uma ‘deliciosa impressão do paraíso’. Como já vimos nas análises das cartas, especificamente na carta inédita de Capistrano do dia 21 de dezembro de 1926, o historiador pede a Prado que autorize a compra de um compêndio com a obra de Gandavo e que após suas anotações remeteria a ele.

Na página 44, uma breve citação é analisada por Carlos Augusto Calil como proveniente das *Narrativas Epistolares* de Fernão Cardim, edição essa de que, como lembra o organizador, Paulo Prado tinha uma cópia. A obra de Cardim foi uma das primeiras a ter sido estudada por nosso autor, como as cartas, do ano de 1918, trocadas com Capistrano comprovam.

Na página 45, Paulo Prado faz referência ao geógrafo alemão Alexander Von Humboldt. Ainda que Capistrano também o utilize em sua obra sobre o descobrimento do Brasil, as fontes são distintas. Prado se utiliza dos *Essai d'une description physique du monde* enquanto Capistrano se refere à obra *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique au quinzième et seizième siècle*.

Na mesma página, Prado menciona Francisco Antonio Pigaffeta que estava presente na frota do explorador português Fernão de Magalhães, e que deixou seu relato na obra *Premier voyage autour du monde pendant les années 1519-1525*. Capistrano também o cita em seu livro, entretanto a finalidade das menções não coincide.

Na página 46, nosso autor faz uma longa citação dos relatos do Frei Claude d'Abbeville que estão no livro *Histoire de la mission des pères capucins em l'Isle de Maragnan et terres circonouoisines (sic)...par le R.P. Claude d'Abbeville*. No acervo pertencente à Biblioteca de Paulo Prado que, como já dito, se encontra na Biblioteca Mário de Andrade, pode-se ver a edição original do livro que pertencia a Paulo Prado. Uma nota do Catálogo de doação dos livros diz que também foram doados 100 exemplares da edição fac-símile que Prado editou juntamente com Capistrano em 1922 para a estreia da série “Eduardo Prado: para melhor conhecer o Brasil”. Na carta de 10 de maio de 1926, Paulo Prado comenta, quando da distribuição da edição das *Denúncias da Bahia*, sobre o fato de a distribuição dos exemplares do Abbeville não ter sido feita corretamente, o que teria deixado os livros ‘amontoados’ em sua casa.

Na página 48, Carlos Augusto Calil aponta para mais uma recepção feita por Paulo Prado das ideias de Capistrano de Abreu. Nosso autor segue uma sugestão apontada pelo

historiador em carta de 22 de outubro de 1922 e passa a grafar ‘mamaluco’ ao invés de mameluco.

Na mesma página, Paulo Prado faz em uma nota de rodapé uma citação do documento *Informação do Brasil, e de suas capitânias* escrito na Bahia em 1584 e atribuído ao padre José de Anchieta. Capistrano de Abreu em *O descobrimento do Brasil* cita o mesmo documento como fonte e ressalta que o texto se trata de um ‘escrito infelizmente ainda inédito’²⁴⁹. A afirmação do historiador é curiosa, uma vez que mesmo Prado referencia a citação, apontando-a presente no tomo 6 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* de 1844.

Logo adiante, Paulo Prado faz referência à *Gazeta Alemã* de 1514. Capistrano além de menciona-la em seu livro *O descobrimento do Brasil*, também comenta sobre o escrito em uma carta. Na missiva de 26 de janeiro de 1923, o historiador cearense sugere a Prado a publicação de um artigo sobre a *Gazeta Alemã* escrito por um amigo seu. No número de março de 1923 é publicado na *Revista do Brasil* o artigo “A nova gazeta da terra do Brasil” de Clemente Brandenburguer, como vimos anteriormente no segundo capítulo.

Na página 49, temos um bom exemplo da adaptação que Paulo Prado faz das ideias de Capistrano de Abreu. O exemplo reside na passagem de *O descobrimento do Brasil*, quando o historiador cearense descreve os três tipos distintos de homem que se formaram da mestiçagem moral. Podemos observar nitidamente a semelhança da passagem. Capistrano escreve que:

Havia primeiro o homem que não reagia absolutamente, que tomava todos os hábitos dos brasis: exemplo o castelhano de que nos fala Gabriel Soares, encontrado por Diogo Paes, de Pernambuco, com os beiços furados como os Potiguares entre os quais andava havia muito tempo, ou os intérpretes normandos que, segundo Lery, cometiam todas as abominações e desciam até a antropofagia.²⁵⁰

Cabe destacar que Capistrano coloca duas notas de rodapé. A primeira referindo a passagem de Gabriel Soares à sua própria obra, aqui apresentada como *Roteiro descritivo do Brasil em 1587*. A segunda nota se refere à informação de Lery retirada do livro *Brésil Français* de Paul Gaffarel.

Já Paulo Prado, por sua vez, não especifica o primeiro homem, mas se utiliza da passagem para apontar que:

²⁴⁹ Op. Cit. Abreu, 2014, p.89

²⁵⁰ Op. Cit. Abreu, 2014. p.59.

Entre nós, estabeleceram pela primeira vez um começo de contato entre o branco e o índio. Influíram sobre o gentio como foram influenciados por este. Uns caíram na mais extrema selvageria como o castelhano de que nos fala Gabriel Soares, com os beiços furados, ou como os intérpretes normandos que, segundo Lery, cometiam todas as abominações, indo até à antropofagia.²⁵¹

Mais adiante, na mesma página, ao falar sobre Jerônimo de Albuquerque, Paulo Prado cita sua relação amorosa com a índia Arco-Verde. Capistrano também cita Arco-Verde ao falar de Albuquerque, dessa vez nos *Capítulos de História Colonial*, entretanto, o historiador refere-se a ela como mãe e não como companheira. Escreve Capistrano: “Nas veias de Jerônimo de Albuquerque circulava sangue potiguar de sua mãe, Maria do Arco Verde, e disto não se envergonhava, antes o vemos em mais de uma conjuntura proclamando a sua extração.”²⁵².

Dois autores são citados tanto por Paulo Prado quanto por Capistrano de Abreu. O primeiro é Pero Vaz de Caminha, que Capistrano cita em suas duas obras que aqui utilizamos como referência para a análise. Entretanto, nenhuma das citações feitas por Prado aparece nas obras do historiador cearense. O outro autor citado é Pero Lopes de Sousa, mais especificamente, seus *Diários de Navegação*. Como vimos na análise das cartas, essa obra foi motivo de muitas conversas entre Paulo Prado e Capistrano de Abreu, uma vez que Eugenio de Castro estava preparando uma nova edição da obra. Em uma nota do organizador, Carlos Augusto Calil lembra que a edição utilizada por Paulo Prado foi a organizada por Varnhagen, aquela edição que vimos na Biblioteca Mário de Andrade com a inscrição “Duvido da autenticidade deste Diário: Varnhagen era geitoso na falsidade. São Paulo, 1912.”. Acreditamos que tal exemplar possa ter pertencido a Capistrano de Abreu. Dada a desconfiança de João Mendes Velho quanto à veracidade da obra, Capistrano que, como já era sabido, tinha uma posição em muito discordante com a de Varnhagen, se permitiu ao chiste na contracapa do livro.

Paulo Prado cita a carta de Caminha para observar a impressão que tiveram os navegadores que aqui chegaram ao ver os indígenas que aqui habitavam. No rodapé dessa página, de número 51, Prado tece uma longa nota sobre a presença de mulheres nos primeiros anos do descobrimento. O interesse pelo tema pode ter tido origem na passagem de Capistrano que se encontra no início do capítulo “A evolução”, de sua obra *O descobrimento do Brasil*. O historiador reflete sobre o que chama de ‘relações irregulares’, que caracteriza a

²⁵¹ Op. Cit. Prado, 2012, p.49.

²⁵² Op. Cit. Abreu, 1998. p.70.

‘primitiva família brasileira’ e que tinha por causa primária a desproporção entre o número de homens e mulheres que aqui chegaram oriundos da Europa.

Na página 52, Paulo Prado cita uma passagem de Simão Luís que se encontra na obra de Heitor Furtado Mendonça, *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil – Confissões da Bahia, 1591-92*. Vale lembrar que Capistrano e Prado editaram essa obra para a “Série Eduardo Prado. Para melhor se conhecer o Brasil.” em 1922.

Mais adiante, Paulo Prado cita as *Cartas de Amerigo Vespucci* que foram traduzidas por Varnhagen e publicadas na *Revista Trimensal do IHGB*. Capistrano de Abreu coloca essa obra como fonte em seu livro sobre o descobrimento do Brasil.

Na página 54, nosso autor menciona os escritos de João Francisco Lisboa ao falar da ‘imoralidade dos primeiros colonos’. Capistrano o cita em suas duas obras, no *Descobrimento*, escreve sobre sua transcrição da carta de Caminha, já nos *Capítulos*, quando discorre sobre as câmaras municipais.

Mais adiante, Paulo Prado faz duas citações de duas cartas escritas pelo padre Manuel da Nóbrega. Na primeira, *Carta ao padre mestre Simão*, Prado destaca a passagem em que o padre observa os costumes sociais da população indígena. Esta carta datada de 1594 é citada por Capistrano em seu livro sobre o descobrimento, quando o historiador explica a confusão entre a denominação de negro e índio (ABREU, 2014, p.174). No caso, Nóbrega estava se referindo aos índios por negros. Entretanto, nosso autor não faz nenhuma observação sobre isso, como bem aponta a nota explicativa adicionada pelo organizador, Carlos Augusto Calil.

A outra carta escrita por Nóbrega, *Carta a el-rei d. João*, é mencionada por Capistrano no mesmo livro, na página 93, quando o historiador escreve sobre a questão da presença das mulheres nos primeiros anos do descobrimento. Paulo Prado transcreve, no final da página 54, a passagem mencionada por seu mestre.

Na página 55, ao falar sobre os bandeirantes paulistas, Paulo Prado cita Montoya, um padre jesuíta. Aqui segue a transcrição da passagem: "las mujeres [...] de buen parecer, casadas, solteras o gentiles, el dueño las encerraba consigo en un aposento, con quien pasaba las noches al modo que un cabron en un curral de cabras.". Prado copia tal citação do capítulo “O sertão” do *Capítulos de História Colonial* de Capistrano de Abreu (ABREU, 1998, p.112). Há apenas uma pequena diferença, Capistrano deixa a citação completa: "las mujeres que en este, y otros pueblos (que destruyeron) de buen parecer...".

Nas páginas 56 a 58, Paulo Prado retoma a obra que aqui já citamos sobre a primeira visitação do Santo Ofício. Com o intuito de exemplificar a degeneração dos costumes da colônia, nosso autor coleta no texto diversos casos analisados pelos órgãos da inquisição que estiveram no Brasil no século XVI.

Na página 58, ao continuar o tema dos vícios e crimes que dominavam os costumes à época, Prado menciona e cita Pyrard de Laval. Durante a análise das obras presentes em sua biblioteca, encontramos um exemplar de “*Viagem de Francisco Pyrard de Laval...vertida do francês em português sobre a edição de 1679, correcta e acrescentada com algumas notas por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara...*”.

Nas páginas 60 e 61, Paulo Prado menciona e cita a obra de Frei Manuel Calado, *O valeroso Lucideno*. Nela Calado narra os feitos de João Fernandes Vieira. Capistrano também o cita em seu *Capítulos de História Colonial*, mais especificamente, no capítulo “Guerras flamengas”. Em uma carta do dia 24 de janeiro de 1927, Capistrano nos confirma que Paulo Prado possuía um exemplar do livro, que segundo o historiador poderia ter pertencido ao pai do Marquês de Pombal.

No último parágrafo da página 61, Paulo Prado cita a obra *Diálogo das Grandezas do Brasil*. Capistrano de Abreu cita diversas vezes essa obra nos *Capítulos de História Colonial*. Na primeira vez, como Carlos Augusto Calil coloca em uma nota do organizador, o historiador explicita sua dúvida quanto à autoria da obra, apontando Ambrósio Fernandes Brandão como o verdadeiro autor. Prado não opina acerca dessa hipótese e observa as ‘cinco condições de gente’ que aqui habitava. Capistrano, em uma segunda menção à obra, a utiliza para dar um ‘rápido lancear do país, aí pelos anos de 1618’²⁵³. Mestre e orientando compartilham de uma mesma frase ao falar da camada íntima, ou inferior, na única palavra em que se diferenciou nosso autor. Vejamos a frase: “A camada íntima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.”. Capistrano segue a descrição, já Prado toma outros rumos em seu texto.

Na página seguinte, ainda na análise dos habitantes da colônia, Paulo Prado cita Melo da Câmara. Diz nosso autor: “São homens, dizia Melo da Câmara, que se contentavam ‘com terem quatro índias por mancebas e comerem dos mantimentos da terra’.”²⁵⁴. Capistrano ao analisar, no capítulo “Primeiros conflitos” do *Capítulos de História Colonial*, o argumento da

²⁵³ Op. Cit. Abreu, 1998, p.77.

²⁵⁴ Op. Cit. Prado, 2012, p.62.

necessidade do povoamento para dissuasão de outros povos que aqui queriam se estabelecer, cita o mesmo argumento destacado por nosso autor. A transcrição da passagem de Capistrano faz-se necessária:

As armadas de guarda-costa eram simples paliativos; só povoando a terra, cortar-se-ia o mal pela raiz. Cristóvão Jaques ofereceu-se a trazer mil povoadores; oferecimento semelhante fez João de Melo da Câmara, irmão do capitão-mor da ilha de S. Miguel. Indignava-se este vendo que até então a gente que vinha ao Brasil limitava-se a comer os alimentos da terra e tomar as índias por mancebas, e propôs trazer numerosas famílias, bois, cavalos, sementes, etc.²⁵⁵

Capistrano já havia feito referência a João de Melo da Câmara em seu *O Descobrimento do Brasil*. O historiador inclusive já havia apresentado mais detalhadamente o plano de Câmara de realizar um esforço para a aceleração do povoamento. Capistrano comenta ter lido isso em uma carta de 29 de fevereiro de 1532 escrita por Diogo de Gouveia e publicada por Varnhagen em seu livro *Primeiras negociações diplomáticas*. Ao encerrar a primeira parte do capítulo chamado “História Pátria”, Capistrano mostra um certo apreço pelo poder sintético da frase de Câmara, vejamos: “À proposta de Câmara não se deu andamento: o Brasil continuou entregue a homens que se contentavam ‘com terem quatro índias por mancebas e comerem dos mantimentos da terra’. Esta expressão lapidar resume mais de trinta anos de nossa história.”²⁵⁶.

Seguindo para o rodapé da página 63, Paulo Prado coloca uma citação de um trecho de uma carta enviada pelo padre José de Anchieta. A nota do organizador diz que se trata de uma carta enviada provavelmente ao padre Diogo Laínes, Prado inclusive coloca uma interrogação após escrever ‘carta a Laínes (?)’. Carlos Augusto Calil diz que a citação havia sido fornecida por Alcântara Machado, o que acreditamos ser bem provável. Vale lembrar que Alcântara Machado havia ganhado no ano de 1928 a primeira edição do prêmio de monografias criado pela Sociedade Capistrano de Abreu, com o estudo *Anchieta na Capitania de São Vicente*. Machado foi responsável pela organização das notas do livro *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)* publicado pela Academia Brasileira de Letras para a Coleção Afrânio Peixoto em 1933. O exemplar que hoje pertence à Biblioteca Brasileira Mindlin foi permutado com a Biblioteca Mário de Andrade, e anteriormente pertenceu à biblioteca de Paulo Prado como pode ser observado na dedicatória escrita por Afrânio Peixoto na folha de rosto do livro: “A Paulo Prado com admiração e respeito de Afrânio Peixoto”. No exemplar, podemos observar que a passagem

²⁵⁵ Op. Cit. Abreu, 1998, p.42.

²⁵⁶ Op. Cit. Abreu, 2014, p.240.

citada por Paulo Prado está grifada e pertence à carta enviada por Anchieta ao padre Inacio de Loiola em julho de 1554, e não ao padre Laínes como se supunha.

Cobiça

Paulo Prado já abre o capítulo citando uma passagem de Gonçalves Dias sobre os motivos pelos quais tanto se arriscaram os colonizadores. A passagem é retirada do capítulo “História Pátria”²⁵⁷ do terceiro volume das *Obras Póstumas* do autor, mais especificamente do primeiro artigo de título “Reflexões sobre os Annaes Historicos do Maranhão por Bernardo Pereira de Berredo”. Certamente, Capistrano de Abreu também conhecia tal obra, uma vez que em seu livro sobre o descobrimento do Brasil faz menção²⁵⁸ à discussão proposta (e ao próprio Gonçalves Dias) em outro artigo de Dias que se encontra nesse mesmo capítulo sobre a história pátria: “O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso?”.

Mais adiante, Paulo Prado cita uma expressão latina com que Oliveira Martins resume a conquista da Índia. Carlos Augusto Calil, em uma nota do organizador, ao discorrer sobre a figura de Martins ressalta a influência na escrita de *Retrato do Brasil* da evocação histórica em amplos painéis exposta nas obras do historiador português.

Na página 65, Paulo Prado cita o historiador inglês Robert Southey que escreveu *History of Brazil 1810-1819*. A obra de Southey por diversas vezes foi citada na correspondência entre Prado e Capistrano de Abreu. Na famosa passagem do mestre sobre a primeira orientação a seu amigo, que se encontra na carta de 8 de fevereiro de 1920, Capistrano sugere a leitura da obra de Southey que diz ser ‘atrasado quanto à documentação, mas superior quanto ao mais.’. Já nosso autor comenta sobre o uso de Southey em carta de 24 de dezembro de 1926²⁵⁹, quando escreve a Capistrano sobre a escrita do *Retrato do Brasil*. Cabe pontuar que o historiador cearense também cita a obra do historiador inglês como fonte auxiliar em seu livro sobre o descobrimento do Brasil.

Cabe aqui, além da análise das referências que ressonam no material documental e na obra de Capistrano de Abreu, a apresentação de referências que até agora não haviam sido

²⁵⁷ O nome do capítulo foi dado pelo organizador do livro. O capítulo reúne uma coleção de críticas sobre Etnografia e História.

²⁵⁸ A passagem encontra-se na página 38 da edição por nós utilizada.

²⁵⁹ Carta no apêndice com o código PPCA-15.

desveladas. Na página 66, Paulo Prado faz a seguinte citação ao escrever sobre a ideia do “el dorado” no novo mundo: “A conquista de Quito e de Cuzco como que confirmava esse sonho. Tornava-se realidade palpável o país encantado em que diziam: “pisan las bestias oro y es pan cuando se toca con las manos”.”²⁶⁰. A frase em espanhol não possui referência no livro, nem por parte do autor, nem pelo organizador. A citação é parte de um discurso proferido por Cecilio Acosta, um escritor venezuelano, na Academia de Ciencias Sociales y Bellas Artes em 8 de agosto de 1869. Por fim, a citação pode ser observada na página 21 da obra *Antologia del pensamiento de Cecilio Acosta*²⁶¹.

Na página 66, Paulo Prado cita, novamente, uma passagem do *Diálogos das grandezas do Brasil*: “O Oriente é mais nobre do que o Ocidente e portanto o Brasil mais opulento que o Peru.”²⁶². O organizador, em uma nota, afirma não ter encontrado a citação na edição de 1930 publicada pela Academia Brasileira de Letras com introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolfo Garcia. Entretanto, no capítulo “O sertão” do livro *Capítulos de História Colonial*, Capistrano transcreve a mesma citação feita por Prado, vejamos:

Desde 1618 o autor dos Diálogos das Grandezas do Brasil dizia que o problema da mineração não consistia em encontrar metais, –estes existiam não restava dúvida, pois o Oriente é mais nobre que o Ocidente e portanto o Brasil mais opulento que o Peru; o problema verdadeiro consistia na dificuldade de alimentar os mineiros.²⁶³

Dessa forma, podemos concluir que muito possivelmente nosso autor retirou essa passagem do livro de Capistrano e não diretamente do exemplar escrito por Ambrósio Fernandes Brandão.

Na página 68, Paulo Prado ao discorrer sobre a ideia da empresa colonizadora que foi confiada a Martim Afonso de Sousa, se utiliza do exemplo da expedição de Pero Lobo para mostrar a força do obstáculo que era a natureza e o índio bravio. A história do extermínio do esquadrão de Pero Lobo pelos carijós é narrada por Capistrano em *O descobrimento do Brasil* (ABREU, 2014, p.71) e citada nos *Capítulos de História Colonial* (ABREU, 1998, p.52). Inclusive, Carlos Augusto Calil ao fazer uma nota sobre Pero Lobo parece se utilizar bastante da narrativa do historiador cearense.

²⁶⁰ Op. Cit. Prado, 2012, p.66.

²⁶¹ Obra publicada em 1952 em Caracas, Venezuela, por Editorial Avila Grafica S.A. Possui prólogo escrito por Pedro Grases.

²⁶² Idem. p.66.

²⁶³ Op. Cit. Abreu, 1998, p.140.

Mais adiante Prado faz uma citação cuja nota ao pé da página, nada esclarece. Diz nosso autor: “abafado pela mata virgem, picado por insetos, envenenado por ofídios, exposto às feras, ameaçado pelos índios, indefeso contra os piratas”²⁶⁴. Ao buscar a citação na obra de Capistrano, encontramos, no capítulo “Franceses e espanhóis” do livro *Capítulos de História Colonial*, a passagem, que completa fica:

Ajunte-se a isto a natural desafeição pela terra, fácil de compreender se nos transportarmos às condições dos primeiros colonos, abafados pela mata virgem, picados por insetos, envenenados por ofídios, expostos às feras, ameaçados pelos índios, indefesos contra os piratas, que começaram a surgir apenas souberam de alguma coisa digna de roubar.²⁶⁵

Na sétima edição do *Capítulos de História Colonial* realizada pela editora da Universidade de São Paulo em 1988²⁶⁶, uma nota explica que a passagem na verdade foi extraída do segundo artigo de Capistrano de Abreu publicado no *Jornal do Commercio* de 1901 sobre os *Diálogos das grandezas do Brasil*.

Na página 69, Paulo Prado introduz o tema das entradas e bandeiras. De início, nosso autor expõe um aconselhamento de Martius para o estudo das capitânias, vejamos: “Martius aconselha a quem a quiser escrever a divisão em grupos das antigas capitânias, separando pela natureza física os vários territórios da Colônia.”²⁶⁷. O conselho de Martius aqui exposto por Prado foi retirado de uma carta inédita escrita por Capistrano a 10 de janeiro de 1927²⁶⁸. Nela, o mestre tece uma longa explicação sobre o tema e sobre Martius dizendo que: “Martius num artigo da Rev. Trim. Instº que nunca se perde em reler, recomenda que se escreva nossa história por grupos. As capitânias foram separando-se, crescendo em número, mas sua unidade inicial não se obliteraram totalmente.”²⁶⁹.

No final da página 69, Paulo Prado copia integralmente o esquema de divisão das distintas bandeiras proposto por Capistrano na correspondência a qual nos referimos acima. Nosso autor, nesse caso, coloca em uma nota de rodapé o agradecimento ao mestre: “Devo este esquema a uma nota magistral e inédita de Capistrano de Abreu.”²⁷⁰.

Na página 70, nosso autor faz uma citação de uma passagem da carta ao rei d. Afonso VI enviada pelo Padre Vieira em 1657. Carlos Augusto Calil em uma nota do organizador

²⁶⁴ Op. cit. Prado, 2012, p.68.

²⁶⁵ Op. cit. Abreu, 1998, p.80.

²⁶⁶ Cabe lembrar que essa não está sendo utilizada como base aqui.

²⁶⁷ Op. Cit. Prado, 2012, p.69.

²⁶⁸ Esta carta está no apêndice com o código CAPP-10.

²⁶⁹ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado de 10 de janeiro de 1927. Sem código. Acervo pessoal da família Prado.

²⁷⁰ Op. cit. Prado, 2012, p.69.

afirma que a citação foi retirada da obra *Cartas do padre Antonio Vieira* publicada em 1925 coordenada e anotada por João Lucio de Azevedo, grande amigo de Capistrano de Abreu e figura presente em diversas cartas trocadas entre Prado e o historiador cearense.

Na página 71, Paulo Prado observa a economia colonial nos primeiros anos do século XVI. Primeiramente, nosso autor discorre sobre os produtos que daqui eram extraídos e levados a Europa. Para tal, descreve o carregamento da nau Bretoa, vejamos a passagem:

Em 1511, porém, já iniciava alguma exportação: a nau Bretoa, nesse ano, levava para Portugal cinco mil toros de pau-brasil, e os animais domésticos que o índio chamava “mimbabo”, como vinte e dois tuins, dezesseis sagüis, dezesseis gatos, quinze papagaios, três macacos — e quarenta peças de escravos.²⁷¹

Capistrano de Abreu, por sua vez, cita a nau Bretoa em suas duas obras, sendo que em seu livro sobre o descobrimento do Brasil, o historiador escreve a seguinte passagem: “A nau Bretoa levou do Cabo Frio, em 1511, cinco mil e nove toros de pau-brasil trinta e seis escravos, vinte e três toins, dezesseis gatos, dezesseis saguis, quinze papagaios e três macacos.”²⁷².

Mais adiante, Prado ao escrever sobre a economia dos primeiros anos da colônia, como, por exemplo, sobre os víveres disponíveis para a alimentação, diz que:

Fundaram-se feitorias, toscos galpões assentes em meio de estacadas para evitar surpresas; alguns edificavam casas; começava a agricultura de gêneros exportáveis, o açúcar, o fumo, etc. Desta fase é característico o gado miúdo — galináceos, porcos, cabras, ovelhas, o “federvieh” dos alemães. Eqüinos e bovinos ainda raros. A economia naturista movimentava com lentidão a permuta dos produtos; faziam-se os pagamentos em sal, ferramentas, fazendas, nunca em dinheiro contado. Era o que Bücher chama a economia fechada ou doméstica: produtor e consumidor são idênticos.²⁷³

A passagem de Prado pode ser muito bem observada na carta enviada por Capistrano em 29 de março de 1927²⁷⁴. Nela, o historiador cearense tece algumas linhas acerca do descobrimento do Brasil. De início o historiador faz uma pequena divisão, na qual apresenta primeiramente o caso da nau Bretoa e depois a colocação de Bücher²⁷⁵ sobre a economia fechada. Por fim, discorre sobre os animais que aqui começaram a criar. Vejamos a semelhança da passagem no trecho da carta:

Sobre o descobrimento do Brasil:

²⁷¹ Idem, p.71.

²⁷² Op. Cit. Abreu, 2014, p. 86.

²⁷³ Op. Cit. Prado, 2012, p.71.

²⁷⁴ Pode ser observada no apêndice com o código CAPP-11.

²⁷⁵ Karl Bücher (1847-1930) foi um economista alemão.

a) Caça e pesca, frutos da terra, base da alimentação. Exporta-se escravos, madeira e animais. (Nau Bretoa)

b) Distinguem-se alguns entre os colonos e formam casas suas. Neste primeiro período predominava a economia nativista. A casa grande, como ainda existem modificada, mas ainda recognecível em nossos sertões mais atrasados, pouco compra: sal, e o pagamento faz-se em gêneros, não em dinheiro de contado, ferramentas, fazendas. Em civilizações mais rudimentares produtor e consumidor são idênticos: Bücher chama a isto de economia fechada ou doméstica. Começa então a agricultura de gêneros exportáveis, o assucar, o fumo, etc.

Desta phase é característico o gado miúdo – gailinhas (federvieh alemão) porcos, cabras, ovelhas; equinos e bovinos ainda raros. A criação de gado graúdo em grande proporção quando se abriu os sertões, donde o gado é levado aos centros de consumo pelo próprio [ilegível].²⁷⁶

No final da mesma página Prado novamente se utiliza de materiais oriundos da obra de Capistrano. A semelhança aqui é indiscutível. Dessa vez nosso autor narra uma história contada pelo Frei Vicente de Salvador, que segundo o organizador encontra-se na *História do Brasil* escrita pelo clérigo. Segue a transcrição do caso:

Frei Vicente do Salvador conta a respeito a história de um bispo de Tucuman que de passagem estivera algum tempo no Brasil. Este bispo via que quando mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe para comer, nada lhe traziam porque não se achava na praça nem no açougue e, se mandava pedir as ditas cousas e outras mais às casas particulares, lhas mandavam. “Verdadeiramente, dizia o bispo, nesta terra andam as coisas trocadas, porque ella toda não é republica, sendo-o cada casa”.²⁷⁷

Por sua vez, Capistrano abre a conclusão de seu livro *O descobrimento do Brasil* com a seguinte passagem:

Frei Vicente do Salvador conta a história de um bispo de Tucuman que esteve algum tempo no Brasil. Este bispo via que mandando buscar qualquer gênero ao mercado, voltava o criado sem obtê-lo; se, porém, mandava buscá-lo a casas particulares, remetiam-no sem nada cobrar. Verdadeiramente, disse o bispo, que nesta terra andam as coisas trocadas, porque ella toda não é república, sendo-o cada casa.²⁷⁸

Na página 73, Paulo Prado faz uma citação *ipsis litteris* de uma passagem do *Capítulos de História Colonial* na qual Capistrano fala sobre ‘a época do couro’. Nesse caso, nosso autor revela sua fonte e destaca a passagem. Vejamos:

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era

²⁷⁶ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado de 29 de março de 1927.

²⁷⁷ Op. Cit. Prado, 2012, p.71.

²⁷⁸ Op. Cit. descobrimento p.97

levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz.²⁷⁹

Na página 76 temos um rico exemplo da origem das referências utilizadas por Paulo Prado em *Retrato do Brasil*. O autor coloca uma referência ao livro *Memórias de um soldado da Índia* compilado por Antonio de Sousa Silva Costa Lobo. Capistrano de Abreu menciona a obra de Costa Lobo, no capítulo “Fatores exóticos” (ABREU, 1998, p.29), quando elenca os elementos dominantes no caráter do povo no começo da era dos descobrimentos. Nas correspondências trocadas entre Prado e Capistrano, o livro aparece por duas vezes. A primeira em carta do dia 19 de março de 1927, quando o historiador diz ter pedido o livro emprestado a Fábio Werneck. A segunda menção ao livro se faz na carta inédita de 29 de março do mesmo ano. Nela Capistrano afirma ser o livro uma “prova de que os desalmados do [ilegível] seriam elemento indispensável das entradas.”. Podemos, então, observar o fluxo das fontes ademais sua utilização na obra tanto do mestre quanto do amigo.

No final da página 77, Paulo Prado menciona um argumento do geógrafo alemão Oscar Pesche acerca das entradas de mineração. Em uma nota do organizador, Carlos Augusto Calil diz que Peschel exerceu influência sobre Capistrano de Abreu. Como diz o organizador, Capistrano o chama de gênio, o que pode ser observado na página 134 de seu livro *O descobrimento do Brasil*.

Já na página 79, Paulo Prado faz pela primeira vez referência a D. Rodrigo de Castel Branco. A expedição de D. Rodrigo com vimos no capítulo anterior foi narrada por Prado no artigo “Uma data”. Como escrevemos anteriormente, o nome de D. Rodrigo é citado por Capistrano em diversas correspondências e está presente em três cadernos observados na Biblioteca Mário de Andrade.

Na página 81, temos um exemplo da liberdade da escrita do trabalho de Paulo Prado. Como vimos defendendo aqui, muito mais vale para o nosso autor a defesa de um ponto de vista do que a crítica e busca pela verdade histórica. A ideia de se fazer uma narrativa livre ganha substância com o caso que aqui será exposto. Prado após apresentar o drama da busca pelo ouro, que tardou dois séculos para ser encontrado de maneira consistente, narra um caso de sucesso no meio de tanta exasperação, vamos à passagem: “Apenas, em um ou outro ponto, algum faiscador mais feliz enriquecia à custa do ouro de lavagem como no Jaraguá, em São Paulo, Afonso Sardinha, o moço, que dizem, deixou em testamento 80.000 cruzados de

²⁷⁹ Op. Cit. Abreu, 1998, p.135.

ouro em pó escondidos em botelhas de barro enterradas.”²⁸⁰. Capistrano, por sua vez, narra a mesma história, escreve o historiador:

Foram igualmente felizes outros. A crer na tradição houve descobertos riquíssimos; Afonso Sardinha, dizia-se, deixara oitenta mil cruzados de ouro em pó. Há de entrar exagero nesta conta, ou pelo menos muito ogó haveria no monte. Se tanto abundasse o metal, a população teria afluído aos bandos e os paulistas não levariam tanto tempo vida de bandeirantes.²⁸¹

Aqui podemos observar a diferença entre Paulo Prado e Capistrano de Abreu. O historiador apesar de citar o caso, talvez a título de curiosidade, o contesta de imediato com um argumento histórico que não retira o caráter alegórico da passagem, mas limita sua capacidade de uso. Já nosso autor parece usar a passagem para reforçar a defesa do ponto principal do seu capítulo, que a busca pelo ouro corrompeu os habitantes da terra e que histórias como essa alimentam esse imaginário dramático e caótico explorado por ele.

Sobre o ouro na região de Minas Gerais, Paulo Prado escreve que Southey tem uma “página admirável sobre o desvario dos buscadores de ouro.”²⁸². Em carta de 24 de dezembro de 1926, Prado comenta com Capistrano que a descrição de Southey sobre o que eram as Minas Gerais era algo formidável.

Ao final da página 81, Paulo Prado menciona um caso relatado pelo padre jesuíta mais conhecido como André João Antonil. Escreve nosso autor que “Pelos anos de 1690, conta Antonil-Andreoni, um mulato de Curitiba encontrara no riacho chamado Tripuí uns granitos cor de aço, que vendeu em Taubaté a Miguel de Sousa: era ouro finíssimo.”²⁸³. Capistrano em seu capítulo de nome “O sertão” da obra *Capítulos de História Colonial*, menciona exatamente o mesmo caso como podemos observar na passagem:

De Minas Gerais o nome indica a fartura, a onipresença dos haveres. Quem os descobriu primitivamente é impossível apurar, tanto se contradizem as versões; o fato ocorreu pouco depois de 1690. Segundo Antonil-Andreoni, um mulato de Curitiba encontrou no riacho chamado Tripuí uns granitos cor de aço, que vendeu em Taubaté a Miguel de Sousa por meia pataca a oitava; levados ao Rio reconheceu-se neles ouro finíssimo. Foi este o primeiro descoberto.²⁸⁴

Cabe lembrar que em três cartas trocadas com Paulo Prado, Capistrano fala de Antonil como uma leitura de muita relevância que devia ser lido em ‘estado de graça’ como diz o próprio mestre. Podemos supor que o apreço de Capistrano por Antonil se dê em grande

²⁸⁰ Op. Cit. Prado, 2012, p.81.

²⁸¹ Op.cit. Abreu, 1998, p.143.

²⁸² Op.cit. Prado, 2012, p.81.

²⁸³ Idem, Ibidem.

²⁸⁴ Op. Cit. Abreu, 1998, p.144.

medida pela informação que nos dá Carlos Augusto Calil em uma nota. Diz o organizador que coube ao próprio Capistrano a descoberta da real identidade por trás do pseudônimo de André João Antonil que nada mais era do que um anagrama imperfeito do padre jesuíta Giovanni Antonio Andreoni.

No último parágrafo da página 83, Paulo Prado menciona a história do suíço Johann August Suter, que perdeu tudo o que tinha com a corrida do ouro na Califórnia. Como destaca Carlos Augusto Calil em uma nota do organizador, Prado possivelmente tomou conhecimento de tal fato por meio de Blaise Cendrars, que pelo ano de 1924 já se interessava pela história. Após sua primeira passagem pelo Brasil, Cendrars publicou em 1925 a obra *L'Or*²⁸⁵, a qual Calil afirma ter nosso autor dado a inspiração necessária para que o escritor suíço a concluísse. Aqui vale observar a dedicatória que pudemos aferir no exemplar que pertencia a Prado. Blaise escreve: “À Paulo Prado, ce livre [qui] n’aurais jamais écrit sans lui.”²⁸⁶. Calil não cita, mas vale lembrar que a obra de Cendrars tem como subtítulo *La merveilleuse histoire du général Johann August Suter*²⁸⁷.

Na página final do capítulo, Paulo Prado cita diversos paulistas que, imbuídos pela febre do ouro, dirigiram-se a Mato Grosso. Dentro da lista de nomes, vale destacar Pascoal Moreira Cabral, os irmãos Fernando e Artur Pais de Barros e Manuel Felix de Lima. O primeiro, como destaca Carlos Augusto Calil, é citado tanto em *Paulística*, no artigo “A decadência” (PRADO, 2004, p.156), como nos *Capítulos de História Colonial* no capítulo “O sertão” (ABREU, 1998, p.146). Os irmãos Pais de Barros e Manuel Felix de Lima aparecem em *Paulística* no mesmo artigo de Moreira Cabral. Na passagem nosso autor comenta sobre a conquista dos Parecis e a expedição organizada por Felix de Lima, descrita por Southey em livro já mencionado aqui. Calil, em sua nota, destaca a passagem:

Em 1734, [Fernando e Artur Pais de Barros, naturais de Sorocaba], empreendem a conquista dos Parecis, iniciam a fundação de Vila Bela e exploram no Guaporé a ligação das bacias do Prata e Amazonas levada a efeito em 1742 pela admirável expedição de Manuel Felix de Lima, descrita por Southey.²⁸⁸

²⁸⁵ O ouro. Tradução livre.

²⁸⁶ Ao Paulo Prado, este livro que eu jamais teria escrito sem ele. Tradução livre.

²⁸⁷ A maravilhosa história do general Johann August Suter. Tradução livre.

²⁸⁸ Op. Cit. Prado, 2012. p.337n.

A tristeza

Na página 95, nosso autor mergulha na descrição da origem da “tristeza brasileira”. A primeira parte Paulo Prado extrai dos *Capítulos* de Capistrano, como assinala nota de Carlos Augusto Calil. Vejamos:

Nesse aviltamento e nesses horrores, começou a desaparecer o português heróico do século XV, “fragueiro, abstemio, de imaginação ardente, propenso ao mysticismo”, que criara o tipo perfeito do homem aventureiro, audacioso e sonhador, livre, sem rebuços nem eufemismos de linguagem, como imaginamos os que pintou Nuno Gonçalves no retábulo de São Vicente.²⁸⁹

Na passagem dos *Capítulos* (ABREU, 1998, p.29), Capistrano de Abreu informa ter retirado a citação da obra *História da Sociedade em Portugal no século XV*, do já citado autor Antonio de Sousa Silva Costa Lobo. Prado, por sua vez, não faz nenhuma menção a Costa Lobo, nos levando a crer que a passagem foi extraída do livro de seu mestre.

Mais adiante, Paulo Prado para pensar a formação do mamaluco traz a esse livro a ideia de ‘centro de isolamento’ de Moritz Wagner já discutida por ele em seu artigo “Caminho do Mar” publicado em *Paulística*.

Na página 99, Paulo Prado cita um trecho de um relato do comerciante inglês John Luccock exposto na obra *Notes on Rio de Janeiro*. Na verdade, como, nesse caso, bem assume nosso autor em uma nota de rodapé, a citação foi retirada do capítulo “Três séculos depois” do livro *Capítulos de História Colonial*. Vale lembrar que Paulo Prado tinha um exemplar dessa obra, que pode ser observado em sua biblioteca na Biblioteca Mario de Andrade.

Na página seguinte, nosso autor cita uma ideia que ele atribui a seu mestre. Vejamos a passagem: “Desde os tempos primeiros – observa Capistrano –, a família brasileira teve como sustentáculo uma tripeça imutável: pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados.”. O interessante dessa passagem reside no fato de não ter sido possível rastreá-la. Em uma pesquisa na hemeroteca da Biblioteca Nacional chegamos a diversos artigos de jornal que citam a passagem; um deles²⁹⁰ afirma que ela se encontra na introdução feita por Capistrano à obra *Primeira visitaçāo do Santo officio as partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça : confissoes da Bahia, 1591-92* editada em 1922 por Paulo Prado para a série

²⁸⁹ Op. Cit. Prado, 2012. p.95.

²⁹⁰ Artigo escrito por Jorge de Lima para o Jornal *A manhã* de 13 de agosto de 1942.

Eduardo Prado. Tal edição pode ser encontrada na internet digitalizada pela Universidade de Toronto. Infelizmente, ao ler a introdução não encontramos a passagem.

A ideia transmitida por essa passagem é utilizada em diversos textos sobre a sociedade no Brasil colonial. Mesmo Sérgio Buarque de Holanda a cita parcialmente ao falar sobre os jovens no período. Vejamos a passagem: “Transplantados para longe dos pais, muito jovens, os ‘filhos aterrados’ de que falava Capistrano de Abreu, só por essa forma conseguiam alcançar um senso de responsabilidade que lhes fora até então vedado.”²⁹¹. Já Eni de Mesquita Samara em sua obra *A família brasileira*²⁹² observa a influência da postulação de Capistrano nas obras de Oliveira Vianna e Gilberto Freyre.

Na página 102, Paulo Prado cita outra obra a qual o exemplar também observamos na Biblioteca Mário de Andrade. *Travels in Brazil* de Henry Koster é utilizado por Prado quando o autor se debruça sobre a questão racial, principalmente quando escreve sobre o mulato. Capistrano também cita o inglês em duas passagens distintas da de Prado em seu livro *Capítulos de História Colonial*.

Na página seguinte, Prado ao falar dos regimentos do exército compostos exclusivamente por negros, escreve que eram conhecidos por Henriques, uma alusão a Henrique Dias, voluntário negro que lutou contra os holandeses. Capistrano faz menção aos Henriques, que também são mencionados por Koster, no capítulo “Três séculos depois” ao escrever que: “O preconceito de cor agonizava no exclusivismo dos corpos armados, como o dos Henriques, composto só de pretos (...).²⁹³”.

Na página 106, ao descrever os trajes das mulheres à época, Paulo Prado cita *Voyage au Brésil* de Thomas Lindley. Capistrano de Abreu também o cita ao discorrer sobre a vida social. Logo em seguida Prado cita outro autor também utilizado pelo historiador cearense. Desta vez, nosso autor, ao escrever sobre o vício e a corrupção que consumia a sociedade, se utiliza da obra *Cartas de Vilhena – Notícias soteropolitanas e brasílicas de 1802* de Luís dos Santos Vilhena. Capistrano dá importante destaque à obra de Vilhena ao anexar aos *Capítulos de História Colonial* um mapa²⁹⁴ que figura no final do capítulo “O sertão”.

²⁹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição. Companhia das Letras. 2011. p.144.

²⁹² SAMARA, Eni de Mesquita. *A família Brasileira*. 1ª edição. Editora Brasiliense. 2006.

²⁹³ Op. Cit. Abreu, 1998, p.214.

²⁹⁴ O mapa tem como título “Mapa curioso que contém não vulgares notícias de muitas aldeias de índios que, por ordem régia, são hoje vilas”.

Na página 108, Paulo Prado tece um comentário acerca da mulher branca na colônia. A descrição feita por nosso autor, vai na linha bem desenhada nesse capítulo, do levantamento de elementos que nos levaram ao último nível da degeneração, um povo embebido em uma tristeza atroz. No comentário Prado diz:

O aspecto da gente era desagradável. O clima quente, a falta de asseio, a carne de porco produziam terríveis doenças de pele; nas mulheres, a reclusão nas alcovas sem ar empalidecia rapidamente o rosto mais encantador do mundo: aos dezoito anos atingiam uma maturidade completa, precursora de uma excessiva corpulência com que aos trinta se transformavam em velhas enrugadas.²⁹⁵

Capistrano de Abreu, em seu capítulo final dos *Capítulos de História Colonial*, descreve de maneira muito semelhante a mesma mulher branca do período colonial. Vejamos a passagem do historiador cearense:

Aos dezoito anos, a natureza atingiu a maturidade completa na brasileira. Alguns anos mais tarde torna-se corpulenta e até pesadona; adquire uma grande giba nas espáduas, e anda com um passo desgracioso e cambaleante. Começa a decair, perde o bom humor da fisionomia, e substitui-o por uma carranca; olhar e boca exprimem ambos que se acostumou a exprimir paixões vingativas e violentas, as faces ficam privadas de frescura e de cor, e aos vinte e cinco anos ou trinta transforma-se numa velha perfeitamente enrugada.²⁹⁶

A semelhança que nos faz acreditar que a passagem tenha sido praticamente transplantada de uma obra a outra se dá pelo fato da utilização do mesmo vocabulário, em alguns casos até das mesmas frases. Nesse caso, ambos utilizam a palavra corpulenta. Mais adiante Prado escreve que ‘a reclusão nas alcovas sem ar empalidecia rapidamente o rosto mais encantador’, já Capistrano diz que ‘as faces ficam privadas de frescura e de cor’. Ambos concluem que aos trinta anos as mulheres transformavam-se em velhas enrugadas.

No final da página 109, Prado recupera uma citação feita no artigo “A decadência” que integra a obra *Paulística*²⁹⁷. A citação advém de uma carta escrita por D. Luiz Antonio de Souza ao, então, Conde de Oeiras.

No fechamento do capítulo “A tristeza”, Paulo Prado parece recuperar a ideia que Capistrano utilizou no último capítulo. Em quase duas páginas, nosso autor retoma como que em síntese o estado em que se encontrava o país. Podemos perceber o tom ácido, que não poupa os adjetivos depreciativos e impactantes, assim como as críticas àqueles que contribuíam para a “hipertrofia do patriotismo indolente que se contentava em admirar as

²⁹⁵ Op. Cit. Prado, 2012, p.108.

²⁹⁶ Op. Cit. Abreu, 1998, p.218.

²⁹⁷ A referência encontra-se na página 167.

belezas naturais, ‘as mais extraordinárias do mundo’, como se fossem obras do homem.”²⁹⁸. Um exemplo nos demonstra como Prado confere cores quentes aos escritos de seu mestre, vejamos:

Prado começa esse amarrado final do capítulo dizendo que:

Três séculos tinham trazido o país a essa situação lamentável. A colônia, ao iniciar-se o século de sua independência, era um corpo amorfo, de mera vida vegetativa, mantendo-se apenas pelos laços tênues da língua e do culto. (...) População sem nome, exausta pela verminose, pelo impaludismo e pela sífilis, tocando dois ou três quilômetros quadrados a cada indivíduo, sem nenhum ou pouco apego ao solo nutridor; país pobre sem o auxílio humano, ou arruinado pela exploração apressada, tumultuária e incompetente de suas riquezas minerais;²⁹⁹

Capistrano de Abreu, por sua vez, ao abrir seu último capítulo, “Três séculos depois”, já nos faz reconhecer a referência utilizada por Prado. Como podemos observar a ideia do mestre, mais uma vez, é copiada nas linhas do amigo. Escreve o historiador: “Três séculos depois do Descobrimento os habitantes do Brasil exprimiam-se por sete algarismos. Repartidos na superfície reclamada como sua pela metrópole, tocavam dois ou três quilômetros quadrados a cada indivíduo.”³⁰⁰. As últimas linhas do capítulo também nos trazem ideias muito semelhantes com as apresentadas por Prado. Encerra Capistrano:

Cinco grupos etnográficos, ligados pela comunidade ativa da língua e passiva da religião, moldados pelas condições ambientes de cinco regiões diversas, tendo pelas riquezas naturais da terra um entusiasmo estrepitoso, sentindo pelo português aversão ou desprezo, não se prezando, porém, uns aos outros de modo particular -- eis em suma ao que se reduziu a obra de três séculos.³⁰¹

Um pouco mais adiante, Paulo Prado recupera a ideia de ‘não se prezando, porém, uns aos outros de modo particular’ e cita Capistrano ao dizer que o historiador observa que as “manifestações coletivas sempre passageiras, certamente pela falta de cooperação tão própria do antepassado indígena.”³⁰². Na verdade, Prado retoma uma ideia colocada por seu mestre no primeiro capítulo de *Capítulos de História Colonial*, “Antecedentes indígenas”. Capistrano sugere que a ausência de cooperação foi legada pelo índio a seus sucessores, vejamos: “A mesma ausência de cooperação, a mesma incapacidade de ação incorporada e inteligente, limitada apenas pela divisão do trabalho e suas conseqüências, parece terem os indígenas

²⁹⁸ Op. Cit. Prado, 2012, p.111.

²⁹⁹ Op. Cit. Prado, 2012, p.110.

³⁰⁰ Op, cit. Abreu, 1998, p.199.

³⁰¹ Idem, p.221.

³⁰² Op. Cit. Prado, 2012, p.111.

legado aos seus sucessores.”³⁰³. Dessa forma, nosso autor recupera essa ideia e confere mais uma característica negativa a que foi exposto o indivíduo que aqui vivia.

Cabe destacar após a análise do final do capítulo “A tristeza” a elegância de Capistrano para denunciar o resultado de uma série de intempéries negativas sofridas pelos que aqui habitavam. Sem palavras com efeitos pirotécnicos, o historiador conclui sua obra com elementos estritamente provenientes de um processo analítico. A narrativa com um claro tom denunciatório, fica estritamente a cargo de Paulo Prado.

O romantismo

O capítulo sobre a influência do romantismo na composição do quadro imobilizador, que Paulo Prado pintava sobre a sociedade brasileira, quase não contém menções ou citações, ou transcrições que ressoam da obra de Capistrano de Abreu. Para não dizermos que não há nada, na página 121, Prado cita uma passagem de Paulo Antonio do Valle extraída da obra *Memórias para a história da Academia de São Paulo* de Spencer Vampré. Na carta escrita por Capistrano em 3 de março de 1924, o mestre pede ao amigo que “Se valer a pena, traga a Memória de Spencer Vampré sobre a história da Faculdade da Paulicéia.”³⁰⁴. Esse é o único ponto de contato entre Prado e Capistrano durante todo o pequeno quarto capítulo. Curiosamente, esse é o capítulo com maior número de referências, proporcionalmente, indicadas pelo autor no rodapé.

O tom desse capítulo é bem distinto do que vimos até aqui. Se o final do capítulo “A tristeza” parecia um encerramento, Paulo Prado parece ter tido a ideia posteriormente de escrever uma ‘continuação’. O capítulo apesar das referências apresenta um tom mais projetivo, com mais marcas de personalidade. Prado critica fortemente a alienação gerada pela visão romântica, visão essa muito ressonante no Brasil do século XIX. O romantismo com todos os seus elementos, tão execrado pelo autor, muito possivelmente fez parte de sua própria vida.

Se pensarmos que Paulo Prado se formou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco em 1888 e que dois anos mais tarde, aos 21 anos, teve seu único filho, Paulo Caio da Silva Prado, em um relacionamento intenso, porém curto, característico do romantismo

³⁰³ Op. Cit. Abreu, 1998, p.24.

³⁰⁴ Op. Cit. Rodrigues, 1954, p.453.

juvenil, com Francisca Chichorro Galvão, podemos pensar que Prado foi um romântico inveterado em sua juventude.

Um outro fator que com certeza está relacionado à essa visão de nosso autor em relação ao romantismo é a questão da melancolia. Em nossa breve análise das obras contidas em sua biblioteca, descobrimos duas obras que possuem a melancolia como temática. A primeira, uma obra de George Dumas, *Les états intellectuels dans la melancolie*. A segunda obra, talvez mais importante, é de Robert Burton, *The Anatomy of Melancholy*, edição de 1927, do ano anterior do lançamento de *Retrato do Brasil*. Moacyr Scliar em seu livro *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*³⁰⁵, reconhece uma relação entre as duas obras e tece a seguinte comparação:

Burton fala do tema da melancolia de maneira geral; Paulo Prado concentra-se no Brasil. A anatomia da melancolia, como vimos, é uma obra extensa, caudalosa, recheada de citações. Paulo Prado é sintético; a edição original tem escassas 216 páginas. Citações existem — erudição é coisa que não lhe falta —, mas não são tão freqüentes como em Burton (e o latim é deixado de lado). A preocupação maior do livro não é com informações; o autor compara o texto a um quadro impressionista. Assim como no impressionismo, que Prado por razões óbvias conhecia bem, as linhas nítidas dissolvem-se em “tonalidades imprecisas”, em *Retrato do Brasil* a “cronologia e os fatos” dão lugar às “emoções, à representação mental dos acontecimentos”. Burton falava em tese; Prado estava dando um recado ao Brasil, fazendo um diagnóstico sombrio da situação do país.³⁰⁶

Outro autor que se debruça sobre a questão da melancolia na obra de Paulo Prado é Claudio Lúcio de Carvalho Diniz. Em seu artigo “Tristeza Tupiniquim: a melancolia brasileira no retrato do Brasil de Paulo Prado”, Diniz observa a melancolia e o pessimismo de Prado como uma resposta realista às proposições ufanistas da época. Escreve Diniz: “Acreditamos que o pessimismo debitado a Paulo Prado, em *Retrato do Brasil*, deve-se mais a uma visão ‘realista’ da formação do caráter nacional brasileiro em oposição a uma visão ufanista da nacionalidade.”³⁰⁷

Outros autores nos apontam o caminho de pensar Paulo Prado como um renegador do mal romântico, mal esse de que foi também vítima, principalmente no período em que atribuem a ele a alcunha de diletante. Ainda que renegue o romantismo, Prado em seu livro não consegue esconder alguns traços românticos presentes em sua análise sobre o Brasil. Acerca disso, Wilson Martins diz que “Paulo Prado sentia o Brasil como um ser de paixão, ele

³⁰⁵ SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. 1ª edição. Companhia das Letras, 2003.

³⁰⁶ Idem, p.146.

³⁰⁷ DINIZ, Claudio Lúcio de Carvalho. *Tristeza Tupiniquim: a melancolia brasileira no retrato do Brasil de Paulo Prado*. Sem dados de publicação em revistas.

que, clássico desenraizado e anacrônico, sufocava dentro de si mesmo os ímpetos apaixonados.”³⁰⁸.

Vale aqui apontar algumas obras encontrada na biblioteca de Paulo Prado que podem nos mostrar que nosso autor teve contato com diversas obras românticas, pessimistas e melancólicas. São elas, por exemplo, edições de Edgar Allan Poe, Percy Bysshe Shelley, Goethe, Camilo Castelo Branco, dentre outros. Vale aqui destacar a presença do livro *Le pessimisme au XIXe siècle: Léopardi – Schopenhauer – Hartmann*, de Elme Marie Caro, um filósofo francês do século XIX.

Post-Scriptum

A parte final do livro de Paulo Prado, como já observamos, nos parece um manifesto político de cunho muito pessoal. Apesar disso, diferentemente do capítulo sobre o romantismo, essa parte apresenta um pouco mais de elementos que consideramos recepcionados por nosso autor. Ainda assim, nada que se compare ao número observado nos três primeiros capítulos de sua obra. Passemos à análise.

Na página 127, Paulo Prado afirma conhecer Anchieta o que ele chama de ‘véu melancólico da tristeza paulista’. Carlos Augusto Calil, em uma nota do organizador, faz o rastreamento dessa afirmação e chega em duas possibilidades, uma delas um texto de Capistrano de Abreu. Vejamos a nota por completo:

É terra desleixada e remissa e algo melancólica, e por esta causa os escravos e índios trabalham pouco, e os portugueses quase nada, e tudo se leva em festas, convívios e cantares etc.”; carta de Anchieta mencionada por Capistrano de Abreu no artigo “Literatura brasileira”, de 1886, incluído no volume póstumo *Ensaio e estudos*, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p.60. Por outro lado, PP pode ter dela tomado conhecimento na “Informação de 1585”, reproduzida nos *Materiais e achegas para a história e a geografia do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886, p.46), a que seu tio Eduardo Prado se refere na conferência “O catolicismo, a Companhia de Jesus e a colonização do Novo Mundo”, publicada em *Coletâneas*. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1906, vol.IV, p.83.³⁰⁹

Na página 129, Prado discorre sobre a presença de escravos na colônia desde a chegada da armada de Pedro Álvares Cabral. O próprio autor abre uma nota de rodapé para informar que tal informação era proveniente de Varnhagen e que, seu mestre, julgava-a improvável. Em seguida, ainda na nota, nosso autor informa, de maneira um pouco desconexa

³⁰⁸ Op. Cit. Martins, 1969, p.179.

³⁰⁹ Op. Cit. Prado, 2012, p.346n

com o que observara anteriormente, que em 1630 “a escravidão africana já estava muito desenvolvida na Capitania de São Vicente.”. Para confirmar tal informação, nosso autor usa um códice de nome ‘Pernambuco’ da coleção Castelo Melhor, manuscrito esse encontrado na Biblioteca Nacional pela referência I.1.2.44. Aqui citamos todas essas informações pois, no caderno de numeração laranja 68 encontrado na Biblioteca Mário de Andrade, consta a cópia do códice ‘Pernambuco’ I.1.2.44.

Logo adiante, Prado utiliza-se de Capistrano para dizer que em 1600 “a Colônia devia possuir cerca de 20 mil negros da África, incluindo os filhos de africanos.”³¹⁰ (ABREU, 2014, p.89). Carlos Augusto Calil coloca uma nota na frase para informar que tal informação se encontra na obra *Descobrimento do Brasil*, mais especificamente na parte em que o historiador cearense se utiliza do relatório da missão de Domingos de Abreu de Brito a Angola para chegar a tal número.

Aqui inserimos um breve comentário. É interessante observar como muda o tom de Paulo Prado ao escrever sobre a questão racial. Até o *post-scriptum* suas observações limitam-se a posicionamentos mais embasados por suas leituras históricas. Já nessa parte final do livro, nosso autor adota uma postura que parece querer responder a demandas muito mais imediatas, questões da ordem do dia. Isso talvez explique a utilização de argumentos científicos, que estavam em voga na época, para problematizar a questão racial. As teses de “superioridade”, “branqueamento”, “hibridismo”, “biologia da heterose”, “cadinho”, dentre outras, estão bem presentes na argumentação do *post-scriptum*.

Na página 132, Paulo Prado cita em nota de rodapé as proposições de Willem Piso, naturalista holandês que esteve no Brasil em 1637. Capistrano de Abreu em *Capítulos de História Colonial* apenas menciona o nome do autor ao listar obras sobre o Brasil que foram mais lidas fora do país.

Já na página 134, Paulo Prado cita, e coloca a referência da citação, seu mestre ao escrever sobre a definição do território brasileiro baseado nas fronteiras naturais dos rios Amazonas e da Prata. A citação foi retirada do artigo “Sobre uma história do Ceará” publicado na *Revista Brasileira* em 1897.

Aqui nos permitimos outro comentário. Durante a análise dos livros na Biblioteca Mário de Andrade, encontramos a primeira edição de *Retrato do Brasil*, de 1928. Identificamos uma pequena diferença no *Post-scriptum* desta edição com a edição que

³¹⁰ Idem, p.129.

utilizamos, a 10ª edição, revista e ampliada de 2012. Na 10ª edição, especificamente na página 137, consta ao final de um extenso parágrafo a seguinte frase: “Ainda é o colonato português.”.

Tivemos acesso tanto à quarta edição feita por seu filho Paulo Caio em 1944 quanto à sexta edição de 1972 realizada por Geraldo Ferraz. Em ambas, também não foi possível observar a frase que aqui destacamos. Somente na oitava edição da obra, publicada em 1997, pela primeira vez pela Companhia das Letras, com a organização de Carlos Augusto Calil, que a frase aparece e permanece pelas edições seguintes. Se Calil teve acesso aos manuscritos e verificou a presença de uma frase que não havia sido publicada, deveria ter colocado uma nota explicativa ao leitor. Ficamos com o mistério.

Na página 138, Paulo Prado escreve sobre a Justiça no país e para tal cita o padre Vieira, que ao escrever sobre o tema, diz que sem ela “não há reino, nem província, nem cidade, nem ainda companhia de ladrões, que possa conservar-se.”³¹¹. Carlos Augusto Calil em uma nota do organizador observa que Capistrano também realizou tal citação no texto “Livros e letras”, publicado na *Gazeta de Notícias* em 1880.

Conforme Paulo Prado avança no *post-scriptum* suas referências históricas e ao mestre Capistrano de Abreu se tornam escassas. O *post-scriptum* vai se pretendendo cada vez menos a um documento de análise histórica e cada vez mais a uma manifestação de um inconformismo pessoal. Na obra *Um banquete no trópico*, Marco Aurélio Nogueira, ao analisar a obra de Paulo Prado, faz interessantes comentários acerca do *post-scriptum*. Para ele, Prado adotou em seu livro uma postura categórica em relação ao passado e futuro do país. Escreve Nogueira:

Mais do que de um diagnóstico, tratava-se de um veredito pesado, amargo, categórico, que tolhia ao escritor qualquer chance de ser flexível, de se perguntar, por exemplo, se essa ‘atmosfera especial’ não teria se alterado mais tarde, adquirindo outros traços, atenuando sua virulência. O Retrato enveredava assim por uma trilha perigosa, na qual o Brasil surgia indissolivelmente atado ao passado colonial, sem dele conseguir se distanciar.³¹²

Ao taxar a obra como um veredito, Nogueira nos sugere que Prado muito mais julgava do que compreendia os fatos históricos, indo contra a fórmula, proposta por Marc Bloch em seu livro *Apologia da História ou O ofício de Historiador*, para a conduta do historiador.

³¹¹ Idem, p.138.

³¹² NOGUEIRA, Marco Aurélio. Paulo Prado: Retrato do Brasil. In: *Um Banquete no Trópico*. Org. MOTA, Lourenço Dantas. 4ª edição. São Paulo. Editora Senac. 2004. Vol.1. p.205.

Mais adiante Nogueira identifica bem a função programática que o *Post-scriptum* tem para a obra. Podemos pensar que muito estranho para a época seria um livro sobre a “formação nacional” sem algum tipo de programa. Concordando com isso, Nogueira escreve:

Agregará ao Retrato um ‘Post Scriptum’ que manterá, com o restante do livro, uma relação de certa tensão e dissonância. São páginas que parecem querer deixar estampado, aos olhos dos leitores, que ali, naquele livro de história da formação nacional, havia um compromisso político com o presente e com o futuro.³¹³

Ao chegarmos aqui, cabe-nos agora apontar alguns assuntos específicos que surgiram durante a escritura dessa dissertação.

³¹³ Idem, p.209.

Apontamentos finais

A ideia de terminar esse trabalho com apontamentos finais ao invés de uma conclusão reside no fato de nossa pesquisa e análise ter por objetivo a abertura de novos caminhos e possibilidades, por meio de novos elementos, às futuras pesquisas acerca da obra e vida de Paulo da Silva Prado. As considerações que aqui chegamos e que de forma alguma pretenderam ou esgotaram diversos assuntos aqui abordados serão colocadas dentro de alguns tópicos relevantes trabalhados nessa dissertação.

É importante recuperar que aqui chegamos com a defesa da ideia de que a produção literária de Paulo Prado foi dependente das construções intelectuais de Capistrano de Abreu. Como vimos, grande parte dos conceitos, citações, referências, análises, dentre outros elementos presentes na construção de seu texto tem origem, traços e reminiscências na obra de Capistrano, entendendo aqui sua correspondência como uma das fontes. Dessa forma, pensamos que a obra de Paulo Prado, da forma como se estruturou e com as temáticas que abordou, talvez existisse de outra forma sem a relação com o historiador. Teria sido quem sabe como as crônicas publicadas no jornal *Correio Paulistano*³¹⁴ de seu suposto pseudônimo, Fernão Vieira.

Diante dessa dúvida sem resposta, cabe a nós reconhecer que fizemos o possível por meio da análise pormenorizada de todo tipo de relação que encontramos. Com isso, nos resta nesses apontamentos finais recuperar alguns temas abordados pela bibliografia já existente sobre nosso autor e com eles cotejar as descobertas aqui obtidas.

A versão prática e o ofício de historiador

A análise das cartas empreendida no segundo capítulo e a análise do *Retrato do Brasil* no terceiro capítulo nos permite pensar que Paulo Prado, no limite, fez uma versão prática da obra de Capistrano de Abreu, reunindo argumentos e colocações do historiador cearense com o objetivo de fundamentar o posicionamento que pretendia propor em seu livro. Em termos literários, o mérito que podemos atribuir a Prado e que, de certa forma, responde pelo sucesso do livro, é o estilo e a forma utilizada pelo autor para confeccionar sua obra. Acerca disso, escreve Alexandre Eulálio, em sua obra *Livro Involuntário*, que:

³¹⁴ As crônicas foram publicadas de 1907 a 1909, conforme já apresentado no primeiro capítulo.

Paulo Prado ocupa dentro da história intelectual brasileira posição singular. Nela comparece como o autor quase veleitário de um ensaio híbrido, altamente questionável no seu casuísmo e que a todo momento desliza o eixo da análise em idas e vindas arbitrárias. Apesar da prosa tersa e da inegável agilidade que enforma esse texto, Paulo Prado continua a responder por um livro muito datado.³¹⁵

Eulálio vai adiante em sua análise e reconhece a relação de dependência que a obra de nosso autor explicita em relação aos escritos de Capistrano de Abreu. Vejamos:

O ensaio que escrevera Paulo Prado, sem abdicar de sua marcante subjetividade, beneficiava-se da experiência concreta dos documentos e da continuada prática da análise histórica, que a fraterna amizade do autor com Capistrano de Abreu havia facultado. Os Capítulos de História Colonial do grande historiador cearense permanecerão sempre o modelo para o qual se voltam os estudos que Prado reúne, quase vinte anos mais tarde, em Paulística.³¹⁶

Um artigo publicado no jornal *Correio da manhã* em 13 de dezembro de 1928, período logo após o lançamento do livro de Prado, traz uma análise que coaduna com a nossa hipótese. Nele, Humberto de Campos ao concluir seu texto, diz que a influência de Capistrano de Abreu é patente e que no limite *Retrato do Brasil* é o livro que Capistrano não escreveu. Vejamos a passagem:

O sr. Paulo Prado ofereceu, sem duvida, ao paiz, um dos mais bellos livros dos últimos tempos. A documentação é segura, opportuna, e abundante. O estylo é discreto, límpido, e másculo, como o assumpto requeria. As conclusões, apenas, é que são amargas demais. Nota-se, nellas, a influencia de Capistrano de Abreu. Capistrano foi o Nazareno da Historia da nossa formação. Como o Filho de Deus, elle, que era portador da mais alta sabedoria, pouco mais fez do que escrever na areia, para apagar depois. Como Jesus, porém, elle possuía os seus discípulos, e está tendo, agora, os seus evangelistas, divulgadores da sua palavra. Capistrano de Abreu era, todavia, um misanthropo. A sua visão era turbada pelo mais espesso pessimismo. E, é esse senhor Paulo Prado, que é, no caso, o João de Pathmos desse novo evangelho. 'Retrato do Brasil' é, em summa, o livro que Capistrano não escreveu.³¹⁷

Entendemos que a comparação feita por Campos não considera diferenças que foram apontadas aqui neste trabalho. Dessa forma, embora possamos reconhecer que Paulo Prado tenha se utilizado de documentos e métodos históricos, não acreditamos ser ele um historiador como Capistrano de Abreu. E muito menos acreditamos que Capistrano faria uma obra nos mesmos moldes escolhidos por nosso autor. Acerca disso, concordamos com a visão de Ronaldo Vainfas que defende ser Prado um amante da história, apesar de não ser historiador. Vejamos o que Vainfas diz:

³¹⁵ Op. Cit. Eulalio, 1993, p.73.

³¹⁶ Idem, p.74.

³¹⁷ Publicado no jornal *Correio da manhã* em 13 de dezembro de 1928.

Paulo Prado escreveu ou tentou escrever um livro de história, não sendo historiador, mas amante dela. Queria mesmo era descortinar o futuro e o Retrato talvez fosse o instrumento cirúrgico, o artifício de que se valeu. Nosso autor tinha plena consciência disso, de suas ambições e limitações, e não à toa disse: ‘Confesso a minha fraqueza pelas coisas do passado...Se eu tivesse, porém, o gênio e a arte do padre Antônio Vieira, em vez da história do passado, escreveria a História do futuro...’.³¹⁸

A ideia de história do futuro citada por Paulo Prado na passagem acima contribui para a nossa tese de que nosso autor se utiliza da história como ferramenta para prever o futuro, o que para os historiadores é incorrer no anacronismo. Vainfas chama a atenção também para o caráter prático da obra ao dizer que Prado ‘queria mesmo descortinar o futuro’. Mário de Andrade em crônica publicada no jornal *Diário Nacional* de 26 de março de 1929, e posteriormente na obra *O turista aprendiz*, interpretou o ensaio de Paulo Prado como escrito por alguém que possuía uma ‘inteligência prática’. Aqui vale a observação do trecho do texto:

Automóvel (3 de fevereiro)

Serão 13 horas talvez, não sei... Ando já meio perdendo a noção de horário nesta vida viajeira. Até a noção dos nomes topográficos. Me esqueço de perguntar por onde passo, ando misturando tanto as coisas que deixei de ser um indivíduo compreensivo pra me tornar essencialmente, unicamente mesmo, sensitivo. Essa história de raciocinar durante a sensação dá no caso daquele que não quero nomear mas tomando outro dia whisky, com água de coco, bebidinha santa! – me falou: – O Paulo Prado não tem razão não! Então o Brasil não há-de ser grande com uma bebida destas!...

É uma burrada esplêndida. Tenho aliás achado muita graça na reação patrioteira que o livro de Paulo Prado causou. O Retrato do Brasil está sendo lido e relido por todos. E comentado. Comentado pra atacar. Inda não topei com ninguém que concordasse com o livro. Isso me diverte porque toda a gente ataca a letra desse trabalho tão sutil e acaba concordando, com o espírito dele. Acham que o livro é ruim, o Brasil não é aquilo só, a sensualidade não entristece ninguém, o brasileiro não é triste mas com palavras diferentes o que todos acham mesmo é que “o Brasil vai mal”. Ora, no fundo o espírito do Retrato do Brasil é isso mesmo. Paulo Prado é uma inteligência fazendeira prática. Fazendeiro sai na porta da casa, olha o céu, pensa: vai chover. Chama o administrador e fala:

– Vai chover. Ponha os oleados no café.

Pouco importa que o céu esteja puro, fazendeiro sentiu que ia chover. Pouco importa que chova ou não (e no geral chove mesmo) o importante é que se chover o café esteja coberto.

Foi o que Paulo Prado fez. A moral do Retrato do Brasil é bem e unicamente essa:

– Vai chover.

Sucedeu porém que se tratava de escrever um livro, tinha que haver considerações. Paulo Prado fez as considerações. São considerações de fazendeiro. É melhor a gente afirmar, apesar de todos os desenganos que

³¹⁸ VAINFAS, R. “Texto Introdutório”. In: SANTIAGO, S. (Org.). *Intérpretes do Brasil*, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p.21.

Santo Amaro é o chovedouro de São Paulo do que ler nos jornais as profecias e conselhos do Observatório. Está cinzando pro lado de Santo Amaro: saio de capa.

Franqueza: está ridícula a reação contra o Retrato do Brasil. Toda a gente vai reagindo contra a credence prática dos chovedouros populares, reconhece que vai chover mas sai sem capa por causa das teorias. E inda acham que Paulo Prado é que tem tese!... Têm tese são esses! Ao passo que pra Paulo Prado que conheço, pratico e com quem comentei o Retrato do Brasil, pouco importa que chova, que não. O importante era sentir, afirmar e prevenir: “Vai chover”. (...) ³¹⁹

Em nossa opinião essa praticidade de que fala Mário de Andrade afasta Paulo Prado da ideia de um historiador de ofício que procura a compreensão dos fatos históricos e não a utilização deles de uma forma positiva, ou seja, para julgar uma situação específica, criando explicitamente propostas com fins políticos.

Paulo mecenas, Capistrano editor

A análise das cartas que empreendemos no segundo capítulo desvelou um lado pouco observado da vida de Paulo Prado. Como já defendemos anteriormente, a relação entre Capistrano de Abreu e Paulo Prado pode ser vista como uma relação mutualística. Se Capistrano contribuía com conhecimento e orientações acadêmicas para Prado, nosso autor contribuía com prestígio dentro da sociedade e divisas para os projetos editoriais do historiador cearense.

Como observamos, o grande empreendimento editorial dos dois foi a criação da série “Eduardo Prado: para melhor se conhecer o Brasil.”. Entretanto, podemos acompanhar na análise, diversos outros auxílios de Paulo Prado, tanto para publicação de outros discípulos de Capistrano, quanto para contatos do historiador, como foi o caso da publicação que observamos da obra de Karl Von den Steinen, e para o financiamento de cópias de manuscritos presentes na Biblioteca Nacional e na Torre do Tombo em Portugal.

O financiamento de publicações continuou mesmo após a morte do historiador cearense, dessa vez por meio da Sociedade Capistrano de Abreu, que tinha como um de seus objetivos a publicação de seus escritos e outras obras.

Plínio Barreto, em sua resenha acerca da obra *Diários da Navegação de Pero Lopes de Souza*, organizada por Eugênio de Castro e publicada em 1927 pela série Eduardo Prado,

³¹⁹ ANDRADE, Mário. *O Turista Aprendiz*. Brasília. IPHAN. 2015 p.352.

destaca no final do texto a importância de Paulo Prado enquanto mecenas no ramo editorial. Vejamos a passagem:

Se o trabalho do sr. Eugenio de Castro, commentando o “Diario” de Pero Lopes, merece francos louvores, louvores francos merece também a generosa e patriótica deliberação que tomou o sr. Paulo Prado de edita-lo sem olhar a despesa. Ambos, o commentador e o editor, bem serviram à sua terra, que é também a nossa.³²⁰

Dessa forma, podemos adicionar à imagem de mecenas do movimento modernista, a de mecenas da edição de documentos históricos. Uma pesquisa mais aprofundada que nos ajuda a observar a relação de Paulo Prado e Capistrano de Abreu no âmbito da edição de obras é a dissertação *História erudita e popular: edição de documentos históricos na obra de Capistrano de Abreu*³²¹ escrita por Pedro Afonso Cristóvão dos Santos.

Paulo ideólogo de classe

Um terceiro ponto que propomos aqui de discussão é levantado principalmente na dissertação de mestrado, já citada nesse trabalho, escrita por Carolina Brandão Piva. A autora, em sua introdução, descarta Paulo Prado como um historiador e propõe nosso autor como um intelectual orgânico. Piva observa na obra de Paulo Prado um possível projeto de redefinição da sociedade brasileira que consistiria em quatro pontos:

(1) pela transferência do centro intelectual e artístico-cultural da capital da República para os ares provincianos – mas já moderníssimos – de São Paulo; (2) pela fundação, a partir daí, da verdadeira arte e cultura brasileiras, no bojo da missão bandeirante – “telúrica”, acrescentaria o nosso autor – que atualizaria os elementos da identidade nacional; (3) pelo rearranjo da política brasileira, privilegiando ainda mais o peso político de São Paulo e a sua preponderância econômica; e (4) mais tarde, pela releitura da história brasileira, que estrategicamente viria balizada pela tristeza e por outros três males inequívocos: a luxúria, a cobiça e o romantismo – no fim das contas, para um passado de vícios, a “terapêutica” só poderia ser o estabelecimento de novos rumos a partir do presente.³²²

Dessa forma, nosso autor pretendia, segundo Piva, na condição de intelectual orgânico da burguesia cafeeira:

(1) criar/perpetuar/repôr o prestígio de sua classe na conjuntura brasileira da Primeira República e (2), nessas condições, esforçar-se por fazer vitorioso o projeto de nação necessário a esta mesma classe de origem – projeto de

³²⁰ Publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 3 de setembro de 1927.

³²¹ SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos. *História erudita e popular: edição de documentos históricos na obra de Capistrano de Abreu*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais. Universidade de São Paulo. 2009.

³²² Op. Cit. Piva, 2009, p.136.

reposição da dominação social dos burgueses do café numa perspectiva hegemônica.³²³

Carlos Ornelas Berriel de forma muito próxima a ideia de Paulo Prado como um intelectual da classe burguesa, chega a observar em toda a obra de Prado, com destaque ao prefácio a segunda edição de *Paulística*, a presença do fomento de uma ideia separatista. Berriel para se justificar cita na página 270 de seu livro a seguinte passagem do prefácio de Prado:

Nessas reivindicações separatistas há uma questão econômica – inelutável no critério materialista da história – e há uma outra, sentimental. São forças agindo em sentido oposto, e é com o equilíbrio assim mantido que se tem conservado a milagrosa unidade política, fraca, tênue, periclitante, mas resistindo a todos os ataques.³²⁴

A crítica que aqui trazemos reside no fato de que ainda que concordemos com a ideia de Paulo Prado como um intelectual orgânico, não observamos a evidência de uma atuação com o objetivo da manutenção da hegemonia burguesa. Primeiro, porque a atuação política do nosso autor, como já discutimos aqui, é carente de informações que nos permita melhor moldá-la. O segundo ponto consiste no fato de que a burguesia no final da década de 1920 estava claramente fraturada. Disso a evidência mais clara é a criação do Partido Democrático, em oposição ao Partido Republicano Paulista. Sendo assim, caberia, inicialmente, situar Paulo Prado de maneira que fosse possível determinar que burguesia era essa que Prado pretendia, com um programa de ação, manter hegemônica. E em que medida essa programática toda descrita principalmente por Piva está presente nos escritos de Paulo Prado.

Dessa forma, defendemos que pensar a obra de Paulo Prado como uma atuação programada para a defesa de um *status quo* específico nos parece um pouco exagerado. Como tentamos apresentar durante o trabalho, a atuação de nosso autor parece mais responder a uma ânsia pessoal de fazer valer sua opinião nos debates da época, do que uma atuação orquestrada com objetivos políticos mais profundos.

³²³ Idem, p.182.

³²⁴ Op. Cit. Prado, 2004, p.51.

Referências Bibliográficas

Obras de Paulo da Silva Prado

PRADO, Paulo. Paulística etc. Carlos Augusto Calil (org.). 4ª edição. Companhia das Letras. 2004.

_____. Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. Carlos Augusto Calil (org.). 10ª edição. Companhia das Letras. 2012.

Bibliografia Geral

ABREU, Capistrano de. Capítulos de História Colonial 1500-1800. Brasília. Conselho Editorial do Senado Federal. 1998.

_____. O Descobrimento do Brasil. Biblioteca Básica Brasileira. Edição digital. 2014.

ACOSTA, Cecilio. Antologia del pensamiento del Cecilio Acosta. Venezuela. Editorial Avila Grafica S.A. 1952. Versão digitalizada.

AGUIAR, Isabel Cristina Domingues. Paulo Prado e a Semana de Arte Moderna: ensaios e correspondências. Tese de doutoramento. UNESP. Assis. 2014.

ALONSO, Angela. Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de História intelectual. Tradução de Norberto Guarinello. Tempo social, revista de sociologia da USP, v.19, n.1. p.9-17

ANDRADE, Mário de. Macunaíma. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2013.

_____. “O Movimento Modernista”. In: Aspectos da Literatura Brasileira. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1974, p. 231-55.

_____. O Turista Aprendiz. Brasília. IPHAN. 2015.

ANDRADE, Oswald de. Obras Completas, v. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

BERRIEL, Carlos. Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado. Editora Unicamp. 2013.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício de Historiador*. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2002.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. 2ª reimpressão. Editora Unesp. 1997.

CANABRAVA, Alice. *A Grande Lavoura*. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II. Volume 4. 2ª edição. Editora DIFEL. 1974.

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Editora TAQ. 2ª edição. 1981.

CARVALHO, José Murilo de. *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, pp.123-152.

CENDRARS, Blaise. *L'or: la Merveilleuse Histoire du Général Johann August Sutter*. Paris: Grasset, 1925.

DIAS, Gonçalves. *Obras postumas de A. Gonçalves Dias : precedidas de uma noticia da sua vida e obras pelo dr. Antonio Henriques Leal*. Vol.3. Editor: Bellarmino de Mattos. 1868. Versão digitalizada.

DINIZ, Claudio Lúcio de Carvalho. *Tristeza Tupiniquim: a melancolia brasileira no retrato do Brasil de Paulo Prado*. Sem dados.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O não ser e o ser outro. Paulo Prado e seu Retrato do Brasil*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol.14, nº26, 2000. p.233-252.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. 2ª edição. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2005.

EULALIO, Alexandre.; CALIL Carlos A. (Orgs.). *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. *Paulo Prado: Retrato do Brasil*. In: *Livro Involuntário: literatura, história, matéria e memória*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

FRIEIRO, Eduardo. *O Brasileiro Não é Triste*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira Sob o Regime da Economia Patriarcal*. 48 ed. São Paulo: Global, 2003.

FUHRMANN, Sonia Maria da Silva. Dos “Essais de Michel de Montaigne”: tradução e reformulação. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo. 2011.

GADAMER, Hans-Georg. Sobre o círculo da compreensão (1959). In: Verdade e método II. Editora Vozes. Petrópolis. 2002.

GAIO, Henrique Pinheiro Costa. A voz do sangue: o diálogo de Paulo Prado e Blaise Cendrars em torno de Retrato do Brasil. Revista Ars Histórica. Nº12. Jan/jun 2016. p. 123-139.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 4ª edição. Editora Civilização Brasileira. 1982.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. Companhia das Letras. 2006.

GOMES, Angela de Castro. História e Historiadores. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In. Escrita de si, escrita da história. Org. Angela de Castro Gomes. Editora FGV. 1ª edição. 2004.

GUASTINI, Mário. A Hora Futurista que Passou. São Paulo: Mayença, 1926.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raizes do Brasil. 26ª edição. Companhia das Letras. 2011.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. SILVA, Ítala Byanca Moraes da. BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. A trajetória de um acervo: explanação sobre a organização dos Fundos Capistrano de Abreu e Sociedade Capistrano de Abreu. In. Revista do Instituto do Ceará. 2006. p.115-127.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Editora Contraponto. 2015.

LACAPRA, Dominick. Rethinking intellectual history: texts, contexts, languages. Cornell University Press. 1983.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: Moderno, modernista, modernização. In. A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. 1ª reimpressão. Editora Unesp.

LEVI, Darrell Erville. A família Prado. São Paulo. Editora Cultura 70. 1977.

LORENZO, Helena Carvalho. COSTA, Wilma Peres da. Org. A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. 1ª reimpressão. Editora Unesp. 1997.

LUCA, Tania Regina de. A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação. 1ª reimpressão. Editora UNESP. 1998.

MACHADO NETO, Antonio Luis. Estrutura social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira 1870-1930). São Paulo. Editora Grijalbo. 1973.

MARTINS, Wilson. A Literatura Brasileira: o Modernismo (1916-1945). 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1965.

MELLO, João Manuel Cardoso de. O capitalismo tardio. Editora Unesp. 11ª edição. 2009.

MENDONÇA, Heitor F. Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça. Confissões da Bahia (1591-92). São Paulo: Paulo Prado, 1922.

MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45). In: Intelectuais à Brasileira. Companhia das Letras. 3ª reimpressão. 2015.

MILLIET, Sérgio. Roteiro do Café e outros ensaios. 3ª edição. Coleção Departamento de Cultura. Volume XXV. São Paulo. 1941.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Paulo Prado: Retrato do Brasil. In: Um Banquete no Trópico. Org. MOTA, Lourenço Dantas. Vol. 1. 4ª edição. São Paulo. Editora Senac. 2004.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. A Questão Nacional na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PERISSINOTTO, Renato Monseff. Estado e capital cafeeiro em São Paulo (1889-1930). Tomo I e II. Editora Annablume. 2000.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. Editora Contexto. 2005.

PIVA, Carolina Brandão. Paulo Prado: cafeicultura, modernismo e política. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. 2009.

PRADO, Maria Lígia Coelho. A democracia ilustrada (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934). São Paulo. Editora Ática. 1986.

RODRIGUES, José Honório. Correspondência de Capistrano de Abreu. Ministério da educação e cultura. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro. 1954.

SAMARA, Eni de Mesquita. A família Brasileira. 1ª edição. Editora Brasiliense. 2006.

SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos. História erudita e popular: edição de documentos históricos na obra de Capistrano de Abreu. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais. Universidade de São Paulo. 2009.

SCLIAR, Moacyr. Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil. 1ª edição. Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. Companhia das Letras. 5ª reimpressão. 2014.

SILVEIRA, Marco Antonio. Nativismo por adoção: letras e percurso do doutor Marcelino Pereira Cleto (1778-1794). In. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Ano 172, n.452, jul./set. 2011, p.115-176.

SKINNER, Quentin. Visões da política: sobre os métodos históricos. DIFEL. 2005.

SOUZA, Angelita Matos. Estado e dependência no Brasil 1889-1930. Editora Annablume. 2001.

VAINFAS, R. “Texto Introdutório”. In: SANTIAGO, S. (Org.). Intérpretes do Brasil, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 3-23.

WALDMAN, Thaís Chang. Moderno Bandeirante: Paulo Prado entre espaços e tradições. São Paulo. Editora Alameda. 2014.

WASSERMAN, Claudia. História Intelectual: origem e abordagens. Revista Tempos Históricos. Vol. 19. p. 63-79.

Apêndice

O motivo pelo qual optamos por não alterar nada no texto reside no fato das cartas serem inéditas e não serem de fácil acesso ao público. Com isso escolhemos uma estratégia que não desse margem a nenhuma falsa interpretação de seus conteúdos quando do momento de uma possível atualização tanto da grafia quanto da gramática. Acerca desse assunto, Carlos Bacellar, em seu artigo “Uso e mau uso dos arquivos”, nos diz sobre os cuidados na transcrição dos documentos, corroborando assim para um texto sem tentativas de modernização. Escreve Bacellar que “A manutenção da grafia original, transcrita para caracteres modernos, é sempre mais interessante do que as tentativas de modernização. Esta sempre traz embutido o risco de má interpretação, alterando-se o sentido original do texto.”³²⁵.

Cartas de Paulo Prado para Capistrano de Abreu

Essas cartas foram obtidas junto ao Instituto do Ceará onde se encontra o acervo do historiador cearense. Todas essas cartas são inéditas e constituem material de grande interesse dada a relação de Paulo Prado com Capistrano. A organização das cartas segue a ordem cronológica desvelada por nós quando da análise das cartas com exceção das duas últimas cartas, que não foi possível determinar nenhum tipo de data.

PPCA-1

“6 de fevereiro

Mestre e amigo.

Ando com saudades de suas cartas...

Fizemos em família, a inauguração da casa de São Martinho, você não perdeu muito em não vir: tempo chuvoso, poucos companheiros e viagem apressada.

Disse-me o Samuel que você queixava-se de eu nada dizer sobre a collecção do Pais. É porque ando sempre projectando novas viagens [nessa parte acaba a página um pouco danificada; segue o conteúdo da página seguinte] viagem ao Rio e que não sei quando será.

³²⁵ BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. Editora Contexto. 2005. p.59.

Será possível você me mandar uma lista das obras de arte e mesmo uma copia do catálogo? Si não houver ahi comprador para o lote todo, eu serei com certeza um dos maiores pretendentes aos livros e aos quadros.

Já li o Gabriel Soares, o Fernão Cardim, o Antonil. Reli com cuidado o Frei Vicente, e os [ilegível] de História Colonial. Acompanho essas leituras com as Ephemerides de Rio Branco, e continuo a reler os principaes artigos da Revista do Instituto daqui. Li também o Brazil Colonial, de Oliveira Martins, que tem umas observações boas, e reli a Expansão Geographica, do Bazilio de Magalhaes. Isto tudo faz um anzia, que vou digerindo aos poucos. Até agora alem da Historia desta terra paulista, ando com a attenção mais attrahida para os primeiros do descobrimento, e com a invasão hollandeza.

Que devo agora ler? Aqui não há livros, e nem quem converse de livros. Dê-me alguns conselhos.

Já acabei o 2º volume do Morley e o remeterei pelo primeiro portador.

Até breve,

Saudades do amigo velho

Paulo Prado.”

PPCA-2

“terça-feira

Capistrano amigo.

Acabo de receber a sua carta. Mandarei o livro que me pede, e que eu também desejava lêr. Cheguei quinta-feira passada do Rio, depois de quatro dias esfalfantes de Carnaval. Está me parecendo que o Carnaval do Rio está se transformando, se [ilegível, morbizando?] lamentavelmente; acabam transformando-o em Carnaval de Nice. Imagine você que vi um cordão dos mais puros pretos de Favella ou do morro do Cristo, cantam em plena Avenida – a marcha dos peregrinos de Thanhausen [sic], de Wagner! E assim irá morrendo a mais bella festa popular que há actualmente pelo mundo. Os snobes e os mulatos pernósticos, que já inventaram o chic de se fugir do Carnaval ficarão então satisfeitíssimos, e persuadidos que são hyper-civilizados. Doux pays!

Estive há dias com Washington, que mostrava-me um documento interessante: um diário de um dos companheiros do Anhanguera, relatando a viagem da bandeira desde a sua partida de S. Paulo. Não pude ler o documento mas parece-me interessantíssimo. Vi logo no principio que havia uma matta virgem de Jundiahy a Campinas, e [ilegível] da qual passou a bandeira.

Até breve.

Abraço saudoso do seu

Paulo.”

PPCA-3

“5 de junho

Mestre e amigo.

Recebi hoje o livro, as revistas e o cartão: also sprach Zaraltrusta...

Da Nation vou tirar algumas indicações para mandar vir alguns livros dos Est. Unidos. Si tiver alguma preferencia mande-me dizer. Creio que amanha vou remeter o [ilegível]: o livro é delicioso, cheio de causos.

Pode v. mandar-me, por alguns dias, o exemplar do Padre Pastells? Estou agora lendo conscienciosamente as Actas da Camara de S. Paulo. Já encontrei muita cousa que vae me servir para o meu trabalhinho sobre o Caminho do Mar, que já vae tomando forma apresentável. Mas a these, levada às ultimas consequências, vae talvez escandalosa. E terei de engolir à força mais um chateaubriand, o que me vale são as batatas, de que gosto.

Yours,

P.”

PPCA-4

“sexta-feira [13 de outubro]

Mestre e amigo.

Ahi vae o artigo do Amadeu Amaral. Como você verá, o homem não teve faro para descobrir a caça escondida. Vou responder com facilidade que nunca disse que o character do padre era tortuoso, mas sim a sua política. Os exemplos não me faltarão para provar isso, sobretudo nas negociações hollandezas. O [ilegível] a respeito é completo. Quanto ao estylo theatral é também fácil responder. Não que a resposta ficará boa e não muito [ilegível], o que não convem ao gênero. Recado do seu

P.”

PPCA-5

“[Papel timbrado do Automóvel Clube de São Paulo.]

Domingo [22 de outubro]

Mestre e amigo.

Estou sem notícias suas. Recebeu meu artigo sobre Vieira? Amadeu Amaral se responde hoje, longo artigo que nada accrecenta de interessante. Acaba quasi concordando comigo!

O meu segundo artigo está quasi prompto nas suas linhas geraes. Vou mandal-o para [ilegível], para receber as suas observações. Vou apanhar para cada de [ilegível, ilegível], mas creio que não poderão [ilegível] os factos. Quanto às apreciações, temos a liberdade de pensar sem cuidar [ilegível, ilegível].

Recebi o exemplar de Claude d'Abbeville. Está bom, mas há erros no prefácio, fáceis de corrigir.

Yours truly,

P.”

PPCA-6

“Sexta-feira

Mestre.

Ahi vae o primeiro rascunho de meu segundo artigo. Deu-me algum trabalho mas não me satisfaz. Peço a sua opinião e as suas observações: conforme forem adiarei a publicação, para depois de minha viagem à [ilegível]. O assumpto é vasto demais, e no resumo há talvez certa falta de perspectiva e harmonia que me escapa neste momento em que [ilegível] ainda dentro de meu assumpto. Você dirá o que devo fazer.

Incluo um envelope já prompto para a devolução que espero seja rápida.

Irei tomar o meu vapor no Rio para estarmos juntos uns dois ou trez dias; partirei depois, si Deus quizer, a 16 de novembro, já em outro [ilegível]. Mas as causas parecem que não andam boas...

O Martins fala-me num decreto de José Bonifácio, de janeiro de 1822, mandando isentas de direitos nas Alfandegas, armas e munições, assim como dispersando as [ilegível] das [ilegível] em Lisboa. Apesar de pacientes pesquisas não encontro isso em nenhuma collecção de leis.

Yours truly,

P.”

PPCA-7

“Finados [2 de novembro]

Mestre e amigo.

Desejo que o seu incommodo tenha sido passageiro. Não se [ilegível] com as observações ao meu projecto de artigo, não há pressa. Já resolvi duas cousas importantes: não publico o artigo, como o esbocei – e não parto mais para a Europa a 19 de novembro. Adiei a minha viagem porque meu pae anda um pouco nervoso, e não tenho eu nada a fazer do outro lado da lagoa, prefiro não deixa-lo só. Nos meus planos fica a viagem para janeiro.

Quanto ao artigo, parece-me que a primeira parte pouco interesse terá para o publico de jornal; é um resumo mal feito e desconexo, e antes um complemento do ‘Caminho do Mar’. Reunindo este, e a primeira parte da Grandeza e decadência, talvez – com maior desenvolvimento – chegue eu a ter elementos para um pequeno livro, [ilegível], trabalhado, e harmônico. Da segunda parte, com novos elementos, é possível que para sahir um soffrivel

artigo de jornal, já com ares de polemica, que será inevitável. Servirá de passatempo para este verão que se anuncia chuvoso. Tenho relido com maior atenção os cadernos de copias. Há muita cousa interessante, e que (ou) poderia ter aproveitado com vantagem no Caminho do Mar. Estou convencido que anda a progredir na Historia do Brasil: o [ilegível] é ter eu grande desprezo pela parte que fiz. Não vale nada, mas vale muito ter eu a consciência disso. Deus nos livre da sufficiencia e da falsa sciencia!

Salvo qualquer contratempo pretendo partir para o Rio a 16 de novembro, ainda a tempo para ver os destroços da destruição do Tio Pita. Que prebenda para o Sá...o grupo paulista que vae para o governo é um [ilegível] muito conhecido aqui, que explora tudo que é negocio lucrativo e suspeito. Um delles já respondeo a juiz por desvio de dinheiro alheio...

Boa saúde e saudades do

P.”

PPCA-8

“Natal de 1922. [25 de dezembro]

Mestre e amigo.

Merry Christmas!

Sigo hoje para o Guarujá onde vou passar dois dias. O seu artigo está optimo para o numero da Revista, que deve sahir a 15 de janeiro. Agradeço desde já a magnifica contribuição do Said Ali. Cada numero conterà uma chronica scientifica, de Arthur Neiva, uma litteraria que espero fará o Ronald, e uma artística que confiei ao Mario de Andrade, um dos talentos da novíssima geração paulista. Creio que a Revista ficará interessante. A minha idea é aproximar o mais possível do typo de revista ingleza, verdadeiro meio termo entre o livro e o jornal, publicando salve o assumpto do dia o artigo do homem em evidencia. Conseguirei isto?

Já terminei a primeira parte do meu artigo. Tenho me divertido muito em escrevê-lo, não tendo a mínima preocupação em publica-lo. Só o farei quando você der o [ilegível]

Já o conselheiro continua a passar melhor, irás ali o Rio em princípios de janeiro.

O escândalo da valorisação é ridículo. O célebre prospecto que o Correio da manhan publicou como grande novidade já tinha sido traduzido aqui pelo Estado, quando houve o lançamento

do empréstimo em Londres, e enviado por mim, que o tirei do Times. Quanto ao mais não há também novidade nenhuma a não ser o [ilegível] lâchage dos amigos do Epitácio. O Ellis passou todo o governo do Tio Pita a endeuzal-o, o Sampaio Vidal era um comensal do Catete, e o Cincinato foi [ilegível, ilegível] dizendo que era um guarda brasileiro. E todos conheciam os factos escandalosos da administração epitacista. O escândalo da valorização consiste em ser a B. Warrant, [ilegível], vendedura e fiscal do governo, tudo ao mesmo tempo. Nunca houve maior tentação neste mundo para a gente se apoderar do dinheiro publico. Resistiriam muitos?

Yours sincerely,

P.”

PPCA-9

“8 de janeiro [1923]

Mestre e amigo.

Recebi de volta o estudo sobre Bandeiras. Mando agora o terceiro e ultimo artigo sobre a Decadência. É talvez o [ilegível], e o que me deu mais trabalho. Leia-o e mande-me a sua impressão, e observações. Terminei já a espécie de prefácio que sobre o qual não tenho opinião, parecendo (m) desigual e às vezes litterario demais o que me apavora. Você dirá.

Desculpe essa [ilegível] toda, mas a culpa é sua: foi você que me meteu dans cette gallère. E quero agora liquidar esse trabalho, para pensar em outra cousa, como por exemplo o caso do Pires e Camargos.

Saudoso abraço do seu

P.”

PPCA-10

“20 de março [1923]

Véspera do outounno.

Mestre e amigo.

Ahi vae a minha contribuição para o livro de v. den steinen, que recebi.

É possível arranjar aqui mais, será pouco, preciso que você se resolva a escrever umas 20 linhas expondo o caso, para sollicitar assignatura. Não conto para isso com brasileiros, mas talvez com a collonia allemã. Tentarei com prazer. Nada mais para hoje!

Saudades do seu P.

Zé Pinto ahi chega pelo Andes.”

PPCA-11

“20 de março [1923]

Mestre e amigo.

A falta de noticias suas está me inquietando. Que alguma há? Algumas indisposições?

Mandei-lhe um tempo o numero de fevereiro da Revista. Ainda esta semana talvez saia o numero de Março. Recebi os cadernos e os documentos referentes ao B. de Iguape.

Hontem o Estado publicou o primeiro artigo meu, da serie “A Decadencia de S. Paulo’. Quando tiver terminado a serie, mandarei a você os recortes do jornal.

Mande noticias.

Yours truly

P.”

PPCA-12

“terça-feira – 3 [de abril de 1923]

Mestre e amigo.

Junto os trez artigos que sahiram no Estado. O ultimo só foi publicado no Domingo de Paschua. Como você já sabia, não contém novidade.

Hoje [ilegível, ilegível] o numero da Revista de março. Trata-se agora de arranjar alguma cousa para a próxima. Você não me arranjara alguma cousa?

Até o fim da semana,

Yours truly

P.”

PPCA-13

“24 de fevereiro [1924]

Capistrano amigo,

Infelizmente – mas felizmente – tudo que mando para os jornaes tem o dom especial de irritar a gente daqui. Veja agora a mofina que sahiu no Jornal do Commercio daqui sobre as minhas innocentes Bandeiras. [ilegível] que eu devolvo a accusação da verdadeira [ilegível]... Justamente hoje pela manhan eu lia as documentos de Sevilha publicados nos Annaes da Bibli. daqui. Si elles soubessem o que diziam os jesuítas da nossa gente...

Até quinta-feira,

Yours truly

P.”

PPCA-14

“10 de maio [1926]

Mestre e amigo.

Recebi sua carta de Machado. Escrevo esta para São Lourenço, ainda dentro do seu programma. Recebi o conhecimento dos [ilegível] com as Denunciações. Mande-me logo que puder a lista das pessoas que já receberam o livro, e a quem o devo mandar. Isto é indispensável para evitar o que aconteceu com o Abbeville que está amontoado em minha casa, e que poucos receberam.

A carta de Anchieta fez um barulhão. Foi um reclame de primeira ordem para Terra Roxa. Os rapazes agora que tirem o proveito do caso. Mando-lhe um [ilegível] S.Paulo – Jornal. Nem

isto falta ao sucesso. Publicam-se agora em Londres a correspondência da casa Fugger. Não haverá alguma coisa sobre S. Vicente [ilegível]?

Ahi estarei a 31 ou 1º de junho.

Saudades do seu

P.”

PPCA-15

“S. Paulo véspera da véspera de Natal. [1926]

Mestre e amigo.

Recebi a sua carta. De accordo sobre o Gandavo. De accordo sobre o catecismo. Mando hoje pela [ou pelo] [ilegível] Guimarães os 2 volumes de Wells.

Ahi vae o esboço do seu capítulo da Tristeza. Busco depois de [ilegível, ilegível]. Corra os olhos e mande-me as suas observações. No 3º capitulo estudarei os effeitos das duas [ilegível] no organismo humano. Influencia do meio. Comparação com os povoadores da America ingleza. Descripções do estado racial no Brasil ao começar o século XIX. O Luccock é formidável. O mesmo Southey, sobre o que eram as Minas Geraes. Todas as mulheres eram prostitutas! Como hoje!

Yours,

P.”

PPCA-16

“sexta-feira [1927]

Mestre e amigo

Recebi hoje uma carta sua. O silêncio já me inquietava... O conselheiro vae arribando lentamente. Pretendo ir para ahi em fins de abril.

Estou trabalhando seriamente no Retrato. Refundi a primeira e terceira parte. Agora estou às voltas com o cap. II. Dois mezes de gaveta tem feito grande bem ao que já estava escripto.

Agora, vão ter mais 3 meses de descanso o que conclua. Creio que para o fim do anno, o livro já poderá ter forma humana. Como você vê, estou seguindo o seu conselho e o processo de Simíles?

Há alguma novidade? Ando bestializado pela falta de conversa e troca de ideias. Isto aqui é um sertão.

Do seu,

P.”

PPCA-17

“segunda-feira. [1927]

Mestre e amigo.

Não escrevo há muito tempo pensando que você andava [ilegível,...]. Soube agora pelo Zé Pinto que não sabia do Rio. É o que explica o meu silencio. Que há de novo? Dê-me noticias. E o livro do Commandante? O Cendrars está terminando a tradução das Narrativas Epistolares de Cardim. Antes de remetter para a Suiza [ilegível] para a sua apreciação. Sigo amanhã para S. Martinho, e em seguida irei passar a [ilegível,...] Guarujá.

Abraços saudosos de P.”

PPCA-18

“domingo

Mestre e amigo.

Recebo hoje o artigo, com as sua notas. Si eu fosse mais tolo, e tivesse menos idade, ficaria encantado com a sua crítica, que só se refere a pequenos pormenores. Mas vejo que isso deve ter sido cansaço da sua parte, e não mérito do meu trabalho...

O principal é saber eu que a causa assim não vae. Vou pôr o meu artigo dentro da gaveta, e cuidar talvez de escrever um outro sobre a Civilização paulista. É, mais desenvolvida, a ultima parte do artigo que você conhece. Concorda com isso?

Com mais [ilegível] responderei a algumas das suas observações, o que me servirá de exercício para possíveis polêmicas. Vou mandar vir alguns livros dos Est. Uni.; quer você alguma cousa?

Yours sincerely,

P.”

PPCA-19

“31 avenida Hygienopolis San Paulo.

12 de novembro

Meu caro Capistrano de Abreu

Junto mando-lhe a copia do artigo que você desejava ler.

Quando terei o grande prazer de o ver por aqui?

Ando com fome e sede de conversa sobre cousas de intelligencia. Vivo mergulhado em café, e depois de trez ou quatro mezes disso você não imagina a que ponto de embrutecimento se chega. Pretendo partir de novo para a Europa a 13 de dezembro. Venha antes disso passar uns dois dias comigo. Discutiremos os mais importantes problemas do mundo, e os resolveremos às duas da manhan, entre dois copos de cerveja...

Está dito? Affectuoso aperto de mão do seu

Paulo Prado.”

Cartas de Capistrano de Abreu para Paulo Prado

As cartas enviadas por Capistrano de Abreu a Paulo Prado foram encontradas em posse da família Prado juntamente com outras cartas do historiador cearense que já foram publicadas por José Honório Rodrigues, como já vimos anteriormente. A ordem das cartas segue uma ordem cronológica que foi estabelecida durante o processo de análise.

CAPP-1

“Paulo amigo,

Incluo uma carta de Lucio de Azevedo.

Escrevi-lhe que os livros de ratificação não interessam, a julgar suas amostras; que das [ilegível] visitantes, depois de copiada as peças iniciais que explicam a visita, mandara [ilegível] catálogo minucioso apenas.

A visita de Marcos Teixeira mandei copiar por minha conta.

Agora isto: não tenho certeza de que V. recebeu o volume de cópias entregue no hotel. O segundo, [ilegível] e Pernambuco, vou entregar hoje a encadernação e irá quando houver portador seguro. O fim do Morley lembrou-me Minha formação de Nabuco que ainda não conhecia. Acabei hoje a leitura. Este explica bem seu monarchismo, por obra e graça de São [ilegível], o ultimo capítulo sobre os Estados Unidos merece toda atenção; a parte do abolicionismo é fraca. Eu disse como o [ilegível]: eu compraria antes o [ilegível] que acenda o estopim da bomba e [ilegível] de longe a espera da explosão.

Estava no Brejão quando divulgou-se que iria tratar da questão dos limites entre o Brasil e a Inglaterra. Dando-me a noticia, Eduardo acrescentou: estimo muito, porque elle estava precisando.

[ilegível] o ponto capital e muitas vezes tenho-me perguntado: si este não tivesse perdido a fortuna da mulher, teria mostrado a vida do mesmo modo?

Com Eduardo fui criticado na rua de Olinda e pela primeira e última vez avistei a Senhora e a mãe: Contemplei esta descendente de João Paes, do Cabo de Santo Agostinho, como [ilegível] dar engenhos para os dez filhos.

Com uma de suas filhas, casou D. Luis de Sousa, governador de S. Paulo na segunda década do século XVII, cuja descendência se extinguiu no [ilegível] seguinte.

Em resumo, apesar do seu narcisismo, Nabuco foi [ilegível] de valor quando nomeado embaixador nos Estados Unidos. A. de Siqueira, que V. deve ter conhecido aqui ou além-mar, disse: é branco, bonito, inteligente, instruído, ninguém mais próprio para dar uma ideia falsa do paiz; a nomeação não podia ser melhor.

Hoje Calógeras deve dizer o dia da partida para Caxambu. Si ainda não demorar, partirei 4^a F^a de Cinzas sem elle.

No Jornal do Commercio da 2^a feira 8 vêm um discurso meio apaixonado de At. de Paiva. Leia-o, que é interessante. Não consegui que a Academia comprasse a bibliotheca do Paz.

Bien à vous,

C.

Rio, anno da morte de Jeronymo Alb. Maranhão [1920]”

CAPP-2

“Paulo amigo,

Na Rev. do Inst. 36º, I, 226 lê-se aqui Bernardo José de Lorena mandou caçar a [ilegível], segundo consta do ladrão que esta no seu [ilegível]: a isto se reduz toda a minha sciencia. Na [ilegível] citada e na de Cleto que num atto, V. conhecedor da localidade, encontraram muita coisa imperceptível a um alienígena.

[ilegível] si Saint-Hilaire trouxe ou não a Santos. [ilegível] fez a viagem o inglez [ilegível]; fala com certeza num viajante dos Estados Unidos, cujo nome não me acordo agora: estava em S. Paulo no tempo da regência e deixou uma narrativa interessante. Disse-me o velho e bondoso [ilegível] que neste livro costuma matar os [ilegível] do Brasil.

[ilegível,...] prometeu-me a collecção da Rev. do Inst. do Rio Grande do Norte; V. a receberá si elle cumprir a palavra.

Remeto o catalogo das publicações da Bibl. Nac.; convem adquirir os Annaes.

Li em tempo [ilegível] de Martim Francisco; a nova edição do Inst. não conheço: vou-me [ilegível]. Tendo quanto [ilegível,...] a leitura.

Direi o mesmo do que [ilegível] Oliveira Lima? Não será elle o Cabo Bojador de D. Henrique e seus contemporâneos do descobrimento?

Felizmente Eduardo esta vingado e revigorado. Só a [ilegível] 190 do injusto D. João VI, e incidentemente, lembra-se o autor de [ilegível]. Principe Regente [ilegível] na Bahia e a abertura dos portos do Brasil ao commercio das nações amigas.

Estive procurando no Inst. um ligeiro catalogo de manuscritos guardados na Propaganda [ilegível] em Roma, informações dos capuchinhos italianos, algumas [ilegível] a S. Paulo.

[ilegível] Capuchinhos francezes, si entre elles figurar Th. de [ilegível], autor de uma memoria sobre o rio do São Francisco em fins do século XVII, que pode ser capital para a nossa etnographia e até para nossa [ilegível]. Conheço apenas por uma referencia de Pe Martin de Nantes em sua missão entre os Carirys, [ilegível] há poucos annos.

Falei a Magalhães de Azeredo que mandasse pedir informações para as copias [ilegível]. Eu adiantarei umas duzentas ou trezentas liras que a Bib. Nac. me restituiria. Prometteram-no [ilegível] mas tem tido uma carreira tão fácil e tão próspera que seu egoísmo há de ser inexpugnável.

[ilegível] na Propaganda é [ilegível]. Um americano yankee que [ilegível,...] em Roma, referiu a um meu amigo nunca [ilegível,...]. Si isto for verdade nosso homem goza de verdadeiro prestígio. Não si [ilegível] por si, valha a verdade: incitam-o a meu pedido o secretario de legação Figueira de Mello, [ilegível,...]. Chili.

Secretário em Roma, não sei si junto ao Vaticano, si junto ao [ilegível], é um de Afrânio. Provavelmente o Brasil não o [ilegível].

Acabo de receber o aviso da chegada do Southey.

Creio que só o primeiro volume foi reimpresso. Si não estou enganado. [ilegível] Cabral assegura-me que elle fez a recuperação por cima da carta de Caminha.

Muito me alegrou a noticia de sua próxima vinda.

A situação da Bahia é de tal ordem que só conheço dois homens capazes de [ilegível]: Hermes e [ilegível]. Há de prender ainda muitos dias o Calógeras: em todo caso a 18 pretendo partir para Caxambu.

Bien à vous,

C.

Rio, 4 de março de 1920.”

CAPP-3

“Paulo amigo,

Desde 5ª estava na Gávea, na chácara de Pires Brandão, fazendo companhia a Said Ali, que anda um pouco [ilegível]. É uma das maravilhas do Rio. V. quando quizer passar um [ilegível,...] venha, si puder ficarei com V. a temporada. As copias da Bib. Nac. estão se fazendo. O copista, Pirilo Gomes, é moço de talento, esse V. verá do [ilegível,...] que remeterei. Vai adquirindo pratica e, como tem muito [ilegível,...], irá sempre melhorando.

Aos [ilegível] falta a comparação de dois [índios?] que já deviam estar há quinze dias. Vou agora fazer a introdução, que há de vir de pressa, porque preciso de sahir do Rio.

Junto a ficha de [ilegível]. Aonde estava Paulo Prado editor pus ex sumptibus Paulo Prado para Monteiro Lobato não assumir ares de plagiado. O [ilegível] de Ex sumptibus etc; Há de ser mudado porque está [ilegível].

A viagem do governador foi objeto de alguns artigos de Taunay, que [ilegível] copia de Mse. e de mappas: [ilegível] si o mse é propriedade deste ou do Museu. O livro de Pastells não está à venda aqui; posso encomenda-lo na Briguier; si V. tiver pressa, cederei meu exemplar e ficarei com o que vier.

Não li a carta do Conselheiro: bastava-me a conclusão. Procuram-la qualquer [ilegível] dias.

No Jornal de depois d'amanhã deve sahir uma nota minha sobre Said Ali, que vai receber o prêmio Alves.

Apenas a introdução esteja escrita [ilegível] para Pedras Altas.

Bien à vous,

C.

Terça-feira dia de Santa Luzia.

Que noticiar na do [ilegível]? Ira embora sem que nos encontramos?"

CAPP-4

“Paulo amigo,

Estou curioso pelo número d' O Estado que trará seu artigo.

O estudo dos caminhos é sedutor. A ele devo o pouco que aprendi da História do Brasil.

O dia de hoje será famoso si me entregarem as provas finais do prólogo, segundo [ilegível]. Para mim vale só como um [ilegível] na questão do rio de São Francisco. Ainda não a resolvi, mas o problema ficará agora mais claramente posto ou exposto ou imposto.

Na próxima semana estará impresso o volume.

Diga-me o que devo fazer dos volumes [ilegível] nos entregaram [ilegível]?

[ilegível] originais para as Denúncias já estão todos em meu poder. Devo começar? A typographia não será mais a do Jornal do Commercio, porem a dos Gabaglia, Sussekind de Mendonça, que possuem a livraria científica, rua D. José 114.

Isto, porem, é secundário, [ilegível] o saldo a pagar, que ainda não conheço. O principal é que V. terá de vir do palanque para a arena.

V. está condemnado a accoucher de duas almas:

1ª a publicação dos documentos que o Pirillo tem copiado e continuara a copiar. Começam em 1650 e tantos, e [ilegível] darão um bom volume até 1780, fim do domínio do caminho do mar. V. ficara com a introdução, o índice onomástico...

2ª a publicação das copias de jornaes que Pirillo está fazendo: [ilegível] alta novidade, um documento de historia contemporânea!

Pode tomar-se assim 1889 como [ilegível] quem.

Você poderia completa-lo com a imprensa paulista.

Isto fica para mais tarde.

Creio que a impressão da primeira parte V. poderá começar em maio, quando entra nos 54 (nove fora...)

Arrojado é esperado a 20 de Outubro: quer dizer que a viagem do Ceará está [ilegível], ao menos por esta vez. Pretendo ir às aguas de Caxambu, apenas liquidar o caso da Inquisição [ilegível] que isto [ilegível] domingo 8, em todo caso espero não [ilegível] 12.

Fui hontem procurar o Lisboa no Palace Hotel. Disseram que devia estar na Glória.

Ao chegar em casa achei o Campbell. Estou lendo o prologo, daqui tenho gostado.

E...

Ergebenst,

C.

Rio, 30 de set 22 – 101.

Collectanea Eduardo Prado

Paulisticas (1654/1700) por Paulo Prado

Paulisticas (1808/1809) por Paulo Prado.”

CAPP-5

Paulo amigo,

Como lhe escrevi, já tinha lido o artigo Am. Am.³²⁶ no mesmo dia da publicação. Reduz-se a uma [ilegível,...]: Olhe para o Siciliano, para o [ilegível], para o Matarazzo: é a sua gente; deixe-os de plumitivo; mas olhe para as bandas da Academia.

Vim expelir acido úrico e si a [ilegível] for bom sinal, vou a bom caminho.

Vim [ilegível] um pouco porque este tem sido o anno da flauta.

Entre poucos livros trouxe a Chronica de Simão de Vasconcelos. Já li quase dois terços e tenho lucrado, apurando espécies que tinham escapado ou esquecera.

Encomendei da Bahia as Cartas de [ilegível], em dois volumes, que acabou de ser impresso em dois volumes: tem muita novidade.

Até hontem era o único hospede do Hotel [ilegível] Nunes. Hontem entraram quatro; outros estão [ilegível].

Ficam até 12 de novembro. Voltarei por Baependy e estarei no Rio a 16 ou 17.

Vou escrever a Pirillo para procurar na Bib. Nac. documentos sobre os Emboabas.

Ergebenst,

C.

Caxambu, 16 de outubro 22.”

³²⁶ Amadeu Amaral

CAPP-6

“Paulo amigo,

Remetti hoje seu segundo artigo. A ultima parte [ilegível] de 11 de agosto [ilegível] 7 de setembro, não reli. Melhor andaria V. lendo Allincourt e Saint Hilaire para ver como o job que V. pinta desgafou [sic].

Já hontem mandei trez assinaturas ao Prof. Franz Boas; acabo de receber duas, tenho promessas de duas, pagos uma amanhã, outra sexta-feira. Ça marche. Breve chegará a vez de São Paulo.

Gentil não achou umas notas que lhe serviriam para a cidade e capitania do Rio. [ilegível] o para em um artigo sobre o Diario de Pero Lopes, que aceitou [ilegível]. Vamos ver [ilegível] elle, o Calixto e o Sampaio. Tenho promessa de um artigo de Miguel Osorio para S. João; devo receber talvez amanhã um artigo de Leite Ribeiro, que dizem muito competente, sobre a evolução das entradas. Arrojado ainda tem ahi dois, como me disse.

Nada posso [ilegível] contra a proposta de Mont. Lob. acceita com as duas mãos. Resta a questão dos typos especiais; e~, i~, u~, y~, a°, ö e de grifos, porque a parte bacaery devia ser toda grifada como foi o do caxinauá. Annunciam-me que estão a chegar dos Est. Unid. os typos necessários à impressão das Denunciações e que podemos começar dentro de poucos dias.

A conclusão já V. tirou: não irei a Caxambu.

Irei, porem, a São Vicente em abril quando a filha do Jaguaribe casada com Ekman cumprirá as bodas de prata, tomarei banhos de mar e não é impossível que, como qualquer João Ramalho, suba a serra.

Said Ali, [ilegível,...] 61, reclama dois exemplares dos números em que sahirem artigos. Não o faria si os encontrasse à venda.

Mande também a J. Lucio de Azevedo, Av. de Berne 21, 2º andar, Lisboa. Pedi-lhe artigos sobre os correspondentes de Vieira e espero os mandará.

Elysio de Carvalho descobriu uns artigos meus de 1878 sobre Varnhagen e estampou-os na sua revista. Muito custa dar sumiço a um [ilegível] Como V. pretenderei [ilegível,...].

Carnaval, Pirilo guardou cadernos de copias para lhes entregar em Rio. Vou dizer-lhe que os remeta pelo Correio.

Ergebenst,

C

Rio, 21 de fev 23 CII

Procurei na Rev. Bras. De José Verissimo, vol 3º e 4º meus artigos sobre Bacaeris que ele darão todos [ilegível,...]”

CAPP-7

Paulo amigo,

Grande surpresa tive hontem na Briguiet quando me entregaram a copia de Fernão Dias. Julgava-a em S. Paulo.

Reli-a novamente: há duas ou trez convicções evidentes: particular e não [ilegível], e [ilegível] e não irão; há umas palavras incorrigíveis como as que qualificam porcos. O mais difficil é [ilegível] as phrases. Mande copiar segundo os sinaes, e poderá ser estudada melhor a questão. Sabia escrever mal o seu patricio.

Ao seu artigo, também incluo, apenas como autoridade eclesiástica, juntarei Nihil Obstat. Voce podia alongar-se, mas no que deu pareceu-me ter acertado.

Gigante de Pedra véspera de Santa Preguiça, 1925.

Ergebenst,

Dr JN.

CAPP-8

“Paulo amigo,

Estão muito adiantados as cartas geographicas do diário de Pero Lopes; si a typographia for no mesmo passo, acelerará o Eugenio no desejo de entregar-lhe um exemplar a seu

desembarque. A [ilegível] de documentos agora impressos em Lisboa ainda mais cresce a importância da photographia de Londres.

Repito minha encomenda:

Na Inglaterra Wells³²⁷ encadernado, [ilegível] aqui V. tem em fascículos.

Na França A. Giry³²⁸, Manuel de diplomatique (um [ilegível]); na Alemanha Frederici sobre o descobrimento da América.

Junto agora

Kürschners Deutscher Gelehrten-Kalender, 1926.

Ergebenst,

João Ninguém

Rio, 6 de junho – um mez depois da separação

Título do livro de G. Friederici³²⁹

Der Character der Entdeckung und Eroberung Amerikas

[ilegível], Stuttgart, 1925.”

CAPP-9

Paulo amigo,

Disse-me Berlinck que já enviou a typographia de Manuel de Paiva. Encommendei a tradução americana de Gandavo. Contem a História, o Tratado traduzidos, o fac símile da 1ª edição da Historia, de que se conhecem. Oito exemplares, muitas notas. Calogeras que examinou o livro acha-o de primeira ordem. Infelizmente custa 175\$. Direi a Briguiet que lhe remetera com o recibo. Você o receberá quando eu tomar certos apontamentos. Como verá a obra consta de dois volumes.

Sem aproveitar a ausência do Cruzeiro?

³²⁷ Herbert George Wells (1866-1946) foi um escritor inglês.

³²⁸ Arthur Giry (1848-1899) foi um diplomata e historiador alemão.

³²⁹ Georg Friederici (1866-1947) foi um etnólogo alemão.

O primeiro catecismo da língua geral de Antonio de Araujo existe na Bib. Nac. de Lisboa, talvez o único exemplar existente.

Respondendo a pergunta escreveu-me João Lúcio:

Vi o Catecismo do Padre Antonio de Araujo. É um volume de 371 páginas de texto e 9 de índice, formato pequeno. Pela tabela custará photographalo cerca de 7000 escudos. Como, porem, se trata de obra completa e não de páginas avulsas farão o preço de 1500 a 2000 escudos. A tabela [ilegível] de 20 escudos por página.

Que me diz? Que decide?

Uma boa noticia: [ilegível] e esta sendo copiado um volume das Confissões do Santo Officio em Pernambuco.

Não há de ficar atraz do da Bahia?

Até quando? Graças as chuvinhas, o calor [ilegível] um pouco.

Ergebenst,

JN.

Tegurio, dia de Tomé”

CAPP-10

“Paulo amigo,

Puz no correio seu segundo artigo. Ao [ilegível] à margem juntarei as seguintes:

Martius num artigo da Rev. Trim. [ilegível], que nunca se perde em reler, recomenda que se escreva nossa história por grupos. As capitancias foram separando-se, crescendo em número, mas sua unidade inicial não se obliteraram totalmente.

Basilio de Magalhães fez o contrário; dispersava as bandeiras em não sei quantos cyclos. Não sei si Affonso fez o mesmo no mappa [ilegível] não pude examinar.

Seguindo Martius distingo:

a. bandeiras paulistas, ligando o Paraná ao Paraguai, e pelo Guaporé, Madeira, Tapajós e Tocantins atingindo o Amazonas (o Xingu, pelas más condições de navegabilidade, nunca foi

frequentado) ; bandeiras paulistas, ligando o Paraíba ao São Francisco, ao Parnaíba e Itapicuru até o Piauí e Maranhão por um lado; ligando o São Francisco, o Doce, o Paraíba, ao Paraíba do Sul, galgando a serra dos Órgãos, para terminar na Guanabara; bandeiras paulistas, entre a serra do Mar e o Paraná, todas elas atravessando o Uruguai para o Rio Grande do Sul;

b. bandeiras baianas, ligando o São Francisco ao Parnaíba e chegando ao Maranhão pelo Itapicuru; bandeiras baianas, ligando o São Francisco ao Tocantins; bandeiras baianas, que indo do Serro e Minas Novas, procuravam o Rio pelo caminho da terra do ouro;

c. bandeiras pernambucanas entre o Capibaribe e serra de Ibiapaba, muito menos importantes que as duas anteriores, traçadas a menor distância do litoral, pelo sertão “de fora”, recebendo muita gente diretamente do litoral, subindo os rios que nele desembocam;

d. bandeiras maranhenses, de pouco alcance, ligando o Itapicuru ao Paraíba e São Francisco, e o Parnaíba às terras aquém do Ibiapaba;

e. bandeiras amazônicas, que pelo Madeira se ligaram às de São Paulo; alcançaram os limites do Javari e ocuparam a Guyana.

Os bahianos trataram sobretudo do gado vaccum, sem o qual seriam impossíveis entradas numerosas e demoradas.

A pesquisa de metais teve contra si a falta de mineradores. [ilegível,...] de Gabriel Soares, tão cuidadoso na organização de sua empresa; [ilegível] no governo de Diogo Botelho e no de D. Francisco. Senão rara era um [ilegível] mostra bem a historia de um mineiro do tempo de D. Rodrigo [ilegível], carregado em rede pelo sertão.

Conhecer pedras preciosas era mais fácil do que metais; por isso deles acharem tantas noticias [ilegível] Fernão Dias.

Porque no principio procuravam-se [ilegível] prata do que ouro? Talvez [ilegível,...] do Perú.

Os Incas já tinham transposto os Andes: não sei bem em que ponto da trajetória appareceram vestígios [ilegível].

Logo que os viajantes transandinos alcançaram o Paraguai entraram no domínio da língua geral. Mesmo antes porque o Chiriguanos [ilegível] muito para Oeste. Assim se explicam os motivos de grandes [ilegível], primeiro mencionada na Gazeta Allemã de 1514.

Um caso referido por Frei Vicente pode prestar-se a commentários. Refere ele que amanheceu morto uma pessoa que deu noticia de ouro; isto insinua certo grau de sobrenatural.

No Diário de Pero Lopes nunca deixa Eugenio de trabalhar, mas a typographia promette começar a paginação. Si o fizer V. terá muito que [ilegível,...] esparecer.

No Rio Grande há duas revistas que V. pode encommendar ao Felisberto: a do Instituto Historico e a do Arquivo.

Saudades,

Tegurio, 10 a janeiro.

C”

CAPP-11

“Paulo amigo,

As apurações devem ter sido um [ilegível] para o Conselheiro. Esperamo-lo pois para maio ou junho e [ilegível] baixuras produzam o resultado de costume.

Ainda não vi Natal depois da investida no [ilegível] democrático. Vejo indicado entre seus companheiros de valor.

Sobre o descobrimento do Brasil:

- a) Caça e pesca, frutos da terra, base da alimentação. Exporta-se escravos, madeira e animais. (Nau Bretoa)
- b) Distinguem-se alguns entre os colonos e formam casas suas. Neste primeiro período predominava a economia nativista. A casa grande, como ainda existem modificada, mas ainda recognecivel em nossos sertões mais atrazados, pouco compra: sal, e o pagamento faz-se em gêneros, não em dinheiro de contado, ferramentas, fazendas. Em civilisações mais rudimentares produtor e consumidor são idênticos: Bücher chama a isto de economia fechada ou doméstica. Começa então a agricultura de gêneros exportáveis, o assucar, o fumo, etc.

Desta phase é característico o gado miúdo – gailinhas (federvieh allemão) porcos, cabras, ovelhas; equinos e bovinos ainda raros. A criação de gado graúdo em grande proporção

quando se abriu os sertões, donde o gado é levado aos centros de consumo pelo próprio [ilegível].

Só depois da prospera a criação podiam ser tentadas as minas. Antes morreriam de fome os mineiros do deserto. O Soldado da Índia prova que os desalmados do [ilegível] seriam elemento indispensável das entradas. Sujeitos que não tinham eira nem beira, nem galho de figueira para enforcar-se, nada tendo a perder só tinham a ganhar.

As bandeiras paulistas distinguem-se das coirmãs no seguinte: São Paulo estava [ilegível] das vias comerciais, por isso o elemento alienígena não contava tanto: eram mais nacionais as bandeiras paulistas devido aos factores indígenas.

Eugenio não pretende continuar na marinha activa, em que suas pretensões não tem conta; a folha corrida seria apenas um gesto para mostrar que não é defunto sem navio. Não communiquei a ele meu pedido.

[ilegível,...] escreveu um romance e que romance!

A Cidade do Sol...Para theosophia...

Ergebenst,

JN

Tegurio, 29 de março 27”